

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Faculdade de Letras

**“Aí” sequenciador na fala espontânea:
fraseamento prosódico e entoação no português brasileiro**

Vitor Gabriel Caldas

Rio de Janeiro

2018

**“AÍ” SEQUENCIADOR NA FALA ESPONTÂNEA:
FRASEAMENTO PROSÓDICO E ENTOAÇÃO NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO**

Vitor Gabriel Caldas

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Ribeiro Serra

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2018

CIP - Catalogação na Publicação

C145" Caldas, Vitor Gabriel
"Aí" sequenciador na fala espontânea: fraseamento prosódico e entoação no português brasileiro / Vitor Gabriel Caldas. -- Rio de Janeiro, 2018.
93 f.

Orientadora: Carolina Ribeiro Serra.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras Vernáculas, 2018.

1. Linguística. 2. Fraseamento prosódico. 3. Entoação. I. Serra, Carolina Ribeiro, orient. II. Título.

“Aí” sequenciador na fala espontânea:
fraseamento prosódico e entoação no português brasileiro

Vitor Gabriel Caldas

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Ribeiro Serra

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Examinado por:

Presidente, Profa. Dra. Carolina Ribeiro Serra - Orientadora

Profa. Dra. Flaviane Romani Fernandes-Svartman – USP

Prof. Dr. João Antônio de Moraes – UFRJ

Prof. Dr. Gean Nunes Damulakis – UFRJ, Suplente

Profa. Dra. Cláudia de Souza Cunha – UFRJ, Suplente

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2018

RESUMO

“AÍ” SEQUENCIADOR NA FALA ESPONTÂNEA: FRASEAMENTO PROSÓDICO E ENTOAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Vitor Gabriel Caldas

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Ribeiro Serra

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Nesta dissertação, observamos o fraseamento prosódico do item sequenciador “aí”, no português brasileiro (dialeto carioca). O *corpus* consiste em dados de fala espontânea, gravado exclusivamente para esta pesquisa, e em entrevistas do *corpus* do Projeto InAPoP (*Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese*). A pesquisa se fundamenta em duas teorias fonológicas: a Fonologia Prosódica e a Fonologia Entoacional Autossegmental e Métrica. As características investigadas dizem respeito ao contorno melódico utilizado para a demarcação dos sintagmas entoacionais (IPs) e a verificação da (possível) ocorrência e duração de pausa antes e/ou depois de “aí”. Os resultados mostraram que: (i) o item é mais frequentemente (84%) prosodizado de forma integrada ao IP seguinte, funcionando como a primeira palavra prosódica dessa unidade, constituindo sua região pré-nuclear; (ii) o contorno nuclear do IP anterior a “aí” predominantemente (57,7%) apresenta o movimento melódico típico das assertivas neutras no português /HL* L%/; (iii) em contextos em que o falante narra acontecimentos que ocorrem em cadeia, é possível observar a presença de fronteiras altas/ascendentes /(L)H%/ no IP anterior a “aí”; (iv) o acento tonal mais frequente (43,9%) sobre “aí” é /LH*/; e (v) nos casos em que “aí” forma um IP independente, o tom de fronteira alto/ascendente /(L)H%/ é mais frequente (89,3%), o qual caracteriza o contorno continuativo no PB. A análise estatística inferencial mostrou que: (i) há maior probabilidade de ocorrência de acento tonal sobre “aí” nos dados em que o item possui uma duração maior do que naqueles em que o item é mais curto; (ii) há uma tendência de a duração de “aí” ser mais longa quando o item constitui um IP independente; e (iii) a ocorrência e duração das pausas antes de “aí” tendem a ser maiores relativamente àquelas que ocorrem depois do item.

Palavras-chave: “aí”; fraseamento prosódico; fala espontânea; interface prosódia-sintaxe.

ABSTRACT

CONNECTOR OF SEQUENCE “AÍ” IN SPONTANEOUS SPEECH: PROSODIC PHRASING AND INTONATION IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Vitor Gabriel Caldas

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Ribeiro Serra

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

In this Dissertation, we analyze the prosodic phrasing of the connector of sequence “aí”, in Brazilian Portuguese (carioca dialect). The *corpus* consists on data retrieved from spontaneous speech, recorded exclusively for this study, and from interviews from the *corpus* of the InAPoP Project (*Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese*). The study is based on two phonological theories: the Prosodic Phonology and the Autosegmental Metrical Intonational Phonology. The cues investigated are related to the melodic contour used in the marking of intonational phrases (IPs) and the observation of the (possible) presence and duration of the pause before and/or after “aí”. The results showed that: (i) the item is more frequently (84%) phrased integrated to its following IP, working as the first prosodic word of this domain, in its pre-nuclear position; (ii) the nuclear contour of the IP before “aí” typically (57,7%) presents the melodic movement of neutral declarative sentences in Portuguese /HL* L%/; (iii) in contexts in which the speaker narrates events that occur successively, it is possible to verify the presence of high/ascending boundaries /(L)H%/ in the IP before “aí”; (iv) the pitch accent more frequently (43,9%) associated to “aí” is /LH*/; and (v) when the form “aí” constitutes an independent IP, the high/ascending boundary tone /(L)H%/ is more frequent (89,3%), which characterizes the continuous contour in BP. The statistical analysis showed that: (i) there is a higher probability of occurrence of a pitch accent associated to “aí” when the form is longer than when it is shorter; (ii) there is a tendency that the item is longer when it forms an IP of its own; and (iii) the occurrence and duration of the pauses before “aí” tend to be higher/longer compared to those that occur after the item.

Key-words: “aí”; prosodic phrasing; spontaneous speech; prosody-syntax interface.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais e minha irmã por terem sempre apoiado e acompanhado a minha trajetória acadêmica desde a Graduação até aqui. Agradeço também a todos da minha família que torcem pelo meu sucesso.

À Carolina Serra, devo os meus sinceros agradecimentos pela orientação atenciosa que me dispensou durante todo o Mestrado. À Dinah Callou, agradeço pela honra de compartilhar um pouco de seu conhecimento nos momentos em que estávamos juntos.

Agradeço às minhas colegas da sala F-312, Aline, Ingrid, Mayra, Vivian e Karilene, por terem dividido comigo risadas e agonias não só na Faculdade de Letras, mas também nas viagens para congressos. Devo agradecer também às colegas Priscila e Manuella pelos momentos de alegria que compartilhamos.

Aos meus professores durante o Mestrado, agradeço por contribuírem para a expansão e aprofundamento do meu conhecimento científico sobre diversas questões linguísticas.

Agradeço de coração aos professores João Moraes, Flaviane Fernandes-Svartman, Cláudia Cunha e Gean Damulakis por terem aceitado participar da banca desta dissertação.

Às dez falantes, que me emprestaram um pouco de sua voz, agradeço imensamente pela participação, sem a qual não teria sido possível realizar esta pesquisa.

Ao CNPq, pela concessão da bolsa de Mestrado, que permitiu o desenvolvimento da minha pesquisa.

Por fim, agradeço a todos aqueles que me ajudaram durante o Mestrado.

*“It’s no use going back to yesterday, because I was
a different person then.”*

Alice’s Adventures in Wonderland (p. 91)

(Lewis Carroll)

SINOPSE

Análise do fraseamento prosódico do item sequenciador “aí” com base em dados de fala espontânea, sob a perspectiva da Fonologia Prosódica e da Fonologia Entoacional Autossegmental e Métrica.

SUMÁRIO

Índice de Figuras, Tabelas e Gráficos	xi
Capítulo 1: Introdução	14
Capítulo 2: O sequenciador “aí”: o que diz a literatura	17
2.1. “Aí” nas Gramáticas Tradicionais	18
2.2. “Aí” na Linguística Teórica.....	19
2.3. Aspectos sintáticos e discursivos gerais de “aí”	30
Capítulo 3: Fundamentação Teórica	31
3.1. Fonologia Prosódica	31
3.2. Fonologia Entoacional Autossegmental Métrica.....	36
Capítulo 4: Metodologia	40
4.1. Recolha e tratamento do <i>corpus</i>	40
4.2. Passos metodológicos	43
Capítulo 5: Análise e Discussão dos Resultados	50
5.1. Fraseamento prosódico de “aí”	50
5.2. Contorno nuclear do IP anterior a “aí”	56
5.3. “Aí” no pré-núcleo.....	61
5.4. Contorno nuclear sobre “aí”	64
5.5. O papel das pausas.....	67
5.6. Estatística Inferencial	69
Capítulo 6: Considerações Finais	76
Referências bibliográficas	78
Anexo único	84

Índice de Figuras, Tabelas e Gráficos

Figuras:

Figura 1: Quadro dos sinais conversacionais verbais (MARCUSCHI, 1986, p. 68)	20
Figura 2: Esquema reproduzido conforme o que consta em Martelotta (1994, p. 33)	23
Figura 3: Quadro referente ao processo de gramaticalização do operador argumentativo “aí”, reproduzido conforme o que consta em Martelotta (1994, p. 33)	25
Figura 4: Hierarquia dos constituintes prosódicos (elaboração própria)	32
Figura 5: Constituição fonológica de enunciado (CALLOU & SERRA, 2012)	34
Figura 6: Inventário de eventos tonais do inglês de acordo com a proposta inicial de Pierrehumbert (1980).....	37
Figura 7: Padrão entoacional de sentença assertiva neutra no PB (MORAES, 2008, p. 389) .	39
Figura 8: Representação dos acentos tonais do português de acordo com o sistema P-ToBI, extraído de < http://labfon.lettras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI/ToBI/ToBI_tr_pa.html >	45
Figura 9: Representação dos tons de fronteira do português de acordo com o sistema P-ToBI, extraído de < http://labfon.lettras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI/ToBI/ToBI_tr_bt.html >.....	46
Figura 10: Representação dos contornos nucleares do português de acordo com o sistema P- ToBI, extraído de < http://labfon.lettras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI/ToBI/ToBI_tr_nc.html >	46/47
Figura 11: Exemplo de <i>textgrid</i> anotada segundo as convenções do sistema P-ToBI, extraído de < http://labfon.lettras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI/ToBI/ToBI_cv.html >	48
Figura 12: Tabela contendo os resultados referentes aos parâmetros acústicos e entoacionais analisados	49
Figura 13: Exemplo de “aí” prosodizado como o primeiro elemento do IP em que ocorre, com pausa antes do item (Dado IC2: “O que as pessoas perguntam logo de cara. Aí ele conta com detalhes o que ele fez.”).....	52
Figura 14: Exemplo de “aí” prosodizado como um IP independente, com pausa antes e depois do item (Dado SS7: “E nenhuma das duas coisas me interessava. Aí... Eu comecei a...”).....	52
Figura 15: Exemplo de “aí” em enunciado sem fronteira melódica ou pausa antes e depois do item (Dado MF30: “Que eles vão pegando as pessoas no mar. Aí as pessoas já tão mortas, congeladas e tem um bebê inclusive, enfim...”)	53
Figura 16: Exemplo de fronteira ascendente antes de “aí” (Dado PS10: “A gente andava. Aí de repente eles começavam a correr em círculo entre a gente.”)	57

Figura 17: Exemplo de contorno nuclear do tipo /L*H H%/ do IP anterior a “aí” (Dado LM6: “Aí ele fica lendo, lendo, lendo. Aí chega um momento que ele se irrita com aquilo, né?”) ..	58
Figura 18: Exemplo de contorno nuclear do tipo /LH* L%/ do IP anterior a “aí” (Dado SC1: “E daí levei ponto e tudo. Aí tem foto.”)	59
Figura 19: Exemplo de contorno nuclear do tipo /HL* HL%/ do IP anterior a “aí” (Dado SS38: “E foi passando. E aí eu... Precisava...”)	59
Figura 20: Exemplo de contorno nuclear do tipo /L*H LH%/ do IP anterior a “aí” (Dado AR8: “E aí o cara vai subindo, vai puxando a corda. Aí quando chega lá em cima, o cara que luta esgrima deixou ele descansar pra que...”)	60
Figura 21: Exemplo de contorno nuclear do tipo /L*H HL%/ do IP anterior a “aí” (Dado JP18: “Eu já tô velho. Vai viver sua vida. Aí ela ‘Como eu vou me esquecer de você, papai?’”)	60
Figura 22: Exemplo de acento tonal do tipo /LH*/ associado a “aí” (Dado MF41: “Fazia curso de inglês fora da escola. Aí um dia assim...”)	62
Figura 23: Exemplo de acento tonal do tipo /HL*/ associado a “aí” (Dado LM32: “Ele viu que eu continuei no curso. Aí eu fui acompanhando.”)	63
Figura 24: Exemplo de acento tonal do tipo /H*/ associado a “aí” (Dado MM7: “Ela a autora da maioria dos textos que se usa nessa matéria e em algumas outras. Aí a gente fica tipo sem graça...”)	63
Figura 25: Exemplo de contorno nuclear do tipo /LH* H%/ sobre “aí” (Dado LM30: “Ou faz Pós-Graduação ou trabalha com isso. Aí... Eu fui assistindo o curso de Pós-Graduação.”)	64
Figura 26: Exemplo de contorno nuclear do tipo /HL* LH%/ sobre “aí” (Dado JS1: “Ficamos lá durante algum tempo. Aí... Por... Novamente a vida muda.”).....	66
Figura 27: Exemplo de contorno nuclear do tipo /HL* L%/ sobre “aí” (Dado MF45: “Aí fiz o vestibular. Aí... Passei e tal e...”)	66
Figura 28: Exemplo de contorno nuclear do tipo /LH* L%/ sobre “aí” (Dado MM28: “Em que áreas pode atuar. E aí... Lendo essas revistinhas, eu fui...”)	67

Tabelas:

Tabela 1: Durações das gravações do corpus e quantidade de “aís” e “e aís” analisados	42
Tabela 2: Distribuição geral da prosodização de “aí”	51
Tabela 3: “Aí” como IP independente por informante em relação ao total de “aís” como IP independente	54

Tabela 4: “Aí” como IP independente por informante em relação ao total de dados encontrados na fala da mesma informante.....	54
Tabela 5: “Aí” integrado por informante em relação ao total de “aís” integrados.....	55
Tabela 6: “Aí” integrado por informante em relação ao total de dados encontrados na fala da mesma informante	55
Tabela 7: Padrões de contorno nuclear do IP anterior a “aí”.....	56
Tabela 8: Padrões de acentos tonais associados a “aí”	61
Tabela 9: Padrões de acentos tonais associados aos “aís” integrados	61
Tabela 10: Padrões de contorno nuclear sobre “aí”	65
Tabela 11: Ocorrência de pausa.....	67
Tabela 12: Número de ocorrências de pausa antes de “aí” por falante	68
Tabela 13: Médias de duração da pausa (em segundos) antes de “aí” por falante	68

Gráficos:

Gráfico 1: <i>Boxplot</i> da distribuição geral das pausas em relação aos tons de fronteira.....	70
Gráfico 2: <i>Boxplot</i> da distribuição geral das pausas em relação às fronteiras alta e baixa	71
Gráfico 3: <i>Boxplot</i> da relação entre a duração de “aí” e a ocorrência de acento tonal associado ao item	72
Gráfico 4: <i>Boxplot</i> da distribuição geral da duração de “aí” em relação aos três tipos de prosodização	73
Gráfico 5: <i>Boxplot</i> da relação entre a duração das pausas e a sua posição.....	74

Capítulo 1: Introdução

O tema desta dissertação é o fraseamento prosódico do item sequenciador “aí” no português brasileiro (doravante PB), mais especificamente, no dialeto dito padrão do Rio de Janeiro. A forma “aí” é altamente recorrente no PB e funciona na língua falada espontânea como um elemento capaz de estabelecer sequências de eventos. A fim de ilustrar o uso desse item, fornecemos aqui uma sentença em que se observam duas orações ligadas por “aí”:

(i) O bote começa a descer **AÍ** ela fica olhando¹.

Conforme se pode notar no exemplo acima, o item “aí” liga dois eventos que ocorrem em sequência: primeiro, ocorre a descida do bote e, depois, a mulher o observa. Análises de diversos aspectos sintáticos e discursivos acerca de “aí” compõem a literatura linguística do PB sobre o assunto. Entretanto, verifica-se uma lacuna no que diz respeito a análises que descrevam a configuração entoacional e prosódica de sentenças que contêm o item. Dessa maneira, este estudo investiga os aspectos suprasegmentais envolvidos na produção de “aí” nas sentenças, em especial, no que se refere ao seu fraseamento prosódico, com base em dados de fala espontânea de dez falantes cariocas jovens (entre 20 e 45 anos), do sexo feminino e com instrução superior.

A pesquisa se fundamenta em duas teorias fonológicas formais de base prosódica: a Fonologia Prosódica (SELKIRK, 1984; NESPOR & VOGEL, 2007 [1986]) e a Fonologia Entoacional, dentro do modelo Autossegmental e Métrico (PIERREHUMBERT, 1980; LADD, 2008 [1996]), lançando mão do arcabouço teórico-metodológico da Fonética Acústica Experimental (BARBOSA & MADUREIRA, 2015), com o auxílio do programa de análise acústica PRAAT (BOERSMA & WEENINK, 2017).

Estudos como o proposto aqui, sobre a prosodização de elementos à margem da sentença, contribuem para o conhecimento acerca do fraseamento prosódico do PB, fenômeno que, de forma geral, diz respeito à segmentação do fluxo da fala em unidades entoacionais (na esteira de BECKMAN & PIERREHUMBERT, 1986, entre muitos outros). De acordo com Serra (2009), entre essas unidades são percebidas rupturas (fronteiras prosódicas), tais como

¹ Todos os exemplos apresentados nesta dissertação constituem dados do *corpus* utilizado para a pesquisa, os quais estão listados no anexo único que consta ao final desta dissertação.

pausas, de maior ou menor duração, alongamento silábico e modulação da frequência fundamental (F0) pré-fronteira.

Levando-se em consideração que o item “aí” faz parte do domínio discursivo (e não sintático) da língua e que, segundo Nespor & Vogel (2007 [1986]), elementos que não estão anexados à sentença raiz (*root sentence*²) devem constituir um sintagma entoacional (*intonational phrase/IP*) próprio, postulamos uma primeira hipótese em que o sequenciador “aí” deve constituir um IP independente:

(ii) [O bote começa a descer]IP [aí]IP [ela fica olhando]IP

Contudo, partindo da premissa de que o fraseamento prosódico de constituintes é sensível ao peso e tamanho dos constituintes das sentenças (FROTA, 2000; SERRA, 2009; FERNANDES-SVARTMAN *ET AL.*, no prelo), acreditamos que o tamanho diminuto de “aí” tem papel importante na sua prosodização. Assim, tendo em vista o tamanho do item, postulamos uma segunda hipótese sobre a sua prosodização: “aí” deve estar integrado ao IP seguinte (2º IP), constituindo a sua região pré-nuclear e funcionando como a primeira palavra prosódica (*prosodic word/PW*) dessa unidade fonológica:

(iii) [O bote começa a descer]IP [aí ela fica olhando]IP

A princípio, poderíamos postular também uma terceira possibilidade de prosodização de “aí”: o item funcionando como a última PW do IP à esquerda; entretanto, essa constituição fonológica nos parece agramatical. Observe que, no exemplo abaixo, o item “aí” não funciona como um elemento sequenciador:

(iv) *[O bote começa a descer aí]IP [ela fica olhando]IP

O principal objetivo desta pesquisa é o de contribuir para a descrição da prosodização de elementos localizados à margem das sentenças, tradicionalmente pouco investigados sob o ponto de vista prosódico-entoacional. Além disso, a partir da investigação tanto da prosodização quanto do contorno melódico sobre “aí”, objetivamos também relacionar aspectos já estudados sobre o comportamento sintático e discursivo do sequenciador “aí” com as características prosódicas que singularizam o item. Para isso, analisamos também o contorno nuclear do IP

² O conceito de *root sentence* será explicitado no capítulo 3 desta dissertação.

anterior a “aí”, o papel das pausas e realizamos uma análise estatística inferencial a fim de responder a algumas perguntas que surgiram durante a análise.

Esta dissertação está estruturada da seguinte maneira: o capítulo seguinte (O sequenciador “aí”: o que diz a literatura) busca apresentar os principais trabalhos que dissertam sobre “aí”; o capítulo 3 (Fundamentação teórica) objetiva delinear as premissas básicas que fundamentam as teorias utilizadas nesta dissertação; o quarto capítulo (Metodologia) visa a detalhar o tratamento e a recolha do *corpus* desta pesquisa e também os passos metodológicos adotados na análise dos dados; o capítulo seguinte (Análise e Discussão dos Resultados) trata dos resultados encontrados, sempre buscando estabelecer uma relação entre a análise empreendida e o que trabalhos anteriores propuseram em relação ao comportamento de “aí”; por fim, são apresentadas as considerações finais do estudo.

Capítulo 2: O sequenciador “aí”: o que diz a literatura

Conforme assinalado na Introdução desta dissertação, verifica-se uma lacuna no que se refere a estudos prosódicos acerca de itens tipicamente encontrados na língua falada, especialmente, em registros mais informais. O elemento “aí” parece integrar esse grupo de vocábulos que vêm sendo tratados na literatura linguística sob o rótulo de *marcadores discursivos*, *marcadores conversacionais*, entre outros. Dessa maneira, este capítulo contempla trabalhos relevantes sobre “aí” que focalizam apenas os seus aspectos sintáticos e/ou discursivos.

Essa apreciação se inicia por uma breve análise do que é proposto por algumas gramáticas tradicionais brasileiras, pois qualquer estudo que possui o objetivo de repensar considerações sobre determinado elemento linguístico deve buscar o que foi arrolado pela tradição gramatical.

Por ser um item típico da língua falada, os estudos realizados sobre “aí” com base na Linguística teórica se fundamentam em abordagens funcionalistas e/ou discursivas da linguagem. Parece-nos que uma abordagem formalista não seria capaz de abarcar todos os aspectos funcionais e discursivos que singularizam o elemento “aí”.

Este estudo não se compromete com categorizações propostas pelos trabalhos funcionalistas e discursivos sobre o item. A teoria prosódica que fundamenta a análise empreendida aqui pressupõe uma sintaxe gerativa; dessa forma, não podemos advogar uma classificação para “aí” que se baseie em assunções funcionais e/ou discursivas sobre o item. Esta Revisão da literatura, entretanto, é essencial para que se possa depreender os aspectos sintáticos e discursivos que singularizam o item, portanto não desprezamos qualquer análise que nos ajude a compreender melhor as suas funções.

Dentre os estudos com base na Linguística teórica, o primeiro a ser apresentado (MARCUSCHI, 1986) não se debruça especificamente sobre “aí”, porém é relevante apreciá-lo, pois nele são reveladas algumas propriedades discursivas acerca do item. O segundo trabalho (SILVA & MACEDO, 1989) diz respeito não só ao elemento “aí”, bem como a outros itens que, segundo as autoras, são tratados de forma marginal pelas gramáticas tradicionais. A tese de doutorado de Martelotta (1994) revisita a seção dos advérbios na tradição gramatical e propõe duas classificações para alguns elementos (dentre eles, “aí”) com base em seus aspectos

funcionais e/ou argumentativos. A pesquisa seguinte (TAVARES, 1999) focaliza o processo de gramaticalização de “aí”. O quinto trabalho a ser apreciado (RISSO, SILVA & URBANO, 2006) possui o objetivo de estabelecer traços definidores dos marcadores discursivos, sendo pertinente para a apreensão de algumas características do item. O último estudo (BRAGA & PAIVA, 2012) se especializa na pluralidade funcional do elemento “aí”, assim como apresenta uma proposta morfosintática para sua categorização.

2.1. “Aí” nas Gramáticas Tradicionais

Com base numa análise das principais gramáticas tradicionais brasileiras (LIMA, 1972; CUNHA & CINTRA, 1985; BECHARA, 1999) e da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), observamos que o item “aí” é classificado apenas como advérbio de lugar. Além de tratar dos advérbios tradicionalmente conhecidos, essas gramáticas, nas seções dedicadas à classe gramatical dos advérbios, reservam um pequeno espaço para tratar das chamadas palavras *denotativas*.

Os *denotadores* são vocábulos de difícil classificação e que veiculam noções variadas, tais como: inclusão, exclusão, designação, realce, retificação, situação, explicação, afirmação, negação, avaliação, entre outras. Essas palavras não são classificadas como modificadoras de verbos propriamente ditas, pois “Não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem outro advérbio.” (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 567).

A *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima (1972), apresenta mais uma razão em relação à exclusão das palavras denotativas da categoria dos advérbios. Como se sabe, advérbios são palavras que veiculam informação circunstancial, o que as difere das palavras denotativas, visto que essas têm função textual, como também assinala Bechara (1999). A *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara (1999), ressalva a função textual que as palavras denotativas carregam. O gramático afirma ainda que os denotadores não possuem relações semântico-sintáticas com as orações em que estão inseridas.

As chamadas palavras denotativas mostram que os próprios gramáticos já percebiam que alguns itens que são tradicionalmente classificados como advérbios e que são altamente frequentes na língua falada possuem comportamento e funções discursivas que os diferenciam

dos advérbios. Evidentemente, “aí” é um desses elementos, como mostraremos na próxima seção.

2.2. “Aí” na Linguística Teórica

Em seu livro *Análise da Conversação* (MARCUSCHI, 1986), o pesquisador Marcuschi trata da conversação sob um ponto de vista científico, à luz da Análise da Conversação (AC). Sabendo que “aí” é um item frequentemente utilizado nas nossas conversas cotidianas, é natural que encontremos em Marcuschi (1986) esse elemento como um dos exemplos do que o autor chama de *marcadores conversacionais*.

O rótulo *marcadores conversacionais* abrange elementos de natureza discursiva que possuem funções tanto conversacionais quanto sintáticas. Tais elementos podem ser subdivididos em três tipos: (a) *verbais*, (b) *não-verbais* e (c) *suprasegmentais*. Logicamente, “aí” se enquadra dentro do tipo “verbal”, pois, tal como explicita o autor, “Os recursos verbais que operam como marcadores formam uma classe de palavras ou expressões altamente estereotipadas, de grande ocorrência e recorrência.” (MARCUSCHI, 1986, p. 62), como é o caso de “aí”.

Outro tipo de marcador conversacional de suma importância para o trabalho empreendido aqui é o rotulado como “suprasegmental”. Um dos recursos mais relevantes para uma análise prosódica que o autor apresenta é a pausa. De acordo com o pesquisador, “As pausas podem ser curtas (micropausas), médias ou longas [...] e geralmente coocorrem com outros marcadores.” (MARCUSCHI, 1986, p. 63). Além da importância de se observar a pausa porque ela ocorre como um marcador, a investigação da presença de pausas é importante também como uma das pistas para o fraseamento prosódico, tema desta pesquisa.

Ainda sobre os “marcadores conversacionais verbais”, o autor afirma que os recursos verbais podem ser subdivididos em dois outros grupos: (a) *sinais do falante*, os quais orientam o ouvinte, e (b) *sinais do ouvinte*, os quais orientam o falante. Além disso, o pesquisador ressalta que todos esses sinais possuem funções tanto *conversacionais*, ou seja, servem para sustentar o turno, preencher pausas, concordar, discordar, entre outras, quanto *sintáticas*, servindo basicamente à ligação entre o que Marcuschi (1986), baseado em Rath (1979), chama de

unidades comunicativas (UCs). A noção de UCs corresponde ao “[...] substituto conversacional para “frase”, ou seja, é a expressão de um conteúdo que pode dar-se, mas não necessariamente, numa unidade sintática tipo frase.” (MARCUSCHI, 1986, p. 61-62). Por fim, o autor assinala que os sinais podem ocorrer em várias posições dentro de um turno ou na sequência dos turnos.

Com base em todas as características acima arroladas para os marcadores conversacionais, podemos enquadrar “aí” dentro da categoria de sinais verbais produzidos pelo falante. Essa classificação é atestada a partir da observação do quadro que apresenta os sinais conversacionais verbais mais utilizados no PB, elaborado por Marcuschi (1986) e baseado em Rehbein (1979).



Figura 1: Quadro dos sinais conversacionais verbais (MARCUSCHI, 1986, p. 68).

Ao observarmos o quadro acima, podemos notar que o elemento “aí” é agrupado na categoria de *sinais do falante pré-posicionados que ocorrem no início de unidade comunicativa*. Dessa maneira, aprendemos mais uma propriedade acerca de “aí”: esse item costuma encabeçar uma unidade comunicativa.

A primeira pesquisa que disserta especificamente sobre o elemento “aí” à qual tivemos acesso é a de Silva & Macedo (1989). O estudo empreendido pelas autoras possui o objetivo de

elencar partículas cujos uso e sentido sejam não usuais em relação às categorias previstas nas gramáticas tradicionais (dentre elas, “aí”), e lhes oferecer um tratamento sociolinguístico. Por serem itens com alta frequência na língua oral, as pesquisadoras também chamam esses elementos de *marcadores conversacionais*.

De acordo com as autoras, apesar da falta de consenso entre os autores acerca de uma definição do que seriam os marcadores conversacionais, também chamados de *marcadores discursivos*, todos concordam que esses itens “[...] estão envolvidos em macrofunções discursivas: a organização interna do discurso, em início e final de tópico, início e final de parágrafo, por exemplo [...]” (SILVA & MACEDO, 1989, p. 14). As autoras, por exemplo, citam a nomenclatura de Vincent (1983), cuja proposta define os marcadores, classificados como *pontuantes*, com base em uma série de características.

Dentre as características apresentadas, podemos apontar aquelas que parecem estar de acordo com o comportamento do marcador “aí”. Segundo a autora, os pontuantes (i) não trazem nenhuma informação ao enunciado; (ii) não são expressivos nem carregam carga semântica; e (iii) estão fora da estrutura semântica. Antes de tratar os marcadores conversacionais sob a ótica sociolinguística, as linguistas propõem uma classificação desses itens de acordo com o seu sentido, função e posição no discurso. “Aí” se enquadra no grupo dos *sequenciadores*, juntamente com “então” e “depois”.

Na seção dedicada especificamente à análise do “aí”, *O conectivo “aí” como marcador de sequência*, as autoras atestam que o item possui função semelhante à de conectivo temporal ou aditivo, comparando-o com a conjunção coordenativa aditiva “e”. Silva & Macedo (1989) afirmam ainda que “aí” “[...] funciona também como um organizador de trechos de discurso: indica sequências temporais e é um dos recursos linguísticos para indicar a mudança de assunto [...]” (SILVA & MACEDO, 1989, p. 26).

Devido à comparação com a conjunção “e”, o estudo se inspira no trabalho de Schiffrin (1986), que compara as funções de *and* e *then* do inglês. A hipótese das autoras é a de que “e” e “aí” seriam formas variantes uma da outra. Daí, nasce o tratamento sociolinguístico dado a “aí”, que busca comparar os contextos de uso de “e” e “aí”, levando em consideração variáveis linguísticas e sociais. De todos os resultados referentes à pesquisa sociolinguística, o único que nos parece relevante para esta dissertação é em relação ao tipo de sequência que “e” e “aí”

ligam. A conjunção conecta preferencialmente ações ocorridas simultaneamente (22%). Por sua vez, “e” liga mais frequentemente ações ocorridas sucessivamente (64%).

A tese de doutorado de Martelotta (1994), ancorada numa teoria funcionalista da linguagem, objetiva propor uma reanálise de alguns itens que são agrupados nas seções dedicadas aos advérbios pelas gramáticas tradicionais. A proposta do autor considera duas outras categorias gramaticais: os *circunstanciadores temporais* e os *operadores argumentativos* ou *discursivos*.

Os circunstanciadores temporais são “[...] termos que expressam uma ideia ou circunstância de tempo e que tendem a modificar todo o enunciado, o que lhes confere uma maior mobilidade na sentença.” (MARTELOTTA, 1994, p. 26). Esses elementos abrangem tanto itens não-oracionais, tais como, *hoje, agora, sempre, nunca*, quanto itens oracionais, como as orações tradicionalmente classificadas como subordinadas adverbiais temporais.

Os operadores argumentativos correspondem a “[...] termos que a gramática tradicional considera elementos meramente relacionais, ou palavras denotativas [...]” (MARTELOTTA, 1994, p. 26). Conforme já foi apontado na seção destinada à apreciação do que as gramáticas tradicionais propõem acerca da categorização de “e”, esse item é classificado sob o rótulo de palavras denotativas. Focalizando o aspecto discursivo de elementos como “e”, o autor classifica esses itens com base na sua função argumentativa, diferentemente da tradição gramatical, da linguística estruturalista e da linguística gerativa, as quais possuem como foco os aspectos formais dos itens linguísticos.

O pesquisador não se detém apenas à análise de “e”, abordando também outros elementos categorizados como operadores argumentativos e que podem expressar circunstância de tempo, a saber: “logo”, “depois”, “então”, “ainda” e “já”. Para empreender a sua interpretação, o autor faz uso da teoria da gramaticalização/degramaticalização, com base no que está proposto em Heine *et alii* (1991), Traugott & Heine (1991) e Sweetser (1990).

De acordo com Martelotta (1994), a gramaticalização é um processo diacrônico segundo o qual elementos linguísticos que não são gramaticais adquirem um estatuto gramatical, tornando-se mais regulares e mais previsíveis e, sendo assim, governados por restrições da gramática. Por outro lado, a degramaticalização constitui o processo inverso, que ocorre em sentido oposto, ou seja, um elemento linguístico gramatical começa a apresentar

comportamentos imprevisíveis, violando restrições gramaticais e, dessa maneira, retornando ao discurso.

De acordo com o autor, Heine *et alii* (1991) propõem que o processo de gramaticalização transporta elementos linguísticos de um domínio mais concreto para um mais abstrato. No caso dos operadores argumentativos, essa transposição costuma obedecer à trajetória espaço > (tempo) > texto. Isso significa que os elementos que passam por esse percurso partem de um domínio espacial para um textual, podendo antes transitar por um domínio temporal. O esquema a seguir, extraído de Heine *et alii* (1991, p. 182; *apud* MARTELOTTA, 1994, p. 33), ilustra o processo de gramaticalização característico do uso dos operadores argumentativos:

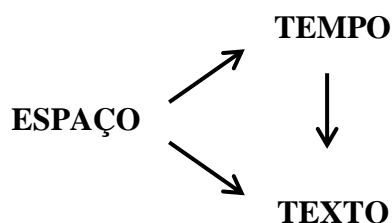


Figura 2: Esquema reproduzido conforme o que consta em Martelotta (1994, p. 33).

A trajetória espaço > texto geralmente se materializa através do fenômeno da anáfora. A anáfora constitui uma das estratégias endofóricas de coesão referencial para fins de retomada de elementos que já foram mencionados em outro momento do texto. Como em muitos casos a separação entre usos exofóricos e endofóricos é muito tênue, as duas noções passam a se confundir e daí emergem usos em que elementos dêiticos servem a remissões tanto anafóricas quanto catafóricas. Martelotta (1994, p. 34) apresenta um exemplo extraído do *corpus* Censo no qual o espacial dêitico “aí” é usado como elemento anafórico:

“(1) I: ... a não ser um caso especial em que há necessidade de fazer aborto, certo? A pessoa não pode ter o filho. Pegou, mas, se ficar, vai morrer a pessoa, então, vamos fazer o aborto para salvar a pessoa. Aí eu concordo. Neste ponto de vista, certo?”

(MARTELOTTA, 1994, p. 34)

Em (1), o elemento “aí” faz remissão anafórica a uma informação mencionada anteriormente. De acordo com o autor, “Aí, neste caso, equivale a neste ponto de vista.” (MARTELOTTA, 1994, p. 34).

Conforme demonstrado, o “aí” *dêitico* dá origem ao “aí” *anafórico*. A partir dessa transformação, o autor argumenta que o “aí” anafórico gera o “aí” *sequencial*, nosso objeto de estudo nesta dissertação. De acordo com o pesquisador, o “aí” sequencial origina outros dois tipos de “aí”: “aí” *introduzindo informações livres* e “aí” *conclusivo*. Além desses, o linguista ainda propõe outros dois usos para o item: “aí” *como elemento modificador de substantivos* e “aí” *em degramaticalização*. Como este trabalho possui como foco somente o chamado “aí” sequencial, cabe fazermos aqui uma apreciação a respeito apenas desse uso do elemento.

Martelotta (1994) assinala que o “aí” sequencial constitui um tipo especial de “aí” anafórico. Conforme o próprio nome já diz, o “aí” sequencial funciona como um elemento sequenciador de eventos. Para fins de exemplificação, reproduzimos o trecho a seguir, extraído do *corpus* Censo, conforme o que está presente em Martelotta (1994, p. 103):

(2) “I: Era uma vez uma formiguinha que estava andando. Aí a cigarra tocava violão. Aí ele falou assim: “vai vim o inverno aí, cigarra, por que você não procura comidinha para você?”. Aí ela: “Ah, não, o inverno está muito longe. Não vou procurar não, porque eu não vou ficar perdendo tempo. Eu vou tocar minha viola. Aí o inverno chegou, estava frio, procurando comida. Aí as formiguinha tudo cantando na casa dela. Bebendo, comendo. Aí ela bateu na porta. Aí as formiguinha pegaram ele, botaram o pé dele na água quente. Aí ele bebeu, dançou, tocou a viola. É só isso.”

(MARTELOTTA, 1994, p. 103)

No exemplo (2), os casos de “aí” sublinhados têm a função de dar sequenciamento aos eventos narrados pelo informante. Com base neste exemplo, podemos entender também a razão pela qual o autor considera que o “aí” sequencial corresponde a um tipo de “aí” anafórico, visto que o uso do item sempre faz referência a um momento anterior no tempo ou a um ponto no discurso. Vale observar também que a unidade encabeçada pelo “aí” sinaliza que o evento seguinte ocorre no momento em que o anterior se conclui.

Por fim, reproduzimos a seguir o quadro elaborado pelo autor esquematizando a trajetória do processo de gramaticalização pelo qual os cinco principais tipos de “aí” passaram.

QUADRO REFERENTE AO PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO

DO OPERADOR ARGUMENTATIVO AÍ.

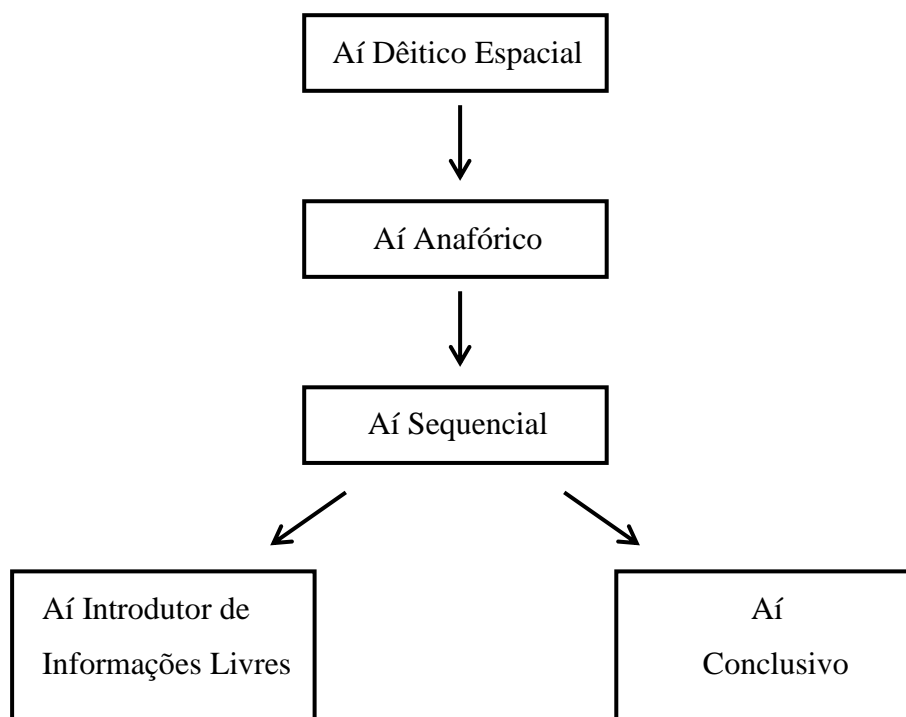


Figura 3: Quadro referente ao processo de gramaticalização do operador argumentativo “aí”, reproduzido conforme o que consta em Martelotta (1994, p. 33).

Adotando o mesmo aparato teórico do estudo que acabamos de considerar, Tavares (1999) apresenta um trabalho que focaliza apenas a gramaticalização de “aí” como conectivo de sequenciamento temporal.

De acordo com a autora, o “aí” conector sequenciador temporal deriva do “aí” anafórico temporal. Como, em geral, elementos que passam por um processo de gramaticalização conservam traços que os caracterizavam, o “aí” que funciona como conjunção de sequenciação temporal carrega o traço anafórico, pois introduz eventos sucessivos a eventos anteriores.

A pesquisadora também detalha outras funções conectivas desempenhadas pelo “aí” sequenciador temporal, sendo elas introdutor de efeito, sequenciador textual, retomador, adversativo e finalizador. Dentre as referidas funções, tanto relações estritamente de

sequenciação temporal quanto de sucessão lógico-discursiva são estabelecidas. A diferença existente entre essas relações é a de que, segundo a autora, quando “aí” expressa relação de sequenciamento lógico-discursivo, o elemento em exame parece apresentar um emprego mais gramaticalizado do que quando exprime relação de sequenciação temporal, ou seja, tem um caráter ainda mais semelhante ao de uma conjunção. Como exemplo, o “aí” finalizador, o qual indica relação de sequenciação lógico-discursiva, assemelha-se a conjunções como *portanto* e, principalmente, *enfim*.

O trabalho de Risso, Silva & Urbano (2006) possui o objetivo de estabelecer traços definidores dos marcadores discursivos. Para realizar essa tarefa, os autores fazem um levantamento de dez variáveis e submetem itens³ comumente rotulados como marcadores discursivos à análise. Os vocábulos foram extraídos dos Inquéritos do *corpus* do Projeto NURC (Norma Urbana Culta). A seguir, analisaremos cada uma das variáveis propostas em relação ao item “aí”.

A primeira variável apresentada se chama “Padrão de recorrência”. Os autores estratificam os itens observados segundo a sua frequência de uso. As formas mais recorrentes (que aparecem dez vezes ou mais) seriam aquelas consideradas mais prototípicas dos marcadores discursivos. De acordo com essa variável, “aí” se comporta como um marcador discursivo prototípico, visto que, no nosso *corpus*, por exemplo, esse item ocorre de 18 a 43 vezes em trechos de fala de cerca de 20 minutos.

A variável 2 diz respeito à “Articulação de segmentos do discurso”. Segundo os autores, os marcadores possuem a função de organizar o texto, atuando como sequenciadores tópicos ou frasais. Conforme assinalado por Silva & Macedo (1989) e Martelotta (1994), “aí” é um desses itens que marca o sequenciamento textual. Por outro lado, os marcadores discursivos “não-sequenciadores” costumam apresentar uma outra função geral: a de orientar o discurso. Essa função se relaciona com a variável “Orientação da interação”, explicitada a seguir.

De acordo com Risso, Silva & Urbano, os marcadores discursivos orientam a interação da comunicação. Mediante o grau de orientação que os marcadores sinalizam, os autores subdividem esses itens em três tipos: (0) fragilmente orientador, (1) secundariamente orientador e (2) basicamente orientador. Dentro dessa proposta, “aí” se enquadra no tipo (0) fragilmente

³ É importante dizer que não são explicitados quais itens foram submetidos à análise; apenas alguns são utilizados como exemplos.

orientador, visto que o item não se direciona ao ouvinte, tal como “certo?” ou “entende?” (marcadores do tipo 2), e nem veicula uma opinião do falante, como “acho” ou “bom” (marcadores do tipo 1). Em contraposição, “aí” não possui a função de orientar a interação comunicativa, pois o seu foco incide sobre a articulação textual e não sobre a interação entre os falantes. Com base nessas duas funções gerais dos marcadores discursivos, os autores agrupam esses itens em duas categorias: os *basicamente sequenciadores* e os *basicamente interacionais*.

A quarta variável analisada “Relação com o conteúdo proposicional” estabelece que os marcadores discursivos podem ter ou não relação com a informação das unidades sobre as quais possui escopo. A análise dos dados mostra que a maioria dos marcadores discursivos (91,8%) são exteriores ao conteúdo proposicional das sentenças a que fazem referência. Apesar disso, os autores assinalam que os marcadores discursivos exteriores ao conteúdo referencial dos enunciados podem contribuir para a organização textual, como é o caso de “aí”.

A variável 5 “Transparência semântica” tem relação com o grau de identidade semântica que os marcadores discursivos possuem com o significado lexical dos itens de que se originam. A análise aponta que os marcadores tendem a passar por um processo de alteração semântica que ocasiona a perda de parte de seu significado lexical e o ganho de uma função textual-discursiva. Podemos interpretar que esse processo constitui a chamada gramaticalização. No caso de “aí”, Martelotta (1994) detalha a evolução desse processo para o item.

Buscando investigar se os marcadores discursivos apresentam variação quanto à sua forma, os autores propõem a variável “Apresentação formal”. As formas variantes podem se manifestar através de alterações no plano fonológico, em casos como “não é?” ~ “num é?” ~ “né?”, ou no plano morfossintático, como em “entende?” ~ “entendeu?”. Os resultados mostram que os marcadores discursivos se distribuem de modo equilibrado no que se refere a esse quesito (49,2% para formas únicas e 50,8% para formas variantes). O item “aí” se insere no quadro das formas variantes, tendo em vista a forma alternante “e aí”.

A sétima variável estabelecida “Relação sintática com a estrutura oracional” pretende observar se os marcadores discursivos possuem alguma relação sintática com a oração em que está inserida. O critério adotado se vale dos tradicionais termos da oração, ou seja, para possuir relação sintática com a oração de que faz parte, um marcador discursivo deve desempenhar alguma função essencial, integrante ou acessória. Com base na análise empreendida, os autores

constataram que a maioria dos marcadores discursivos (86,9%) é sintaticamente independente; parece-nos que esse também é o caso de “aí”.

A variável 8 “Demarcação prosódica” é de suma importância para esta dissertação. De acordo com os autores, esta variável objetiva investigar se os marcadores discursivos se apresentam ou não como “[...] unidades prosódicas, devidamente delimitadas” (RISSO, SILVA & URBANO, 2006, p. 412). No entanto, não é apresentada qualquer definição do que se entende por “unidade prosódica”. Os autores apenas afirmam que foi verificada a presença de pausas e outros elementos prosódicos, tais como “o rebaixamento do tom de voz” a fim de se observar se os marcadores discursivos corresponderiam a uma “unidade prosódica”. Com base nos parâmetros prosódicos que os autores investigaram (pausas e modulação melódica), podemos deduzir que os autores estavam na busca por pistas acústicas e entoacionais que atestassem a presença de um sintagma entoacional (unidade prosódica); que é um dos objetivos deste trabalho. Os resultados encontrados mostram que a maioria dos marcadores discursivos (68,9%) apresentam o que os autores chamam de “pauta demarcativa”. No que se refere a “aí”, acreditamos que somente uma análise mais sistemática pode revelar a consistência desses resultados; análise essa que será apresentada nesta dissertação.

Com o objetivo de verificar se os marcadores discursivos possuem autonomia comunicativa suficiente para constituírem enunciados completos por si próprios, os autores estabeleceram a variável 9 “Autonomia comunicativa”. A partir da análise, constatou-se que os marcadores não são autônomos sob o ponto de vista da comunicação, visto que não podem ser instanciados sozinhos, como, mais uma vez, é o caso de “aí”.

A última variável analisada (10) “Massa fônica” diz respeito à quantidade de sílabas tônicas que os marcadores discursivos contêm. Os itens são divididos entre aqueles que possuem até três sílabas tônicas e os que possuem mais de três sílabas tônicas. Essa separação atesta que a maioria dos marcadores (96,7%) se constituem como vocábulos pequenos; evidentemente, o item “aí” faz parte desse grupo.

Braga & Paiva (2012) possuem como foco a pluralidade funcional do elemento “aí”. Para dar cabo à análise, as autoras apresentam algumas das funções exercidas pelo elemento, pois, conforme elas assinalam, “aí” ostenta variados papéis textuais, gramaticais e discursivos.

No que se refere aos valores textuais, “aí” é usado tanto para remissões endofóricas quanto exofóricas, sendo, em alguns casos, difícil delimitar quando o item realiza uma ou outra

remissão. Dentre os usos de articulação textual de “aí”, verifica-se o seguinte: os catafóricos apresentam baixa frequência de uso, seguidos dos dêiticos, os quais possuem índices baixos também, apesar de um pouco mais altos do que aqueles, e os anafóricos são os predominantemente usados, com taxa de frequência de uso elevada.

Em relação ao uso de “aí” como elemento de remissão anafórica, as pesquisadoras sinalizam que o item não veicula somente a noção de lugar, mas também outros conteúdos, tais como tempo, condição e causa. Sintaticamente, podemos observar que, a depender da noção semântica veiculada, “aí” se vincula a constituintes sintáticos distintos. É somente quando se refere a lugar (3) que o item em questão pode estar ligado a um sintagma preposicionado ou a uma oração. Em todos os outros casos, “aí” só se vincula a orações. Na verdade, as pesquisas atestam que “aí” raramente faz remissão a lugar, em sintagmas preposicionados, sendo predominante na remitência a orações (4) ou porções textuais maiores (5). Os exemplos abaixo ilustram alguns dos diferentes usos de “aí”:

(3) “F: E isso não é só na Rural não, na Fundação Getúlio Vargas, eu já vi muita coisa, mas eu trabalhei tudo quanto foi a... Na Fundação Getúlio Vargas, *aí* você vê muita coisa. (Peul, Amostra Censo-80, fal. 42)”

(4) “F: Ela queria que tivesse uma televisão lá, que *aí* ela via as novela e trabalhava. (Peul, Amostra Censo-80, fal. 63)”

(5) “F: O candidato que ganharia voto, (que) seria eleito pela unanimidade era aquele que chegasse lá e falasse: “Não, eu vou tirar um pouquinho, mas vou deixar para... vou fazer por vocês.” Mas ninguém fala! Só fala que... que é honesto. Mas se ele falar: “Não, vou tirar, mas por vocês.” *Aí* seria eleito facilmente. (Peul, Amostra Censo-80, fal. 09)”

(BRAGA & PAIVA, 2012, p. 59-60)

Ainda em relação à estrutura sintática, a posição de “aí” numa dada sentença é dependente do uso que se faz do elemento. As autoras mostram que, em geral, “aí” com valor dêitico e “aí” com papel anafórico se localizam em diferentes posições na sentença. Levando-se em consideração que focalizaremos apenas o “aí” anafórico, cabe apontar o ambiente sintático em que esse “aí” se situa. “Aí” com papel anafórico tende a ocupar a margem esquerda da oração. No que se refere ao emprego sintático, percebe-se que o “aí” anafórico funciona como elemento de ligação entre duas orações, ou seja, é um elemento interoracional.

Conforme apontado anteriormente, o uso de “aí” com valor anafórico é o predominante no PB. Devido ao seu caráter interoracional, as pesquisadoras postulam a hipótese de que o “aí” anafórico está num processo de gramaticalização, como Martelotta (1994) e Tavares (1999) já apontaram também. “Aí” anafórico atua, nas palavras de Braga & Paiva (2012), como uma conjunção sinalizadora de sequenciação temporal e textual. O exemplo a seguir ilustra o uso de “aí” como conjunção:

(6) “F: Teve uma vez que eu não estava em casa não, mas minha avó falou que a mãe dela chegou na minha casa, *aí* minha mãe estava deitada, *aí* a mãe dela estava conversando com minha avó, elas estava conversando um pouco alto, *aí* minha irmã veio falando ignorâncias pra ela, *aí* ela, como já é uma pessoa de idade, *aí* falou pra minha irmã não falar assim com ela, que tinha que respeitar um pouco mais, sabe? que a filha dela respeitava muito minha mãe, *aí* minha mãe acordou, *aí* as... foi assim que as duas se desentenderam. (Peul, Amostra Censo-80, fal. 01)”

(BRAGA & PAIVA, 2012, p. 61)

2.3. Aspectos sintáticos e discursivos gerais de “aí”

Conforme foi mostrado neste capítulo, a categorização sintática do “aí” é controversa e, a depender do modelo teórico adotado, esse elemento é agrupado em diferentes classes. No entanto, para nós, não há interesse em adotar uma classificação ou outra. De toda forma, a classificação do “aí” como *sequenciador* foi de suma importância para a constituição do *corpus* utilizado nesta pesquisa, visto que, a partir dela, tentamos controlar o tipo de “aí” que foi submetido à análise prosódica.

Apesar da falta de consenso entre os autores, todos os trabalhos atestam algumas características comuns ao item. Sob os pontos de vista sintático e discursivo, pode-se dizer que “aí” (i) tem como sua principal função encadear ações numa linha sucessória, (ii) é capaz de introduzir eventos, (iii) é um elemento que está relacionado temporalmente ao evento que ele mesmo introduz⁴ e (iv) contribui para a conexão intersentencial e global do texto narrativo. Essas informações certamente serão importantes para uma compreensão mais global acerca do comportamento prosódico do item.

⁴ Agradecemos ao Prof. Dr. Gabriel de Ávila Othero, do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por suas valiosas considerações feitas em artigo sobre o tema desta dissertação.

Capítulo 3: Fundamentação Teórica

A pesquisa empreendida nesta dissertação se fundamenta em duas teorias fonológicas formais de base prosódica: a Fonologia Prosódica (SELKIRK, 1984; NESPOR & VOGEL, 2007 [1986]) e a Fonologia Entoacional, dentro do modelo Autossegmental e Métrico (PIERREHUMBERT, 1980; LADD, 2008 [1996]). A conjugação desses modelos teóricos tem sido empregada em diversos trabalhos sobre o português, como os de Frota (2000, 2002, 2003), Frota e Vigário (2000), Tenani (2002, 2004), Viana e Frota (2007), Fernandes (2007), Serra (2009, 2010, 2012, 2016), Fonseca (2010, 2012), Cruz & Frota (2011, 2013), Fernandes-Svartman (2012), Frota *et al.* (2015), Silvestre (2017) e Rosignoli (2017).

A Fonologia Prosódica propõe que o fluxo da fala é segmentado em unidades fonológicas hierarquicamente organizadas, as quais compõem o sistema fonológico das línguas. O modelo Autossegmental e Métrico da Entoação, por sua vez, se presta ao mapeamento/à notação fonológica dos eventos tonais que formam os contornos melódicos dos enunciados. Este capítulo se dedica à apresentação das premissas básicas desse referencial teórico.

3.1. Fonologia Prosódica

A Fonologia Prosódica surge como mais uma proposta alternativa de análise fonológica que descende da chamada Fonologia Gerativa Clássica (CHOMSKY & HALLE, 1968). Apesar de abdicar de alguns aspectos do Gerativismo Clássico, por se inserir no modelo gerativo da gramática, essa teoria preserva algumas de suas assunções básicas, como por exemplo, o princípio de que a fonologia faz parte da competência linguística do falante.

De acordo com a Fonologia Prosódica, o fluxo da fala é segmentado em unidades fonológicas hierarquicamente organizadas, que são atestadas nas línguas por meio da observação de processos segmentais e/ou suprasegmentais. Segundo Nespor & Vogel (2007 [1986]), a Hierarquia Prosódica é composta por sete domínios, distribuídos em ordem crescente, a saber: *silaba* (σ), *pé métrico* (Σ), *palavra prosódica*⁵ (ω), *grupo clítico* (C), *sintagma*

⁵ Utilizam-se aqui os termos *palavra prosódica*, *sintagma fonológico* e *sintagma entoacional*. Esses domínios também são usualmente traduzidos como ‘palavra fonológica’, ‘frase fonológica’ e ‘frase entoacional’ por outros autores.

fonológico¹ (φ), sintagma entoacional¹ (IP) e enunciado fonológico (U). A figura a seguir ilustra a representação arbórea da Hierarquia.

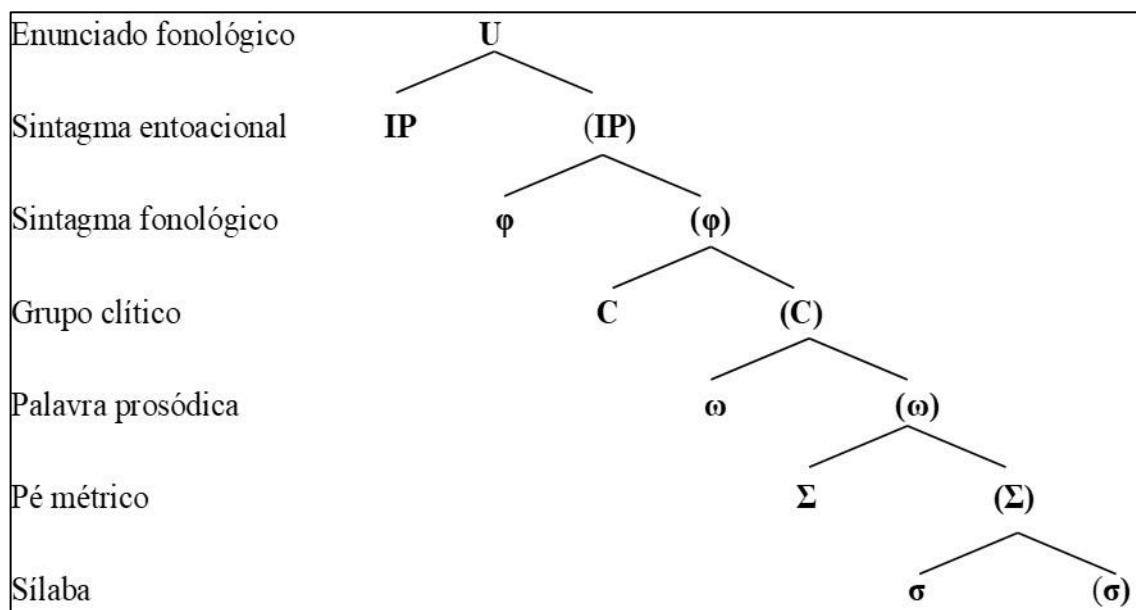


Figura 4: Hierarquia dos constituintes prosódicos (elaboração própria).

Com base no esquema apresentado, podemos observar que cada constituinte da Hierarquia Prosódica domina o constituinte imediatamente inferior. Esse postulado da teoria é chamado de *Strict Layer Hypothesis*, que constitui um dos princípios básicos que diz respeito às condições de boa-formação dos domínios prosódicos. A figura demonstra também que os nós à direita representam a possibilidade de a Hierarquia Prosódica constituir uma estrutura n-ária.

Tendo em vista que esta dissertação possui como tema o fraseamento prosódico, faz-se necessário que se defina este conceito: fraseamento prosódico diz respeito à segmentação do fluxo da fala em unidades entoacionais (na esteira de BECKMAN & PIERREHUMBERT, 1986, entre muitos outros). Essa divisão da fala é motivada por informações sintáticas, mas também pode ser afetada por aspectos fonológicos das sentenças. Por ser o sintagma entoacional (doravante IP) o constituinte essencial para a observação da segmentação das sentenças em unidades entoacionais, abordamos a seguir esse domínio prosódico mais detalhadamente.

De acordo com Nespor & Vogel (2007 [1986]), o IP é um constituinte mapeado a partir de informações da sintaxe (de superfície) e, do ponto de vista melódico, é o domínio sobre o

qual se observa um contorno entoacional. Reproduzimos a seguir a definição e o algoritmo de formação do IP, extraído de Nespor & Vogel (1986, p. 189).

‘Formação do Sintagma Entoacional⁶

I. Domínio de *I*

Um domínio de *I* pode consistir de

- a. todos os ϕ s numa sequência que não esteja anexada estruturalmente à árvore da sentença no nível da estrutura sintática, ou
- b. qualquer sequência remanescente de ϕ s adjacentes numa sentença raiz.

II. Construção de *I*

Agrupe numa ramificação de *I* n-ária todos os ϕ s incluídos numa cadeia delimitada pela definição do domínio de *I*.’

(Tradução minha)

Tomando como base as formulações para o IP apresentadas acima, Frota (2000) postula o algoritmo de formação do IP para o PE. Da mesma maneira, encontramos em Serra & Callou (2013) a fórmula para a construção do IP, no PB, reproduzida a seguir.

“**Sintagma entoacional (IP)** -- um sintagma entoacional deve conter toda sequência não estruturalmente anexada à oração raiz ou todas as sequências de ϕ s em uma oração raiz (NESPOR & VOGEL, 1986/2007). A formação de IP está sujeita a condições de tamanho prosódico: sintagmas longos (em número de sílabas e de palavras prosódicas) tendem a ser divididos, da mesma forma que sintagmas pequenos tendem a formar um único *I* com um *I* adjacente, o que leva à formação de sintagmas com tamanhos equilibrados (FROTA, 2000; SERRA, 2009).”

Serra & Callou (2013, p. 588)

A fim de ilustrar a segmentação de um enunciado nos domínios prosódicos mais estudados no PB (sílabas, palavra prosódica, sintagma fonológico, sintagma entoacional e enunciado fonológico), reproduzimos a seguir uma figura que exemplifica a constituição fonológica da sentença “A exposição, segundo ouvi dizer, apresenta a pintura dos impressionistas”, extraída de Callou & Serra (2012).

⁶ “*Intonational Phrase Formation*

I. *I domain*

An *I* domain may consist of

- a. all the ϕ s in a string that is not structurally attached to the sentence tree at the level of s-structure, or
- b. any remaining sequence of adjacent ϕ s in a root sentence.

II. *I construction*

Join into an n-ary branching *I* all ϕ s included in a string delimited by the definition of the domain of *I*.”

Nespor & Vogel (1986, p. 189)

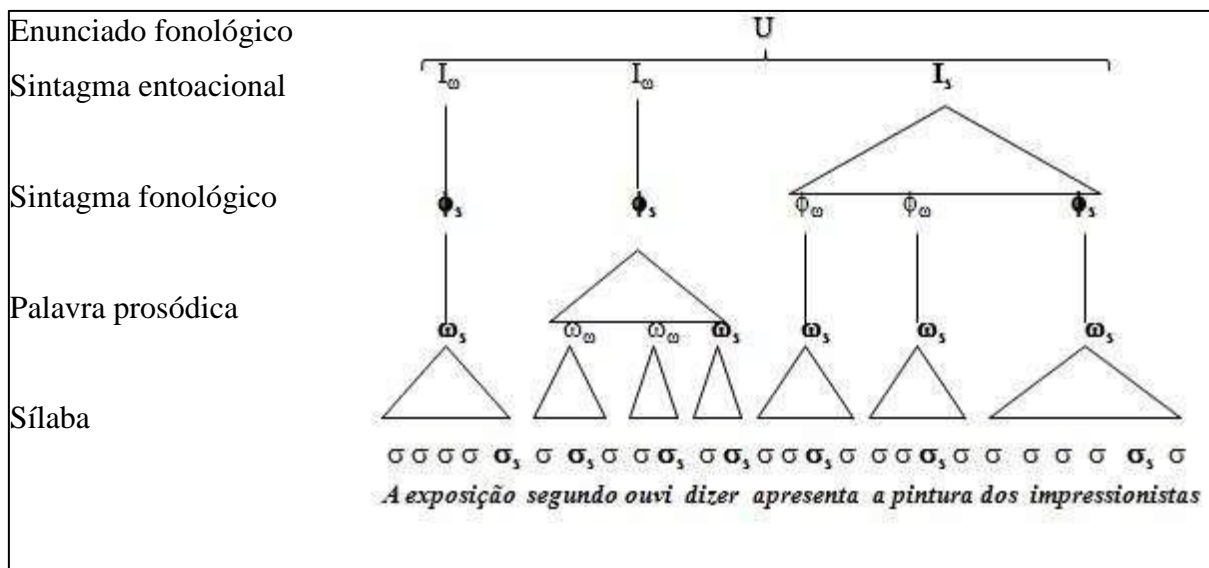


Figura 5: Constituição fonológica de enunciado (CALLOU & SERRA, 2012).

O modelo da Fonologia Prosódica propõe que o componente fonológico da gramática possui dois subsistemas: um lexical e outro prosódico. Evidentemente, a Fonologia Prosódica se dedica ao detalhamento do subsistema prosódico das línguas. É justamente nesse ponto que se verifica um dos principais avanços entre o modelo fonológico proposto pela Fonologia Prosódica e os anteriores a ele.

Com o advento da Fonologia Prosódica, a teoria da gramática gerativa passou a incorporar um sistema prosódico definido por regras de projeção que levam em consideração aspectos fonológicos da gramática. Até então, os domínios de aplicação de processos fonológicos de sândi externo, como degeminação, ditongação e elisão, por exemplo, eram de natureza sintática. A proposta da Fonologia Prosódica possibilitou a interpretação dessas regras fonológicas com base na postulação da existência de domínios prosódicos formados a partir de regras de mapeamento que se valem não só de informações morfossintáticas, mas também fonológicas.

Para o PB, por exemplo, o trabalho de Tenani (2004) revela a importância da noção de sintagma fonológico (chamado pela autora de “frase fonológica”) para a aplicação ou bloqueio dos processos de degeminação e elisão. A depender da constituição do sintagma fonológico, esses processos podem ser aplicados ou não. Observem-se as sentenças a seguir, retiradas do trabalho da autora (2004, p. 291):

(i) [[Ele]φ [COMpra]φ [uvas CARas]φ]IP -> Ele cómpr[u]vas caras

(ii) [[Ele]_φ [COMpra]_φ [Uvas]_φ]IP -> *Ele compr[ú]vas

(iii) [[Eu]_φ [COMpro]_φ [uvas SEMpre]_φ]IP -> Eu cómpr[u]vas sempre

(iv) [[Eu]_φ [COMpro]_φ [Uvas]_φ]IP -> *Eu compr[ú]vas

Conforme se pode verificar, nos exemplos (i) e (iii), há a aplicação das regras de elisão e degeminação, respectivamente, enquanto em (ii) e (iv) os mesmos processos são bloqueados. A explicação da autora para esse fenômeno⁷ é a de que, nos casos em que o último sintagma fonológico da sentença não é ramificado (ii) e (iv), o acento mais proeminente desse constituinte impede a aplicação das regras de degeminação e elisão. Essa proeminência acentual é responsável pela indicação da direção da recursividade sintática no português. Como o português é uma língua de recursividade à direita, em (i) e (iii), a degeminação e a elisão não são bloqueadas, pois é o vocábulo mais à direita que porta o acento mais proeminente do sintagma fonológico.

Como se pode pressupor até aqui, dentro do quadro da Fonologia Prosódica, admite-se que a fonologia possui relação com os outros componentes da gramática, em especial com a sintaxe de superfície. O mapeamento dos constituintes prosódicos da hierarquia se revela, portanto, a partir da interface fonologia-sintaxe. Todavia, é importante salientar que não há necessariamente isomorfismo entre os domínios fonológicos e os constituintes sintáticos.

A respeito da falta de isomorfismo entre sintaxe e prosódia, segundo Nespor & Vogel (2007 [1986]), construções que são geradas fora da sentença raiz (*root sentence*)⁸, tais como parentéticas, perguntas de confirmação (*tag questions*), vocativos, entre outras, idealmente, devem constituir um IP próprio. Entretanto, verifica-se que, na fala espontânea, muitas dessas construções não formam um IP separado, adjungindo-se ao que vem antes ou depois (MOTTA, 2017).

A relação entre os elementos que devem idealmente constituir um IP independente e o que de fato se concretiza na fala espontânea deve ser um trabalho de investigação empírica sobre o fraseamento prosódico. O tamanho fonológico (medido pelo número de sílabas e PWs), por exemplo, tem papel relevante no fraseamento prosódico dos enunciados. Motta (2017)

⁷ Vale dizer que esse fenômeno foi notado primeiramente por Abaurre (1996).

⁸ Nespor & Vogel (1986) definem sentença raiz (*root sentence*) como sentenças que sejam dominadas apenas por um nó S ou \bar{S} , ou seja, uma oração composta por uma estrutura do tipo [NP VP], sem extraposições ou interrupções, conforme assinalam Gussenhoven & Jacobs (2011).

mostra que nem sempre a pergunta de confirmação “né?” forma um IP independente, no PB, dado o tamanho reduzido do item.

3.2. Fonologia Entoacional Autossegmental Métrica

A Fonologia Entoacional Autossegmental Métrica (doravante Fonologia Entoacional AM) foi inaugurada com a tese de doutorado de Pierrehumbert (1980). O objetivo do trabalho da pesquisadora era o de descrever os contornos melódicos que caracterizam os tipos frásicos do inglês, com base na identificação dos elementos contrastivos da estrutura entoacional.

De acordo com a proposta da Fonologia Entoacional AM, os elementos contrastivos da estrutura entoacional são os tons e, dessa forma, a entoação pode ser anotada/mapeada por uma sequência de tons que se associam fonologicamente a pontos de proeminência na cadeia segmental, ou seja, às sílabas tônicas, e às fronteiras de constituintes prosódicos (confira, sobretudo, HAYES & LAHIRI, 1991; LADD, 2008 [1996]; FROTA, 2000). Os tons que se associam às sílabas tônicas são chamados acentos tonais (*pitch accents*) e os tons que se ligam aos limites de IPs, tons de fronteira (*boundary tones*). A proposta de Pierrehumbert (1980) assume ainda a existência de tons de fronteira intermediária, que compõem os chamados acentos frasais (*phrase accents*).

Para dar conta dos alvos de altura descritos foneticamente pela variação da frequência fundamental (F0), Pierrehumbert (1980) postula dois níveis de tons primitivos que compõem os acentos tonais e os tons relacionados a fronteiras: L = tom baixo (*low tone*) e H = tom alto (*high tone*). Esses tons podem dar origem a acentos tonais simples (L* ou H*), ou, mediante sua combinação, formar acentos tonais complexos (H*+L, H+L*, L*+H ou L+H*). Nos acentos bitonais, o símbolo asterisco (*) sinaliza a sílaba que porta acento lexical. Os tons de fronteira são representados formalmente por um % depois do tom (L% ou H%). Os acentos frasais, por sua vez, são indicados pelo símbolo (˘) sobrescrito ao tom (L˘ ou H˘). A partir dessa notação, é possível descrever contornos ascendentes, descendentes, ascendente-descendentes, descendente-ascendentes e fronteiras altas ou baixas, a depender do conteúdo linguístico do enunciado (MORAES, 2008) ou da variedade dialetal do falante (CUNHA, 2000; SILVA, 2011; SILVESTRE, 2012; CARDOSO *ET AL.*, 2014; FROTA *ET AL.*, 2015a).

A proposta inicial de Pierrehumbert (1980) estabelece sete acentos tonais para o inglês (H^* , L^* , H^*+L , $H+L^*$, L^*+H , $L+H^*$ e H^*+H^0), dois tons de fronteira ($L\%$ e $H\%$) e dois acentos frasais (L^- e H^-). A figura a seguir ilustra esse inventário de eventos tonais que compõem a chamada Gramática da Entoação do inglês.

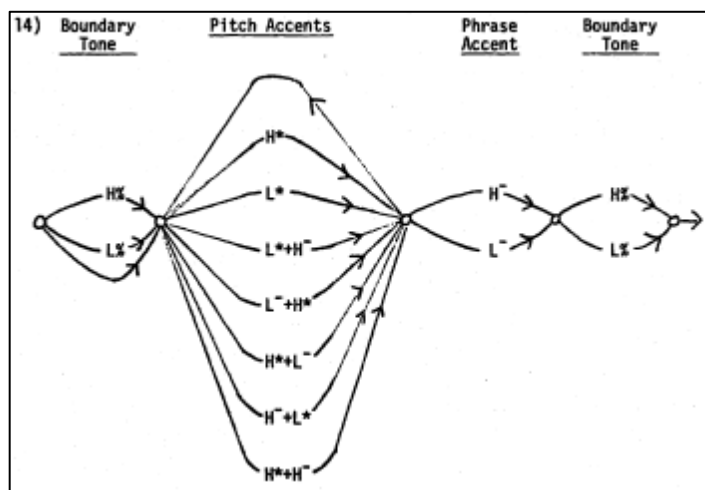


Figura 6: Inventário de eventos tonais do inglês de acordo com a proposta inicial de Pierrehumbert (1980).

Posteriormente, a fim de estabelecer um sistema de notação prosódica padrão para o inglês, alguns pesquisadores se uniram e, com base nos trabalhos de Pierrehumbert (1980), Beckman & Pierrehumbert (1986) e Pierrehumbert & Beckman (1988), criaram o sistema ToBI (*Tones and Break Indices*) (PITRELLI, BECKMAN & HIRSCHBERG, 1994; entre outros). Esse sistema consiste numa proposta de notação fonológica para os tons e os índices de ruptura presentes na estrutura prosódica do inglês. A partir desse modelo, pesquisadores de várias línguas diferentes criaram um sistema de notação prosódica para cada uma delas. Para o português, Frota *et al.* (2015b) criaram o sistema P-ToBI, utilizado nesta dissertação e explicitado no capítulo referente à metodologia adotada nesta pesquisa.

Com base na Fonologia Entoacional AM e inspirado no sistema ToBI, Moraes (2008) apresenta uma proposta de descrição fonética e notação fonológica para 14 contornos melódicos do PB. A melodia dos enunciados analisados faz referência a diferentes funções da entoação, como a distinção entre tipos frásicos (assertivas, interrogativas, etc.), atos ilocucionários (ordem, pedido, etc.) e também alguns usos atitudinais (aviso, ironia, etc.).

⁹ A configuração tonal H^*+H foi excluída na análise posterior apresentada no trabalho de Beckman e Pierrehumbert (1986).

Os dados foram produzidos em laboratório por uma falante nativa do Rio de Janeiro e consistem em três enunciados formados por um IP, a saber: (i) Renata jogava (sentença declarativa), (ii) Destranca a janela (sentença imperativa) e (iii) Como ela jogava (sentença do tipo QU-). Todos esses enunciados contêm seis sílabas, dois acentos tonais e a palavra nuclear é formada por uma sílaba pretônica, uma tônica e uma postônica.

A fim de aferir a validade das diferentes interpretações atribuídas aos contornos melódicos, foi realizado um teste de múltipla escolha, no qual os ouvintes deveriam identificar o significado de cada sentença a partir de quatro a cinco categorias propostas. Os resultados do teste confirmaram as previsões sobre os significados dos contornos melódicos. Após essa etapa, para a análise fonológica da entoação, o autor utilizou a técnica da ressíntese a fim de estabelecer os parâmetros prosódicos contrastivos de cada contorno melódico e também aplicou o mesmo teste para avaliar o efeito das manipulações realizadas na identificação dos significados das sentenças.

Interessa-nos em particular a proposta de descrição fonética e notação fonológica para as sentenças assertivas neutras, visto que não é nossa intenção discutir as diferenças prosódicas que caracterizam diferentes tipos frásicos, atos ilocucionários ou usos atitudinais. Além disso, conforme será mostrado no capítulo de Análise e Discussão dos Resultados, a observação do contorno das asserções neutras será importante para a interpretação dos resultados encontrados.

De acordo com Moraes (2008), sob o ponto de vista fonético, o padrão entoacional das sentenças assertivas neutras no PB (dialeto carioca) é caracterizado por um movimento melódico ascendente associado às primeiras sílabas pretônica e tônica do enunciado e uma queda da F0 na última sílaba tônica.

No que se refere à análise fonológica dos enunciados declarativos neutros, o autor propõe a notação entoacional /L+H*/ para o pré-núcleo, com o acento tonal se associando à primeira sílaba tônica do IP, e /H+L*L%/ para a posição nuclear do IP (acento tonal associado à última sílaba tônica e tom de fronteira associado ao limite do constituinte). A figura a seguir ilustra esse padrão.

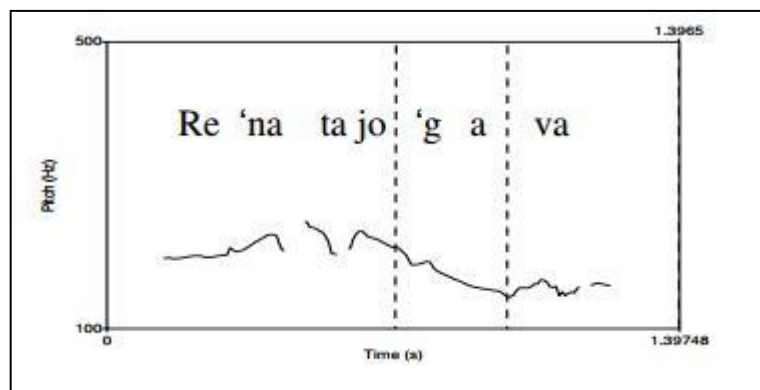


Figura 7: Padrão entoacional de sentença assertiva neutra no PB (MORAES, 2008, p. 389).

Capítulo 4: Metodologia

A metodologia da pesquisa empregada aqui lança mão do arcabouço teórico-metodológico da Fonética Acústica Experimental (BARBOSA & MADUREIRA, 2015), com o auxílio do programa de análise acústica PRAAT (BOERSMA & WEENINK, 2017). Para a notação fonológica dos contornos melódicos, fazemos uso do sistema P-ToBI (FROTA *ET AL.*, 2015b), proposto inicialmente para a notação prosódica da variedade lusitana da língua portuguesa e, posteriormente, utilizado para as variedades africana e brasileira do português. Este capítulo é dividido em duas seções: a primeira se dedica à descrição da recolha e tratamento do *corpus* utilizado e a segunda apresenta os passos metodológicos adotados para a análise dos dados.

4.1. Recolha e tratamento do *Corpus*

O *corpus* utilizado nesta dissertação consiste em dados de fala espontânea, extraídos de gravações realizadas exclusivamente para a elaboração desta pesquisa e também de entrevistas do *corpus* do Projeto InAPoP (*Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese* – FROTA, S., 2012-2015).

As gravações feitas para esta pesquisa foram realizadas com sete falantes naturais do município do Rio de Janeiro, do sexo feminino, com idade entre 22 e 30 anos, todas estudantes dos cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A recolha das gravações ocorreu entre os dias 17 de março de 2017 e 19 de maio de 2017 e foram realizadas em uma sala com isolamento acústico da Faculdade de Letras da UFRJ¹⁰. Para captar o áudio, foi utilizado um gravador da marca Sony, modelo PCM-D50, que armazenava os arquivos resultantes no formato “.wav”. O som foi digitalizado com uma taxa de amostragem de 44.100 Hz e resolução de 32 bits, estéreo.

Tendo em vista que a ocorrência do “aí” sequenciador se dá majoritariamente em contextos em que os falantes narram uma história, conforme apontado no capítulo 2 desta dissertação, a fim de estimular a produção do item, as sete falantes foram requisitadas a narrar

¹⁰ Agradeço à Professora Cláudia Cunha (Departamento de Letras Vernáculas-UFRJ) pelo empréstimo de sua sala para a realização das gravações.

a história de um filme¹¹ e também, caso fosse necessário para complementar o tempo de gravação de aproximadamente 20 minutos, a de sua trajetória acadêmica.

Para ampliar a amostra, analisamos também passagens narrativas de três entrevistas com falantes com o mesmo perfil das que participaram das gravações mencionadas acima do *corpus* do Projeto InAPoP. Os arquivos de áudio das gravações também foram armazenados no formato “.wav” e foram digitalizados com uma taxa de amostragem de 22.050 Hz e resolução de 32 bits, mono.

O Projeto InAPoP (FROTA & CRUZ (2012-2015) - <http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/>) possui um banco de dados de fala construído para a realização de análises prosódicas de variedades do PB, do PE e do português africano. Os indivíduos que participaram do estudo foram gravados no âmbito das recolhas de dados do Projeto, sendo informantes do sexo feminino, entre os 20 e os 45 anos de idade, de instrução média ou superior. Das regiões brasileiras onde houve recolha (Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), foram selecionados para esta análise dados de três falantes do Rio de Janeiro, que nasceram na região e nela viveram a maior parte do tempo.

A metodologia do InAPoP consiste em quatro tarefas: uma de leitura, uma de preenchimento de lacunas, uma de instruções de direção (*Map Task*) e uma de conversação. Devido à intenção de analisar a fala espontânea, baseamos nossa análise somente nos dados resultantes da tarefa de conversação, na qual as informantes foram requisitadas a narrar experiências de sua juventude, origem, ocupação, etc..

Ao todo, foram analisados 290 dados. A tabela a seguir mostra a duração de cada gravação e também a quantidade de “aí” e “e aí” analisados por informante.

¹¹ Agradeço à minha amiga Ingrid Oliveira, também aluna do Mestrado em Língua Portuguesa da UFRJ, pela sugestão que permitiu a constituição do *corpus*.

Informantes (siglas)	Duração	“AÍ”	“E AÍ”	“AÍ” + “E AÍ”
AR	22’08’’	38	-	38
IC	24’04’’	17	7	24
JP	20’00’’	43	-	43
JS (InAPoP)	37’40’’	19	-	19
LM	22’18’’	29	-	29
MF	17’00’’	29	-	29
MM	22’52’’	9	21	30
PS (InAPoP)	22’46’’	21	-	21
SC (InAPoP)	19’31’’	18	-	18
SS	18’45’’	12	27	39

Tabela 1: Durações das gravações do *corpus* e quantidade de “aí” e “e aí” analisados.

Conforme se pode observar na tabela 1, a duração de cada gravação é, em média, de 22’54’’ minutos. A tabela mostra também que a quantidade de dados encontrados varia de 18 (informante SC (InAPoP)) a 43 (informante JP). Nas gravações em que a quantidade de “aís” era reduzida e em que se podia observar uma quantidade produtiva de “e aís”, foram coletados dados em que se apresentavam as duas formas variantes. Vale esclarecer aqui que agrupamos os elementos sequenciais “aí” e “e aí” por julgarmos não haver critério, tanto de natureza fonológica quanto sintática e/ou discursiva, que justifique a separação desses itens em categorias distintas. Risso, Silva & Urbano (2006), por exemplo, tratam as duas formas como variantes, conforme apontado no capítulo 2 desta dissertação.

Após a recolha das gravações, procedeu-se à transcrição ortográfica dos trechos de fala que continham o item “aí” sequenciador. Em seguida, esses fragmentos de fala foram editados no programa *Audacity* (AUDACITY TEAM, 2017), sempre mantendo um IP anterior e outro posterior ao “aí”. Para a análise, foram selecionados apenas “aís” que estivessem dispostos em sentenças cujo contexto antecedente estivesse relacionado sintática e/ou semanticamente ao enunciado que contivesse o “aí”. Isto significa dizer que foram descartados dados em que se observava a presença de elementos intervenientes no fluxo do texto, como expressões parentéticas, por exemplo.

Também foram encontradas, antes do item “aí”, expressões como “né?”, “entende?/entendeu?”, “sabe?”, etc.. Nesses casos, decidimos desconsiderar essas formas, visto que tais expressões não estão relacionadas nem sintática e nem semanticamente à sentença que contém o “aí”, embora estejam do ponto de vista discursivo. Segundo Risso, Silva & Urbano (2006), essas formas funcionam como marcadores discursivos basicamente interacionais, direcionando-se assim para a orientação da interação comunicativa e não para o conteúdo linguístico do texto. Tendo em vista que, de acordo com a Fonologia Prosódica, esses itens devem formar IPs independentes, constituindo um domínio de entoação próprio, ao desconsiderarmos esses marcadores, não efetuamos a notação fonológica dos contornos entoacionais sobre eles. Dessa maneira, para a análise, foram anotadas as configurações tonais dos contornos nucleares referentes aos IPs que antecederiam essas expressões.

Tomemos o seguinte exemplo extraído do *corpus*: “Ela não diz quem ele é logo de cara, né? Aí depois ela fala que é o filho do rei” (dado LM2). Conforme se nota no dado, a expressão “né?” antecede o “aí”. Nesse caso, não realizamos a notação fonológica do contorno sobre “né?” e consideramos como o contorno nuclear do IP anterior a “aí” aquele observado sobre a palavra prosódica “de cara”.

4.2. Passos metodológicos

Realizada a coleta e seleção dos dados, os arquivos de áudio foram submetidos à análise acústica e entoacional no programa PRAAT (BOERSMA & WEENINK, 2017). A análise acústica se baseou no aporte da Fonética Acústica Experimental (BARBOSA & MADUREIRA, 2015). Este arcabouço teórico-metodológico é fundamentado na chamada Teoria Fonte-Filtro de Produção da Fala (FANT, 1960).

Como o próprio nome sugere, a Teoria Fonte-Filtro propõe uma separação entre os dois componentes do aparelho fonador que servem à produção da fala. A fonte corresponde à laringe e às cordas vocais. O filtro, por sua vez, corresponde ao trato vocal, incluindo as cavidades nasais, que funcionam como a “caixa de ressonância” da fala.

Na fonte, na produção dos sons vozeados, as cordas vocais vibram numa dada frequência, à qual chamamos de Frequência Fundamental (F0). A F0 é o correlato acústico

responsável pela percepção (*pitch*)¹² da variação da altura melódica que caracteriza os contornos melódicos dos enunciados das línguas. Por essa razão, para a notação fonológica da entoação, é necessário que se observe a realização fonética da curva de F0.

Para a análise do fraseamento prosódico, verificamos as pistas acústicas e entoacionais envolvidas na segmentação do contínuo de fala em IPs. Nesta dissertação, as pistas consideradas para a marcação de uma fronteira de IP foram as seguintes: (i) presença de tom de fronteira alto, baixo, ascendente ou descendente; (ii) ocorrência de pausa, seja silenciosa ou preenchida; e (iii) retomada (*reset*) de F0, em nível diferente, depois da fronteira (FROTA *ET AL.*, 2007; SERRA, 2009, 2016; FERNANDES-SVARTMAN *ET AL.*, no prelo). O alongamento silábico final, em contexto de pré-fronteira, não foi considerado no trabalho, embora saibamos que essa pode ser uma pista duracional importante para a realização/percepção de fronteiras prosódicas no PB, pelo menos no dialeto carioca (SERRA, 2009).

A duração do item “aí” foi medida, em segundos, a fim de responder a algumas questões que serão colocadas na análise estatística desta pesquisa, apresentada no capítulo de Análise e discussão dos resultados. Nos dados de “e aí”, o vocábulo “e” foi separado do item “aí” e foi considerada somente a duração do “aí”.

A análise fonológica das fronteiras de IP foi realizada com base no sistema P-ToBI (FROTA *ET AL.*, 2015b). Esse sistema constitui um modelo de transcrição de tons e índices de fronteira proposto inicialmente para a notação prosódica da variedade lusitana da língua portuguesa e, posteriormente, utilizado para as variedades africana e brasileira do português, sendo inspirado no sistema ToBI, apresentado no capítulo de Fundamentação teórica desta dissertação. De acordo com o P-ToBI, a gramática entoacional do português apresenta cinco tipos de acentos tonais, três contornos pré-nucleares, cinco tons de fronteira e quinze contornos nucleares possíveis. Todo esse inventário de eventos tonais será explicitado a seguir.

Os cinco acentos tonais propostos pelo sistema são os seguintes: um acento monotonal baixo /L*/; um acento monotonal alto ou bitonal ascendente, com o tom alto alinhado à sílaba tônica /(L)H*/; um acento bitonal ascendente, com o tom baixo alinhado à sílaba tônica /L*H/; um acento complexo descendente, estando o tom baixo alinhado à sílaba tônica /HL*/; e um acento descendente, estando o tom alto alinhado à sílaba tônica /H*L/. Em relação ao acento

¹² No inglês, o termo *pitch* é comumente utilizado para tratar do nível perceptivo da F0.

/L)H*/, a representação entre parênteses indica que a presença de um tom baixo /L/ formando um acento bitonal ascendente é variável, visto que não foi encontrado contraste entre /LH*/ e /H*/, nem nos dialetos do PB e nem nos do PE. De acordo com o P-ToBI, nos falares do PB, o acento bitonal /LH*/ é mais frequente. As representações desses acentos tonais podem ser conferidas na figura 8 a seguir, em que a sílaba tônica é representada em cinza escuro.

Pitch accents

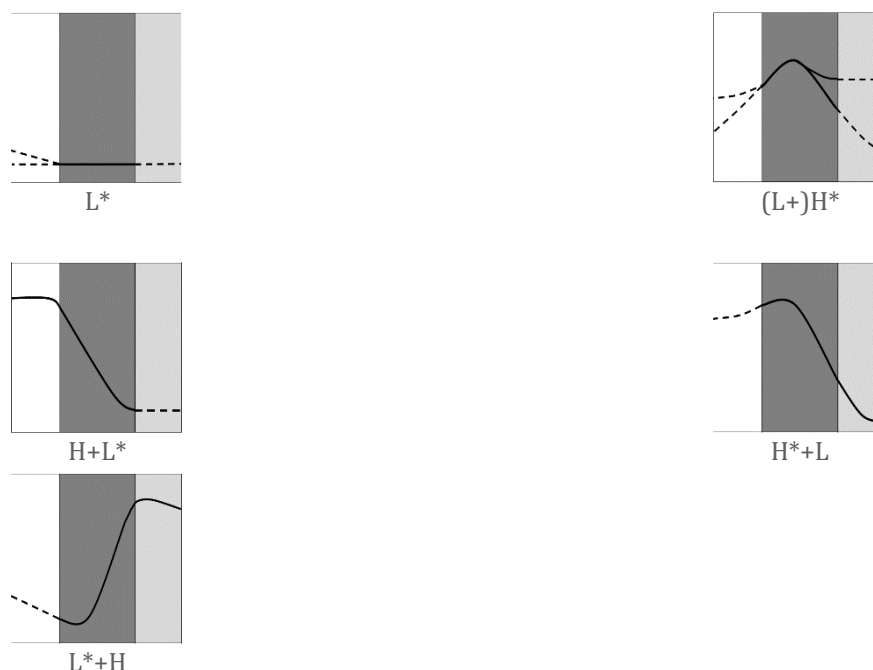


Figura 8: Representação dos acentos tonais do português de acordo com o sistema P-ToBI, extraído de http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI/ToBI/ToBI_tr_pa.html.

Em relação aos contornos pré-nucleares, o sistema propõe apenas três configurações tonais possíveis: /H*/, /H+!H*/ e /LH/ (FROTA *ET AL.*, 2015b). O contorno /LH/ pode se realizar foneticamente tanto como /L*H/ quanto /LH*/, sem apresentar contraste fonológico. No PB, em assertivas neutras, a primeira sílaba acentuada da região pré-nuclear de um IP está muito frequentemente associada ao contorno /LH/ (ver, entre outros, CARDOSO *ET AL.*, 2014 --Carta F07 P 1--, SILVESTRE, 2012 e CASTELO, 2016).

Dos cinco tons de fronteira fornecidos pelo sistema, três são monotonais e dois bitonais. Os monotonais: um tom de fronteira baixo /L%/; um tom alto /H%/; e um *downstep* /!H%/. Os bitonais: um tom ascendente /LH%/ e um descendente /HL%/. A figura 9 a seguir ilustra as representações desses tons de fronteira, em que a sílaba em contexto de fronteira é representada em azul.

Boundary tones

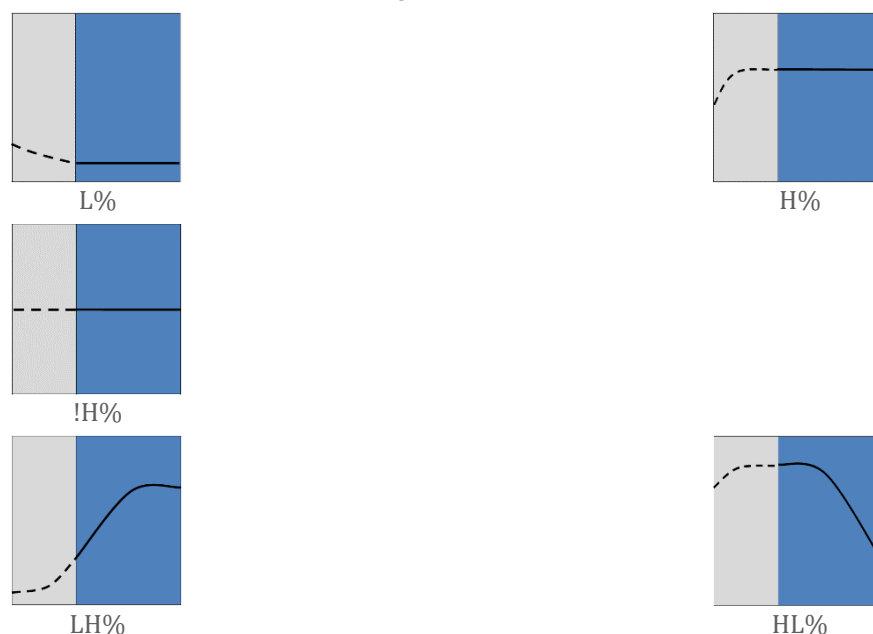
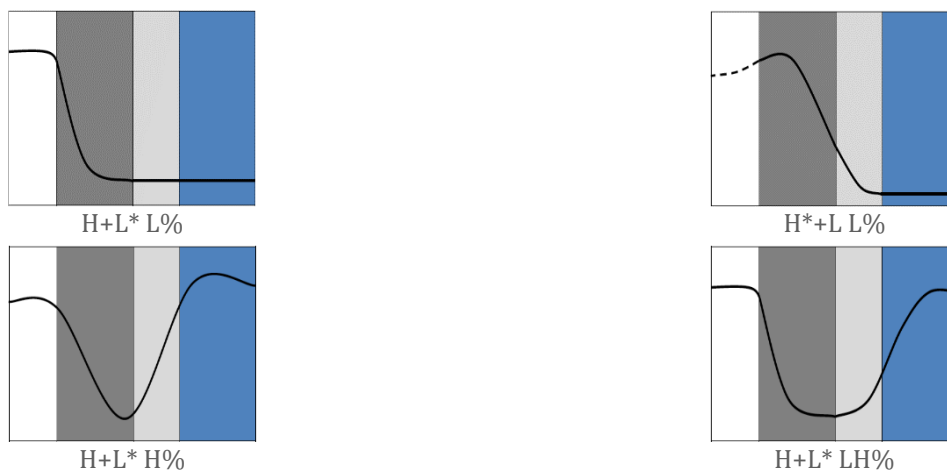


Figura 9: Representação dos tons de fronteira do português de acordo com o sistema P-ToBI, extraído de http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI/ToBI/ToBI_tr_bt.html.

Mediante a combinação dos acentos tonais e tons de fronteira propostos pelo sistema P-ToBI, são postulados quinze contornos nucleares possíveis, que são comumente encontrados no português. Esses contornos caracterizam movimentos melódicos ascendentes, descendentes, ascendente-descendentes e descendente-ascendentes e dão conta de diversos tipos frásicos na língua: asserções, perguntas, pedidos, ordens, etc.. As representações desses contornos nucleares podem ser conferidas na figura 10 a seguir, em que a sílaba tônica é representada em cinza escuro e a sílaba em contexto de fronteira, em azul.

Nuclear contours



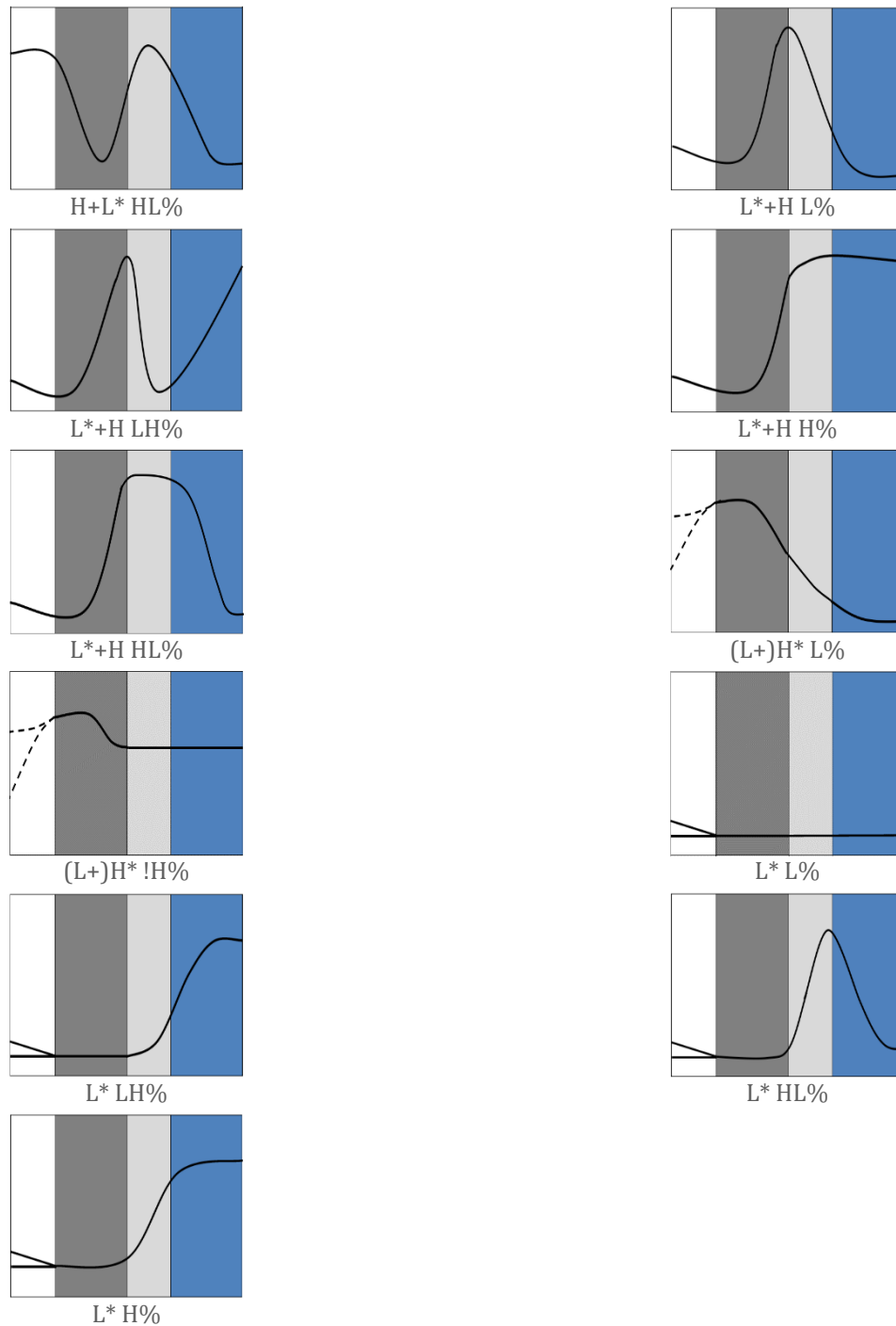


Figura 10: Representação dos contornos nucleares do português de acordo com o sistema P-ToBI, extraído de http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI/ToBI/ToBI_tr_nc.html.

O sistema P-ToBI também estabelece convenções sobre a notação das fronteiras dos constituintes prosódicos, que são marcadas por índices numéricos, a saber: 0 = clíticos; 1 = palavra prosódica; 2 = grupo de palavra prosódica¹³; 3 = sintagma fonológico; e 4 = sintagma

¹³ O grupo de palavra prosódica é um constituinte proposto por Vigário (2010), que substitui o tradicional grupo clítico, domínio considerado altamente controverso pela literatura. O argumento da autora é o de que, no grupo de palavra prosódica, encontramos combinações de palavras prosódicas e não necessariamente de clíticos e palavras.

entoacional¹⁴. Por fim, o sistema fornece recomendações sobre as ‘camadas’ (*tiers*) das *textgrids* criadas no PRAAT. A primeira corresponde à camada tonal (*Tone tier*), a segunda, à ortográfica (*Orthographic tier*) e a terceira, à de índices de fronteira (*Break Indices tier*). A primeira e a terceira são camadas de ponto (*point tier*) e a segunda de intervalo (*interval tier*). A figura 11 a seguir apresenta um exemplo de *textgrid* anotada segundo as convenções do sistema P-ToBI.

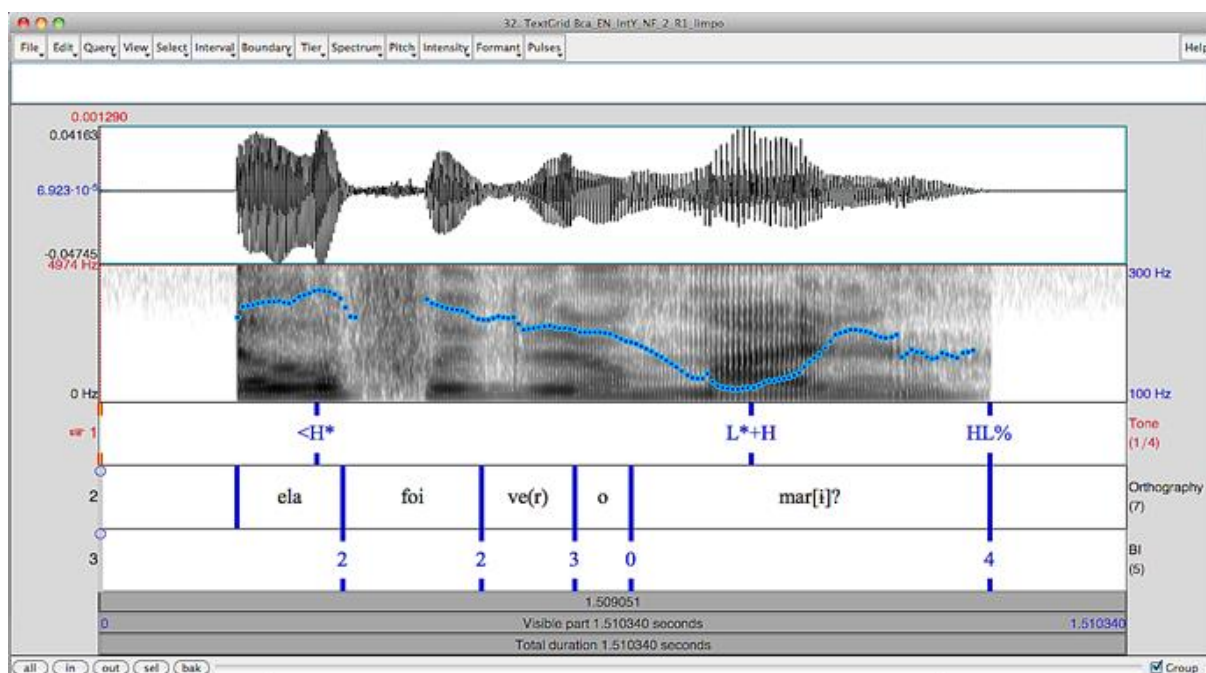


Figura 11: Exemplo de *textgrid* anotada segundo as convenções do sistema P-ToBI, extraído de <http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI/ToBI/ToBI_cv.html>.

Para a análise estatística descritiva e inferencial da pesquisa, foi criada uma base de dados no programa Microsoft Excel (MICROSOFT EXCEL, 2013), contendo os resultados referentes aos parâmetros acústicos e entoacionais analisados. Ao todo, foram estabelecidas onze colunas, sendo elas: 1ª coluna – Dado: código do dado; 2ª coluna – Falante: código da falante; 3ª coluna – Tipo de prosodização: 1 – “aí” + IP ou 2 – IP independente ou 3 – “aí” integrado; 4ª coluna – Pitch accent: acento tonal do IP antes de “aí”; 5ª coluna – Boundary tone: tom de fronteira do IP antes de “aí”; 6ª coluna – Contorno nuclear: contorno nuclear do IP antes de “aí”; 7ª coluna – Pitch accent (Aí): acento tonal sobre “aí”; 8ª coluna – Boundary tone (Aí): tom de fronteira do IP formado por “aí”; 9ª coluna – Pausa 1: valores brutos (em segundos) da duração da pausa antes de “aí”; 10ª coluna – Aí: valores brutos (em segundos) da duração de

¹⁴ Tendo em vista que, no tratamento do fraseamento prosódico nesta dissertação, foram consideradas apenas as fronteiras de sintagma entoacional, anotamos apenas as fronteiras desse constituinte (4).

“ai”; e 11ª coluna – Pausa 2: valores brutos (em segundos) da duração da pausa depois de “ai”. A partir da tabela criada, foi possível calcular os valores percentuais dos resultados encontrados e também submetê-los à análise estatística inferencial no programa R (R CORE TEAM, 2013). Todos esses resultados serão apresentados no capítulo a seguir.

Dado	Falante	Prosodizacao	PitchAccent	BoundaryTone	Contornonuclear	PitchAccentAi	BoundaryToneAi	Pausa1	Ai	Pausa2		Pausa	Soma	Média
AR1	AR	1 HL*	LH%	HL*_LH%	L*			0,714	0,398	0				
AR2	AR	1 HL*	L%	HL*_L%	L*			1,643	0,173	0	AR	42,655	1,293	
AR3	AR	1 HL*	LH%	HL*_LH%	L*			0,919	0,467	0	JP	19,208	0,768	
AR4	AR	1 HL*	L%	HL*_L%				0,647	0,085	0	LM	7,387	0,369	
AR5	AR	1 HL*	L%	HL*_L%	LH*			1,780	0,416	0	MF	12,205	0,555	
AR6	AR	1 HL*	L%	HL*_L%	L*			0,957	0,203	0	MM	22,462	0,802	
AR7	AR	1 HL*	L%	HL*_L%	LH*			1,847	0,359	0	JS	10,99	0,611	
AR8	AR	1 L*H	LH%	L*H_LH%				0,339	0,09	0	PS	18,58	1,161	
AR9	AR	1 HL*	L%	HL*_L%	LH*			1,511	0,098	0	SC	12,881	1,288	
AR10	AR	1 HL*	L%	HL*_L%	LH*			1,335	0,193	0	SS	24,182	0,691	
AR11	AR	1 HL*	L%	HL*_L%				1,545	0,107	0	IC	10,511	0,457	
AR12	AR	1 HL*	L%	HL*_L%	LH*			1,26	0,545	0				
AR13	AR	1 HL*	L%	HL*_L%	LH*			1,35	0,672	0				
AR14	AR	1 HL*	L%	HL*_L%	LH*			1,254	0,365	0				
AR15	AR	1 HL*	L%	HL*_L%	L*			0	0,296	0				
AR16	AR	1 HL*	L%	HL*_L%	LH*			1,783	0,214	0				
AR19	AR	1 HL*	L%	HL*_L%	LH*			0,325	0,19	0				
AR20	AR	1 HL*	LH%	HL*_LH%	LH*			2,207	1,05	0				
AR21	AR	1 L*H	H%	L*H_H%	HL*			0	0,126	0				
AR24	AR	1 HL*	L%	HL*_L%	LH*			1,597	0,324	0				
AR26	AR	1 HL*	L%	HL*_L%	LH*			0,292	0,098	0				
AR27	AR	1 HI*	L%	HI*_L%	L*			1,516	0,199	0				

Figura 12: Tabela contendo os resultados referentes aos parâmetros acústicos e entoacionais analisados.

Capítulo 5: Análise e Discussão dos Resultados

Os resultados apresentados nesta dissertação fazem referência ao fraseamento prosódico do “aí” sequenciador, analisando o contorno nuclear do IP que antecede o item, o acento tonal associado a “aí”, quando esse está ligado ao IP que lhe segue, o contorno nuclear sobre “aí”, nos casos em que o item forma um IP independente, e o papel das pausas. Por fim, apresentamos os resultados referentes à análise estatística inferencial (R CORE TEAM, 2013) realizada a partir de uma série de perguntas formuladas com base na observação dos dados e resultados previamente discutidos.

5.1. Fraseamento prosódico de “aí”

Os resultados do fraseamento prosódico de “aí” confirmam as hipóteses postuladas sobre as possibilidades de prosodização do item. Retomando o que dissemos em capítulos anteriores, postulamos que: (i) o item “aí” deve formar um IP independente, constituindo um domínio de entoação próprio, relativamente ao IP que se lhe segue (ex.: [O bote começa a descer]IP [aí]IP [ela fica olhando]IP); ou (ii) “aí” deve estar integrado ao IP seguinte (2º IP), constituindo a sua região pré-nuclear e funcionando como a primeira PW dessa unidade fonológica (ex.: [O bote começa a descer]IP [aí ela fica olhando]IP).

Além dessas hipóteses, encontramos também uma terceira possibilidade de prosodização que não havia sido pensada: em alguns dados, não foi possível identificar nem uma fronteira melódica e nem uma pausa antes de “aí”, estando o item completamente integrado na cadeia melódica; por essa razão, o chamamos de “aí” integrado. Nesses casos, houve a reestruturação dos três potenciais IPs em um único, na produção da fala espontânea. Devido à decisão metodológica de que o alongamento silábico final não seria considerado nesta dissertação, não foi possível investigar a ocorrência dessa pista prosódica para observar a presença de uma fronteira duracional nesses casos, o que nos permitiria verificar se o item se prosodiza tal como postula uma das hipóteses acima. Apesar disso, em alguns dados, a partir de uma análise de oitiva, é possível perceber um alongamento silábico nas sílabas que estão em

contexto de fronteira de IP anterior ao “aí” (escute áudio da Figura 15¹⁵). A Tabela a seguir explicita a distribuição geral da prosodização de “aí”.

Tipos de prosodização de “aí”	Oco/Total (%)
aí+IP	244/290 (84%)
IP independente	28/290 (10%)
Sem fronteira melódica ou pausa (integrado)	18/290 (6%)

Tabela 2: Distribuição geral da prosodização de “aí”.

Conforme podemos observar, a maioria dos “aís” (84%) é prosodizada de forma integrada ao IP seguinte, funcionando como o primeiro elemento dessa unidade, na região pré-nuclear, assim como propomos na hipótese (ii). Apenas 10% dos “aís” foram prosodizados como um IP independente (hipótese (i)). Por último, a suspeita de que seria agramatical o fraseamento de “aí” integrado ao primeiro IP, funcionando como a última PW do IP à esquerda, foi confirmada, visto que não foram encontrados dados desse tipo.

Esses resultados parecem mostrar que a prosódia está em consonância com o processamento linguístico e a estrutura informacional, visto que “aí”, geralmente, está relacionado àquilo que lhe segue, o que demonstra que, tanto do ponto de vista prosódico quanto do ponto de vista discursivo, o item se liga ao evento que ele mesmo introduz na cadeia da fala. As Figuras 13, 14 e 15 a seguir ilustram as três possibilidades de prosodização encontradas.

¹⁵ Todos os dados ilustrados em figuras do PRAAT possuem os seus respectivos arquivos de áudio gravados no CD que acompanha esta dissertação.

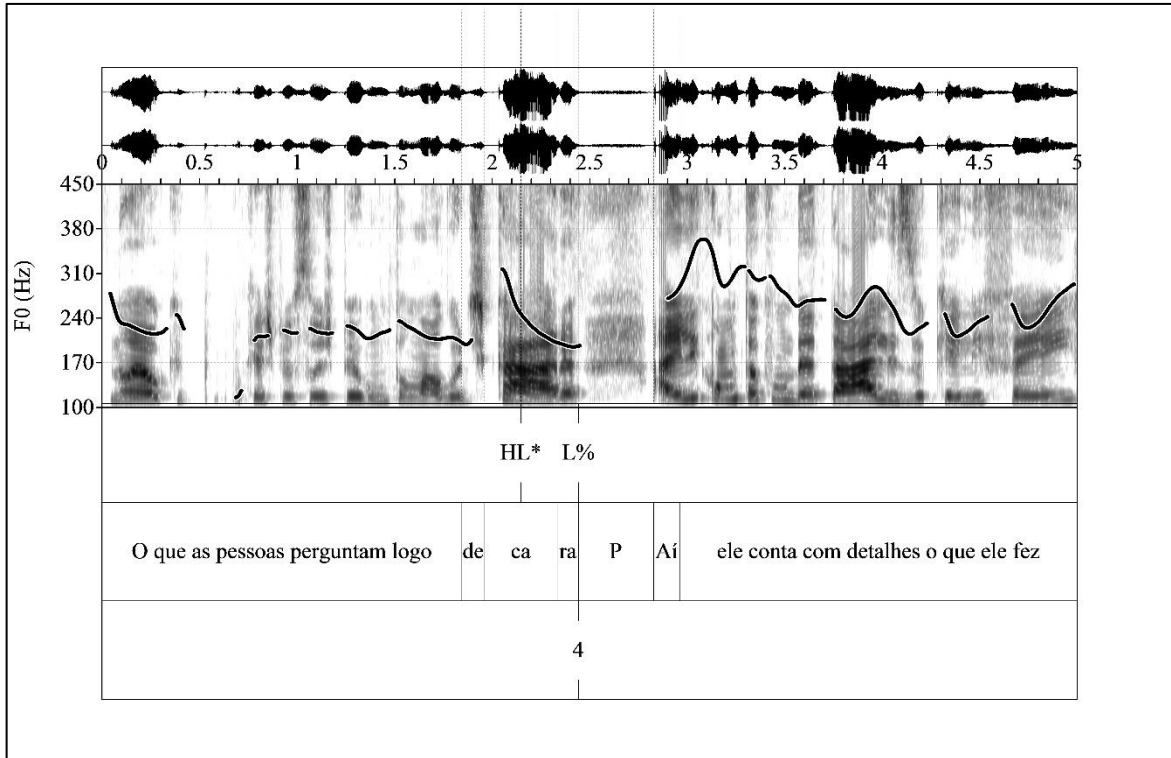


Figura 13: Exemplo de “ai” prosodizado como o primeiro elemento do IP em que ocorre, com pausa antes do item (Dado IC2: “O que as pessoas perguntam logo de cara. Ai ele conta com detalhes o que ele fez.”).

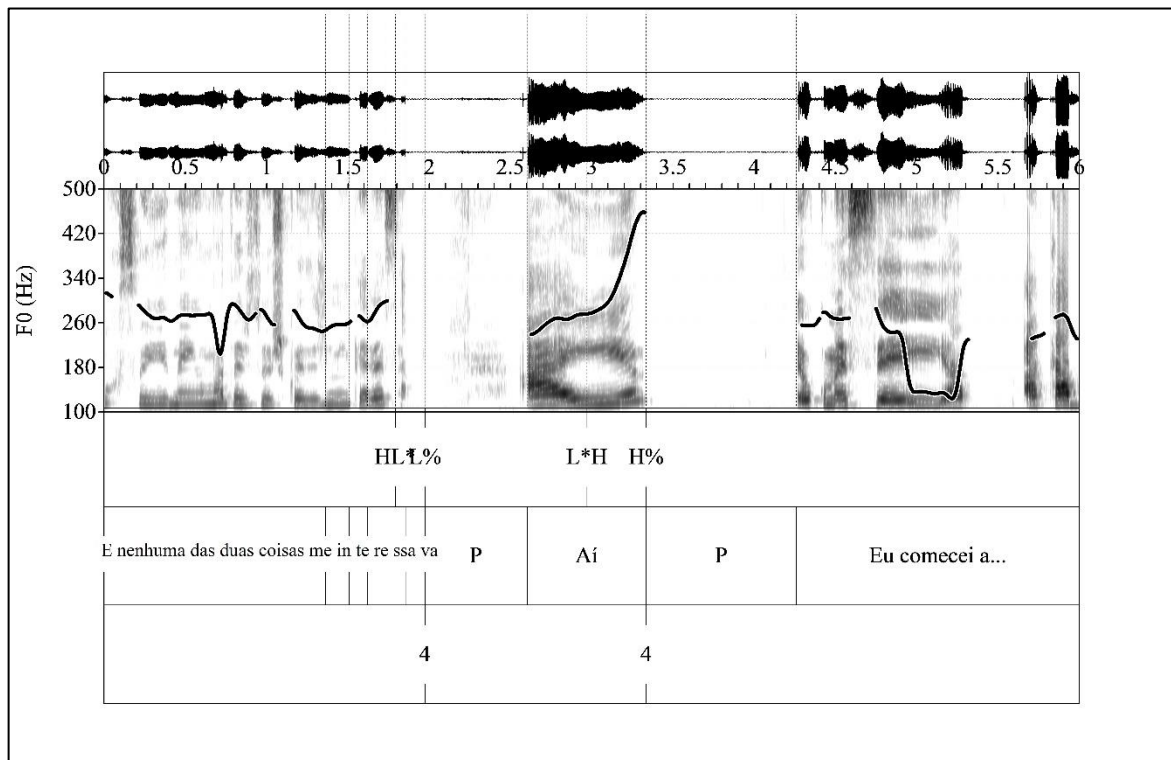


Figura 14: Exemplo de “ai” prosodizado como um IP independente, com pausa antes e depois do item (Dado SS7: “E nenhuma das duas coisas me interessava. Ai... Eu comecei a...”).

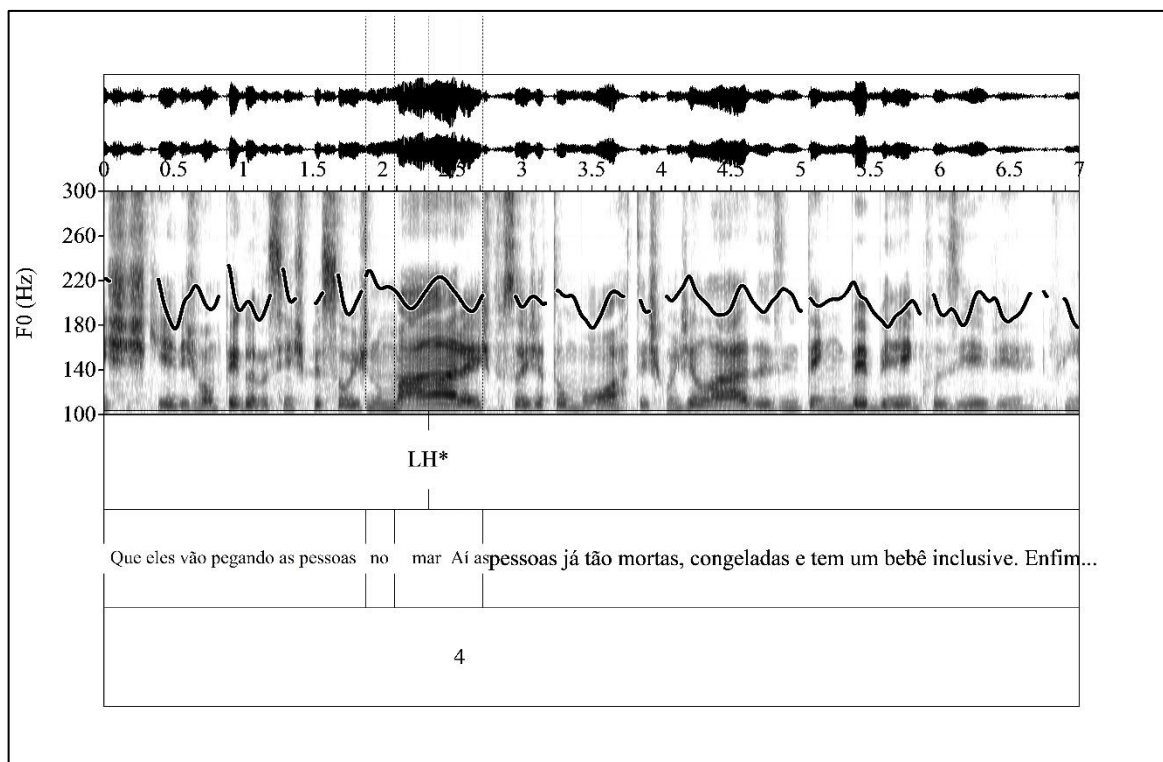


Figura 15: Exemplo de “aí” em enunciado sem fronteira melódica ou pausa antes e depois do item (Dado MF30: “Que eles vão pegando as pessoas no mar. Aí as pessoas já tão mortas, congeladas e tem um bebê inclusive, enfim...”).

Outra observação importante em relação ao fraseamento de “aí” é a de que, nos dados em que o item se prosodiza como um IP independente e, principalmente, nos dados em que “aí” está integrado na cadeia melódica, as possibilidades de prosodização parecem estar associadas ao comportamento linguístico de algumas falantes. As Tabelas 3 e 4 a seguir mostram a quantidade de dados de “aí” como um IP independente por informante.

“Aí” como IP independente	
Informantes (siglas)	Oco/Total (%)
AR	5/28 (17,8%)
IC	2/28 (7,1%)
JP	3/28 (10,7%)
JS	1/28 (3,6%)
LM	1/28 (3,6%)
MF	1/28 (3,6%)
MM	4/28 (14,3%)
SS	11/28 (39,3%)

Tabela 3: “Aí” como IP independente por informante em relação ao total de “aís” como IP independente.

“Aí” como IP independente	
Informantes (siglas)	Oco/Total (%)
AR	5/38 (13%)
IC	2/24 (8%)
JP	3/43 (7%)
JS	1/19 (5%)
LM	1/29 (3%)
MF	1/29 (3%)
MM	4/30 (13%)
SS	11/39 (28%)

Tabela 4: “Aí” como IP independente por informante em relação ao total de dados encontrados na fala da mesma informante.

Conforme podemos notar, a prosodização de “aí” como um IP independente não é muito produtiva por falantes, havendo até mesmo duas informantes que não realizaram esse tipo de estrutura. Parece que essa possibilidade de prosodização está ligada ao comportamento linguístico de algumas falantes, como é o caso da informante SS, em cuja fala foi registrado um percentual de 28%, representando 39,3% em relação ao total de “aís” prosodizados como um IP independente em todo o *corpus*. Esses índices parecem demonstrar que a informante SS possui um comportamento linguístico que se distancia do das demais falantes, mesmo que o seu padrão de fraseamento mais recorrente também seja o postulado pela hipótese (ii).

Nos dados em que “aí” está integrado na cadeia melódica, ou seja, quando não havia fronteira melódica ou pausa antes do item, parece haver uma relação ainda maior com o comportamento linguístico de falantes específicas. As Tabelas a seguir mostram a quantidade de dados de “aís” integrados por informante.

“Aí” integrado	
Informantes (siglas)	Oco/Total (%)
AR	1/18 (5,6%)
JP	9/18 (50%)
MF	3/18 (16,6%)
SC	5/18 (27,8%)

Tabela 5: “Aí” integrado por informante em relação ao total de “aís” integrados.

“Aí” integrado	
Informantes (siglas)	Oco/Total (%)
AR	1/38 (2%)
JP	9/43 (20%)
MF	3/29 (10%)
SC	5/18 (27,8%)

Tabela 6: “Aí” integrado por informante em relação ao total de dados encontrados na fala da mesma informante.

Primeiramente, podemos observar que essa possibilidade de prosodização se concentra apenas na fala de quatro das dez informantes. O que também chama a atenção nessas tabelas são os resultados relativos à fala das informantes JP e SC. No caso da falante JP, notamos que os dados encontrados na sua fala representam metade de todos os dados do mesmo tipo observados em todo o *corpus*. Contudo, esses dados correspondem a apenas 20% da fala de JP, o que nos faz crer que esse resultado não é tão robusto para afirmarmos que o tipo de prosodização está associado ao comportamento linguístico dessa falante. Contrariamente, os resultados encontrados na fala da informante SC parecem demonstrar que a falante explora a prosodização de “aí” integrado mais frequentemente do que as outras, visto que os seus dados representam 27,8% das ocorrências tanto em relação ao total de “aís” integrados quanto em relação à sua fala. Uma possível explicação para esses resultados seria a influência da velocidade de fala variada entre as falantes, o que poderia propiciar, naquelas de fala mais rápida, a maior ocorrência de “aís” integrados. Essa relação será explorada na seção 5.5., referente ao papel das pausas.

Uma questão observada nesses dados também foi a ocorrência de processos fonológicos de ressilabificação quando o vocábulo anterior a “aí” terminava em *R* ou *S*. Como exemplo, temos a ressilabificação do rótico na palavra “mar” (reescute áudio da Figura 15), em que o segmento em posição de coda silábica passa para o contexto de ataque da sílaba /a/ de “aí”. Esse fenômeno de sândi não inviabiliza a nossa interpretação de que há uma fronteira de IP antes de “aí” nesses casos, visto que, de acordo com Tenani (2002), o processo de *tapping* no português é bloqueado apenas em contexto de fronteira de enunciados fonológicos, podendo ocorrer nas fronteiras de todos os outros domínios prosódicos mais baixos.

5.2. Contorno nuclear do IP anterior a “aí”

No IP anterior a “aí”, foi encontrada uma diversidade de contornos nucleares, resultado já esperado por serem dados provenientes de um *corpus* de fala espontânea (SERRA, 2009). Apesar disso, verifica-se uma preferência pelo contorno nuclear descendente do tipo /HL* L%/, o qual caracteriza o movimento melódico das assertivas neutras no português (CUNHA, 2000; FROTA & VIGÁRIO, 2000; MORAES, 2008; SERRA, 2009; SILVESTRE, 2012; CARDOSO ET AL., 2014; FROTA ET AL., 2015a). Esse resultado corrobora o que dissemos na seção anterior sobre o comportamento discursivo e prosódico de “aí”: o item, geralmente, está relacionado àquilo que lhe segue. O contorno descendente demarca o fim de um enunciado no português, que corresponde ao encerramento de uma informação¹⁶. Dessa maneira, o contorno descendente auxilia na interpretação de que “aí” não encerra a informação anterior a ele, mas introduz a que lhe segue. Os resultados relativos aos contornos nucleares dos IPs antes de “aí” são explicitados na Tabela 7 a seguir. Esses resultados levam em consideração os dados nos quais foi possível observar um contorno nuclear (acento tonal mais tom de fronteira). Isso significa dizer que foram excluídos do cômputo total os 18 dados em que não havia um tom de fronteira antes de “aí”.

Contorno nuclear antes de “aí”		
Padrões	Oco/Total	%
/H*L L%/ - /HL* L%/ ¹⁷	157/272	57,7%
/HL* LH%/	62/272	22,8%
/L*H H%/	23/272	8,5%
/LH* L%/	12/272	4,4%
/HL* HL%/	9/272	3,3%
/L*H LH%/	7/272	2,6%
/L*H HL%/	2/272	0,7%

Tabela 7: Padrões de contorno nuclear do IP anterior a “aí”.

Se por um lado os contornos descendentes marcam o fim de uma sentença/enunciado em português, por outro, os movimentos ascendentes caracterizam os contornos continuativos.

¹⁶ Poderíamos relacionar esse resultado com o conceito de *unidade comunicativa*, proposto por Marcuschi (1986) e baseado em Rath (1979), apresentado no capítulo 2 desta dissertação.

¹⁷ Por julgarmos não haver diferença fonológica, decidimos agrupar os padrões /H*L L%/ e /HL* L%/, mesmo sabendo que /H*L/ pode expressar foco no português, principalmente no PE. O padrão /H*L L%/ ocorreu em apenas um dado.

Tendo em vista essa informação, investigamos se os contornos nucleares continuativos encontrados, ou seja, os que apresentaram fronteiras altas e ascendentes /H%/ e /LH%/, indicavam uma relação mais estreita entre o evento introduzido por “aí” e a informação anterior ao item. Para dar cabo à análise, estabelecemos que essa relação mais estreita se daria pelos tipos de eventos sequenciados por “aí”. Tendo em vista que, de acordo com Silva & Macedo (1989), “aí” frequentemente sequencia ações que ocorrem sucessivamente, investigamos se os contornos continuativos encontrados se prestavam a indicar eventos ocorridos sucessivamente.

A análise mostrou que, em contextos em que o falante narra acontecimentos que ocorrem em cadeia, realmente se observa a presença de fronteiras altas ou ascendentes. Como exemplo, reproduzimos um trecho de fala em que a informante PS narra uma situação que viveu em uma atividade de campo que realizou durante seu curso de Graduação em Geologia. A falante conta a dificuldade que ela e seus colegas universitários enfrentaram quando tiveram de atravessar um caminho diante de uma boiada com cerca de 50 cabeças:

“**AÍ** a gente andava um pouquinho. **AÍ** eles ficavam parados. A gente... Eles... Parecia que faziam de sacanagem. A gente andava. **AÍ** de repente eles começavam a correr em círculo entre a gente.” (Dados da informante PS).

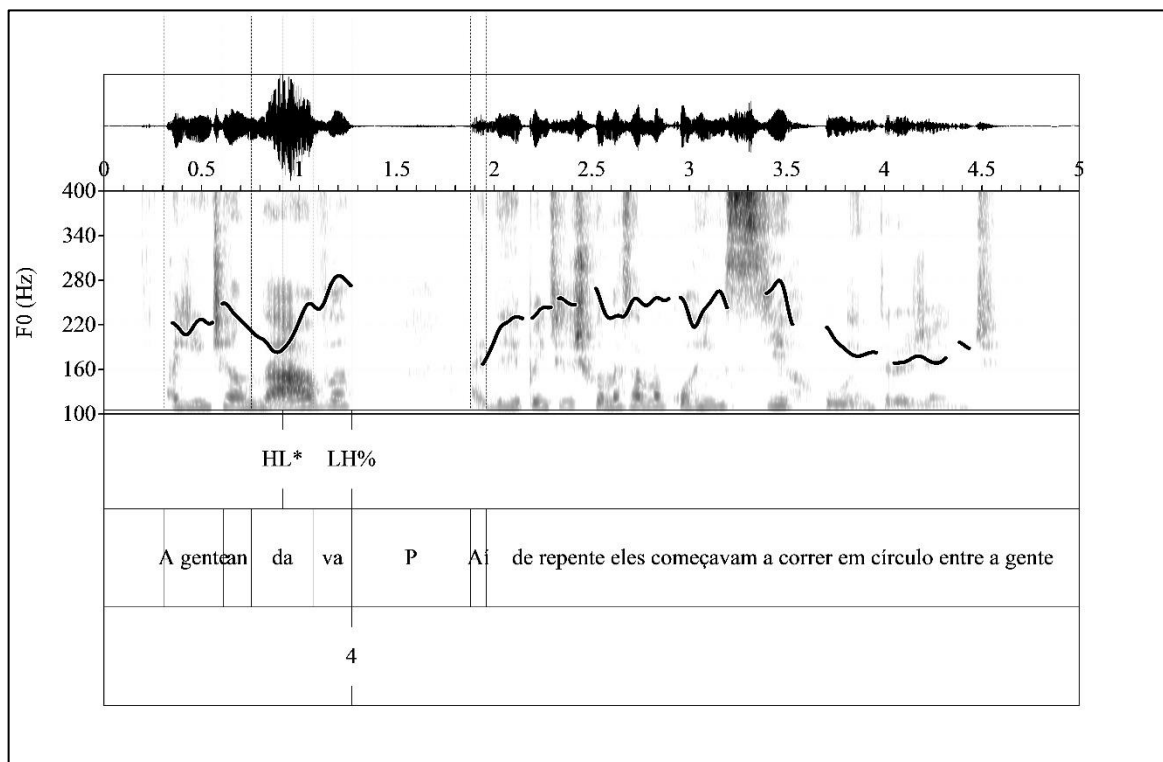


Figura 16: Exemplo de fronteira ascendente antes de “aí” (Dado PS10: “A gente andava. Aí de repente eles começavam a correr em círculo entre a gente.”).

Como mostra a Tabela 7, foi encontrada uma diversidade de contornos nucleares no IP interno. A seguir, os contornos nucleares que não foram apreciados até aqui serão ilustrados, sendo eles: /L*H H%/ (Figura 17), /LH* L%/ (Figura 18), /HL* HL%/ (Figura 19), /L*H LH%/ (Figura 20) e /L*H HL%/ (Figura 21).

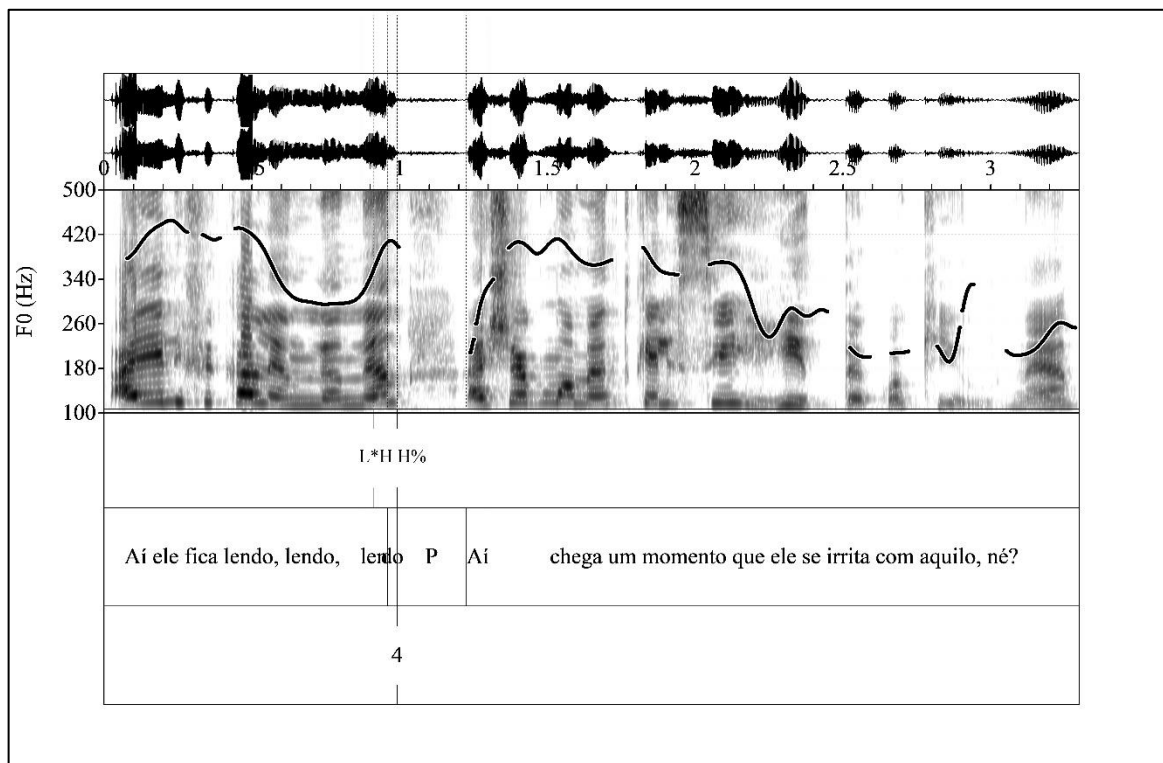


Figura 17: Exemplo de contorno nuclear do tipo /L*H H%/ do IP anterior a “aí” (Dado LM6: “Aí ele fica lendo, lendo, lendo. Aí chega um momento que ele se irrita com aquilo, né?”).

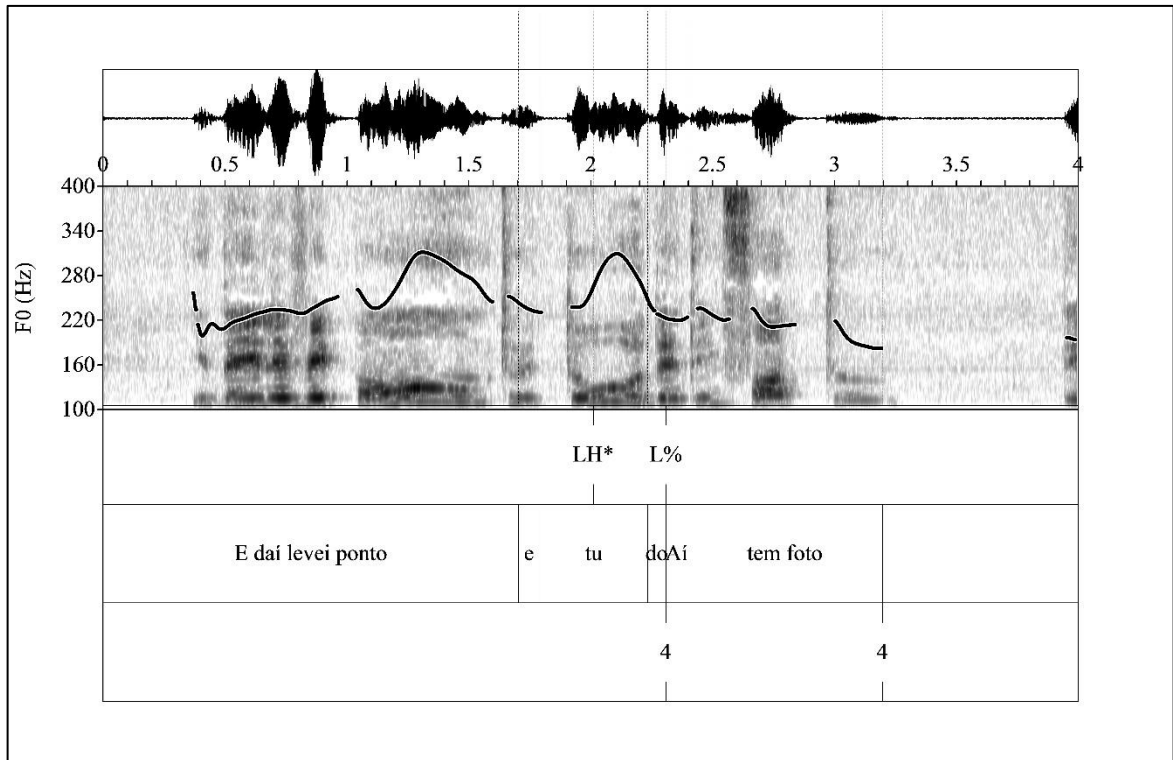


Figura 18: Exemplo de contorno nuclear do tipo /LH* L%/ do IP anterior a “ai” (Dado SC1: “E dai levei ponto e tudo. Ai tem foto.”).

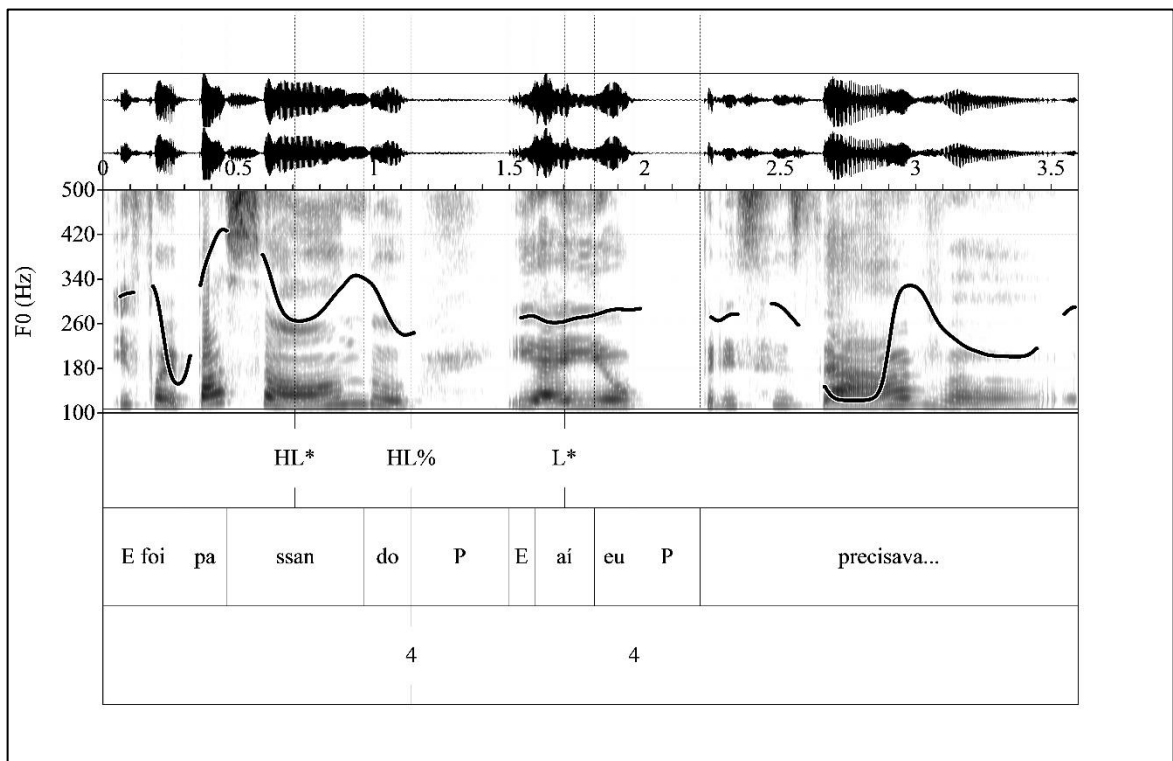


Figura 19: Exemplo de contorno nuclear do tipo /HL* HL%/ do IP anterior a “ai” (Dado SS38: “E foi passando. E ai eu... Precisava...”).

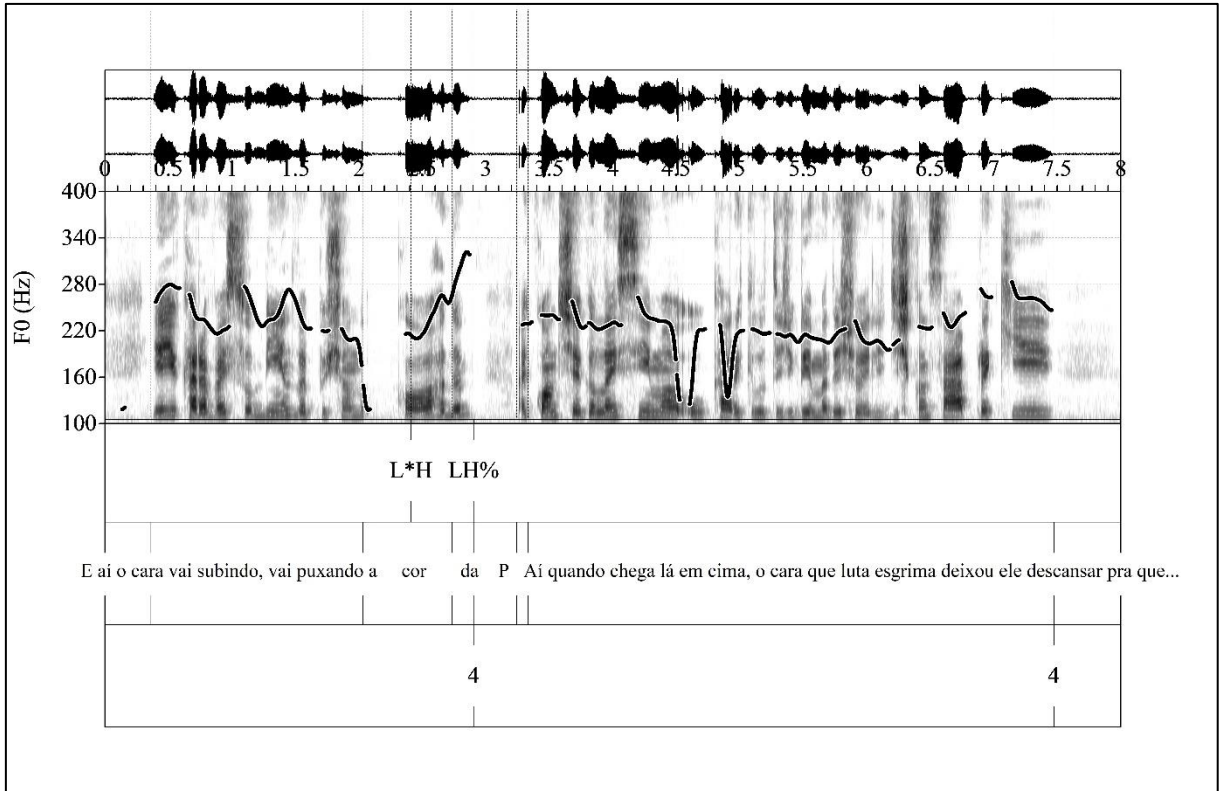


Figura 20: Exemplo de contorno nuclear do tipo /L*H LH%/ do IP anterior a “aí” (Dado AR8: “E aí o cara vai subindo, vai puxando a corda. Aí quando chega lá em cima, o cara que luta esgrima deixou ele descansar pra que...”).

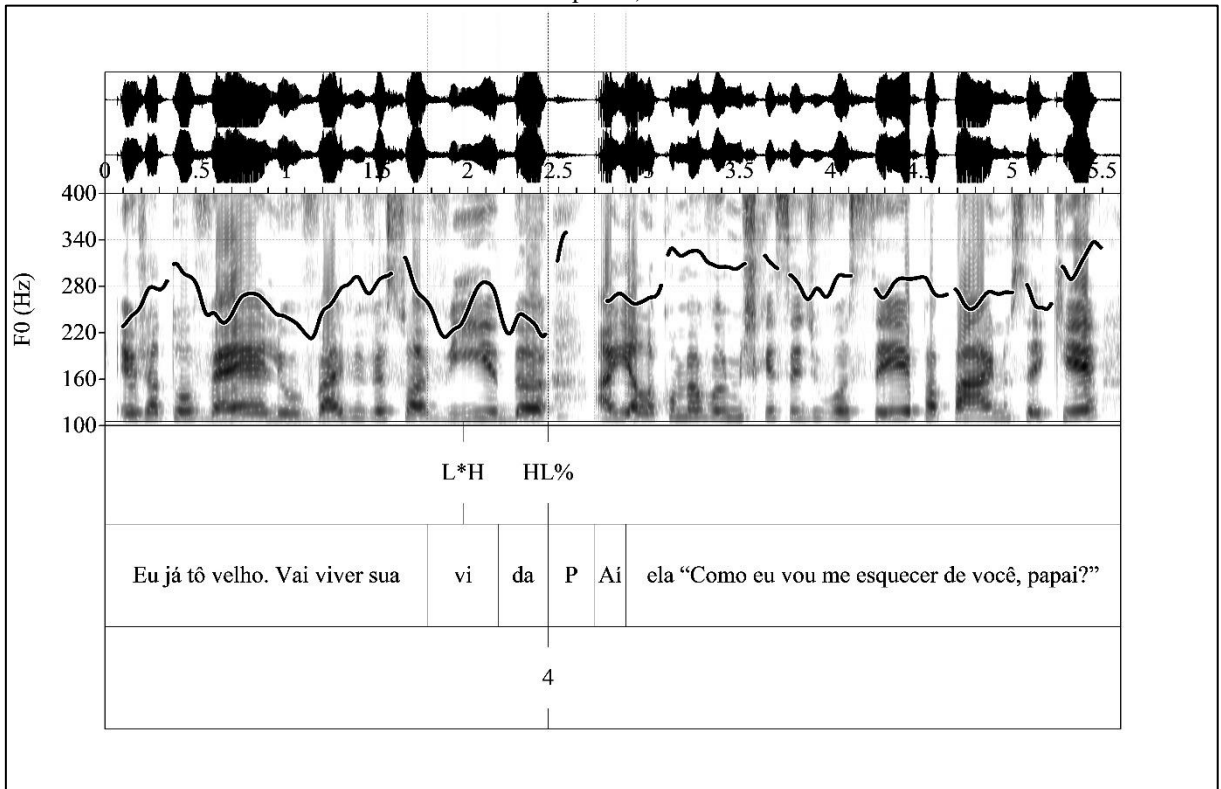


Figura 21: Exemplo de contorno nuclear do tipo /L*H HL%/ do IP anterior a “aí” (Dado JP18: “Eu já tô velho. Vai viver sua vida. Aí ela ‘Como eu vou me esquecer de você, papai?’”).

5.3. “Aí” no pré-núcleo

Analizamos também o acento tonal associado a “aí” a fim de melhor investigar o seu comportamento prosódico-entoacional. Encontramos 65 dados em que não parece haver um acento tonal associado ao item. Nesses casos, verificamos se a sua duração possuía alguma relação com a ocorrência ou não de acento tonal sobre “aí”, conforme será apresentado na análise estatística inferencial desta dissertação (seção 5.6.).

As Tabelas 8 e 9 a seguir explicitam os padrões de acento tonal associados a “aí”. A Tabela 8 se refere aos resultados encontrados para o acento tonal sobre “aí” nos casos em que o item está integrado ao IP seguinte e a Tabela 9 faz referência aos dados em que não foi observada fronteira melódica ou pausa antes do item, os chamados “aís” integrados. Em seguida, são ilustrados os acentos tonais sobre o item que não foram contemplados até aqui.

Acento tonal associado a “aí”		
Padrões	Oco/Total	%
/L*H/ - /LH*/ ¹⁸	114/244	46,7%
/L*/	58/244	23,8%
/HL*/	18/244	7,4%
/H*/	4/244	1,6%
Nenhum	50/244	20,5%

Tabela 8: Padrões de acentos tonais associados a “aí”.

Acento tonal associado aos “aís” integrados		
Padrões	Oco/Total	%
Nenhum	15/18	83,3%
/HL*/	2/18	11,1%
/LH*/	1/18	5,6%

Tabela 9: Padrões de acentos tonais associados aos “aís” integrados.

Conforme podemos observar, os padrões de acentos tonais associados a “aí” são diferentes a depender de como o item se prosodiza. Nos casos em que “aí” está integrado ao IP seguinte, apesar da variação, o acento tonal predominante sobre “aí” (/LH*/) é o típico do pré-núcleo das assertivas neutras no PB, no falar carioca e em outros dialetos. Esse resultado, analisado em conjunto com os da Tabela 2, demonstra que “aí” se comporta como a primeira palavra prosódica do sintagma fonológico que encabeça o segundo IP. Contudo, nos casos de “aí” integrado, predomina a não ocorrência de acento tonal associado ao item. Isso nos sugere

¹⁸ Por julgarmos não haver diferença fonológica, decidimos agrupar os padrões /L*H/ e /LH*/. O padrão /L*H/ foi observado em somente um dado.

que, nesses casos, o item se comporta como uma PW medial de IP, mesmo que haja uma fronteira duracional antes de “aí”.

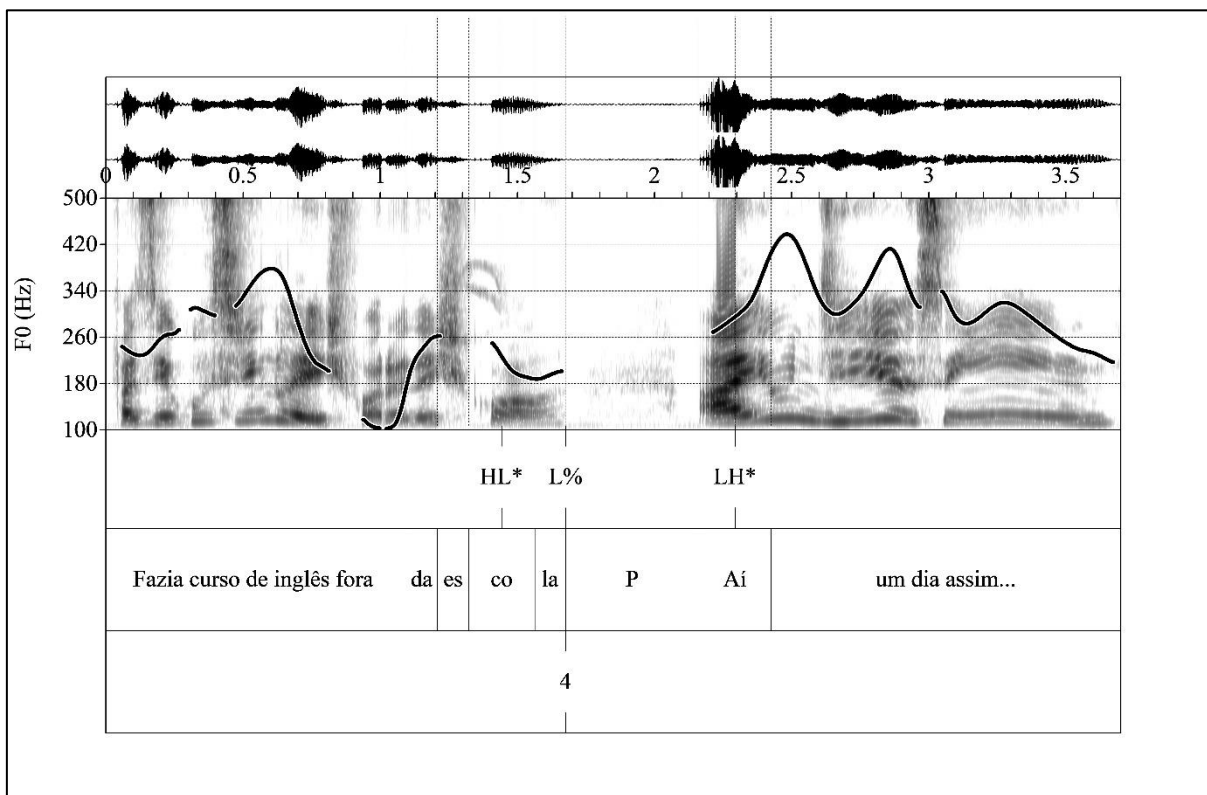


Figura 22: Exemplo de acento tonal do tipo /LH*/ associado a “aí” (Dado MF41: “Fazia curso de inglês fora da escola. Aí um dia assim...”).

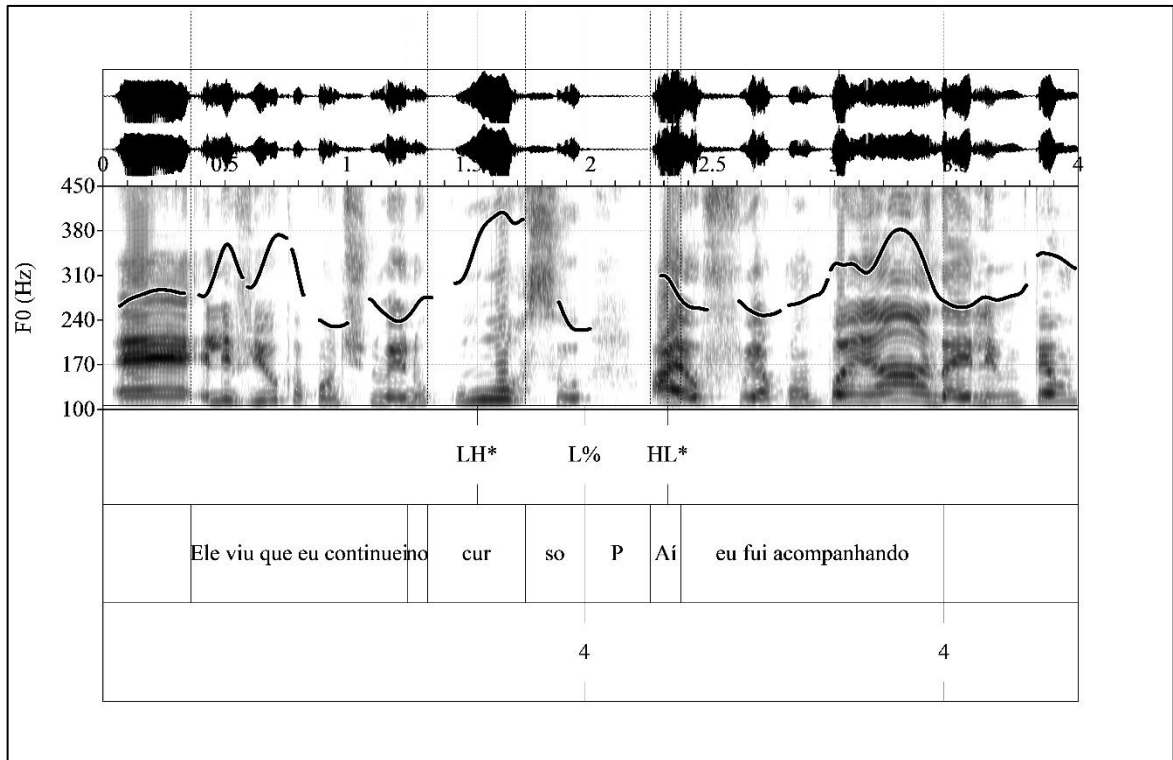


Figura 23: Exemplo de acento tonal do tipo /HL*/ associado a “aí” (Dado LM32: “Ele viu que eu continuei no curso. Aí eu fui acompanhando.”).

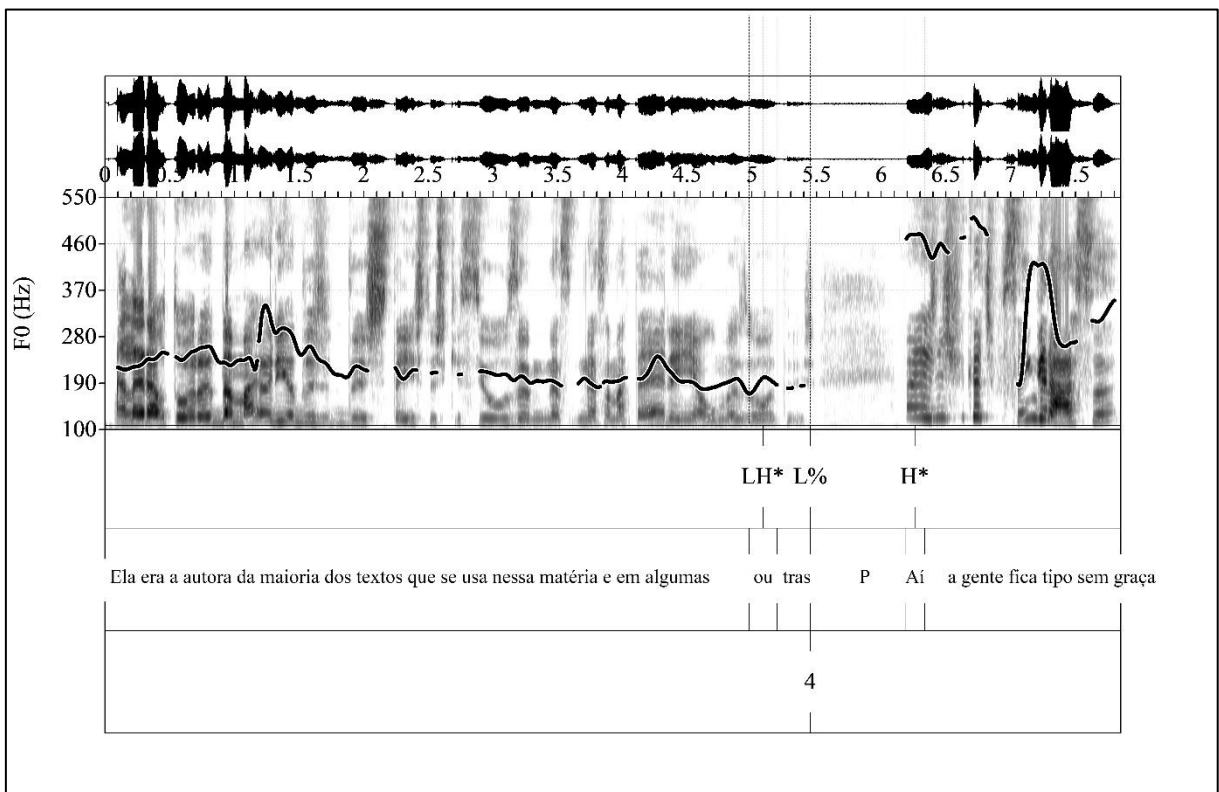


Figura 24: Exemplo de acento tonal do tipo /H*/ associado a “aí” (Dado MM7: “Ela a autora da maioria dos textos que se usa nessa matéria e em algumas outras. Aí a gente fica tipo sem graça...”).

5.4. Contorno nuclear sobre “aí”

Nos 28 dados em que “aí” formava um IP independente, constituindo um domínio de entoação próprio, foram observados os padrões de contorno nuclear sobre o item. Os resultados mostraram que o padrão /LH* H%/ é o mais recorrente. Sabemos que essa configuração tonal não está registrada dentre os contornos nucleares propostos pelo sistema P-ToBI; contudo, julgando ser essa a notação fonológica adequada para dar conta da maioria de nossos dados, propomos a inclusão dessa configuração para o inventário de contornos nucleares do português, caracterizando um padrão possível para elementos sequenciadores de pouco peso fonológico. A Figura 25 ilustra esse padrão e a Tabela 10 a seguir explicita os padrões de contorno nuclear sobre “aí”.

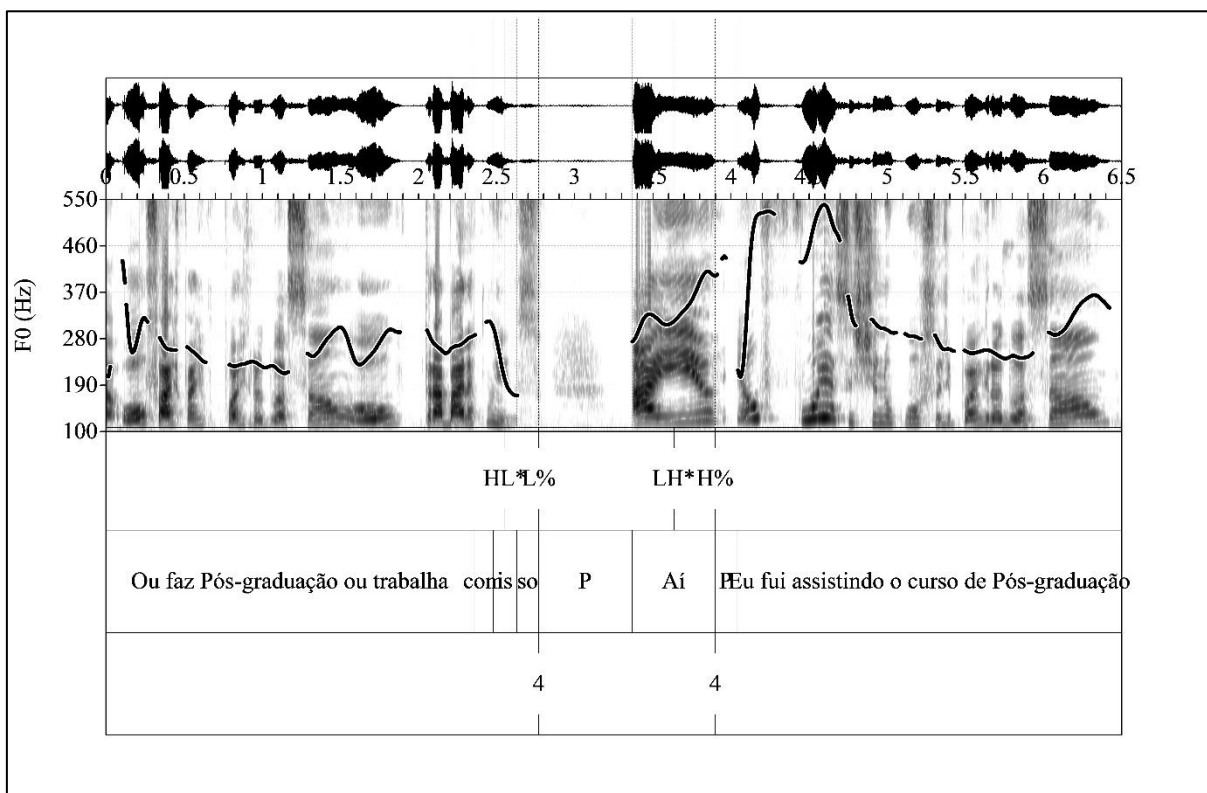


Figura 25: Exemplo de contorno nuclear do tipo /LH* H%/ sobre “aí” (Dado LM30: “Ou faz Pós-Graduação ou trabalha com isso. Aí... Eu fui assistindo o curso de Pós-Graduação.”).

Contorno nuclear sobre “aí”		
Padrões	Oco/Total	%
/L*H H%/ - /LH* H%/ ¹⁹	23/28	82,2%
/HL* LH%/	2/28	7,1%
/LH* L%/	2/28	7,1%
/HL* L%/	1/28	3,6%

Tabela 10: Padrões de contorno nuclear sobre “aí”.

Outro resultado importante a ser observado é o de que, na maioria dos dados (89,3%), o IP formado por “aí” apresentou um tom de fronteira alto/ascendente /(L)H%/, o que, conforme já assinalamos, caracteriza o contorno continuativo no PB. Essa informação parece demonstrar que, tal como foi apontado para o contorno nuclear do IP anterior a “aí”, a fronteira sinaliza que a informação seguinte está de certa maneira ligada ao item. Poderíamos sugerir assim que, mesmo nos casos em que “aí” é independente prosodicamente, parece que o item possui relação discursivo-informacional com o que lhe segue.

Uma questão que nos chamou atenção em relação aos dados de “aí” independente é a de que, nesses casos, o contorno entoacional sobre o item parece expressar algum tipo de atitude do falante (escute áudios das Figuras 26 e 27 a seguir) ou funcionar como uma estratégia de preenchimento de pausa para tempo de processamento linguístico por parte do falante e/ou ouvinte (escute áudio da Figura 28 a seguir), o que precisaria ser melhor investigado em trabalho futuro.

¹⁹ Por julgarmos não haver diferença fonológica, decidimos agrupar os padrões /L*H H%/ e /LH* H%/. O padrão /L*H H%/ só ocorreu em um dado.

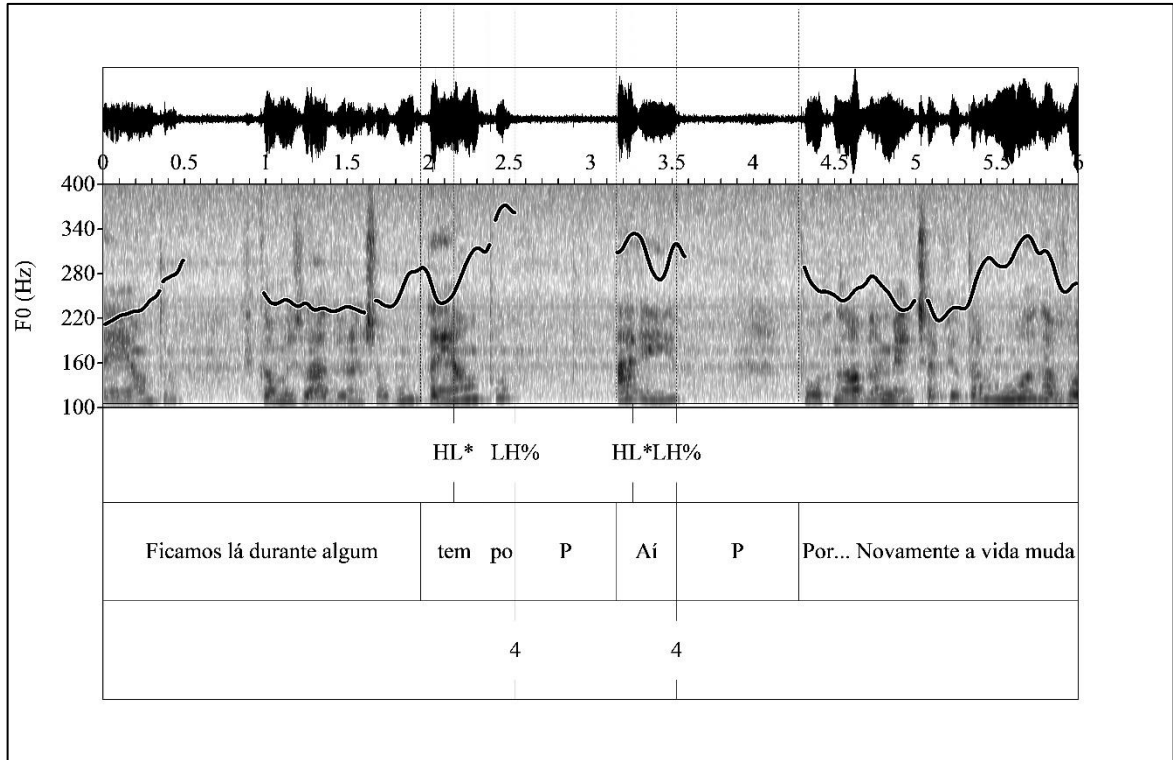


Figura 26: Exemplo de contorno nuclear do tipo /HL* LH%/ sobre “aí” (Dado JS1: “Ficamos lá durante algum tempo. Aí... Por... Novamente a vida muda.”).

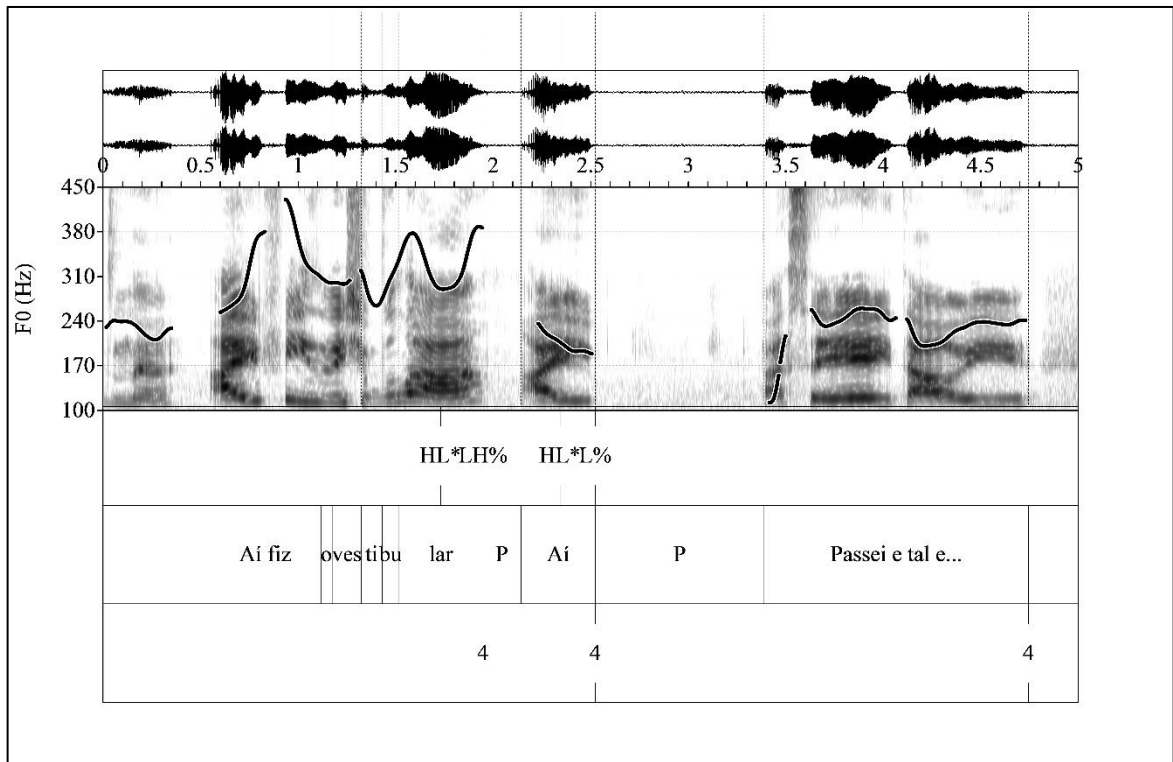


Figura 27: Exemplo de contorno nuclear do tipo /HL* L%/ sobre “aí” (Dado MF45: “Aí fiz o vestibular. Aí... Passei e tal e...”).

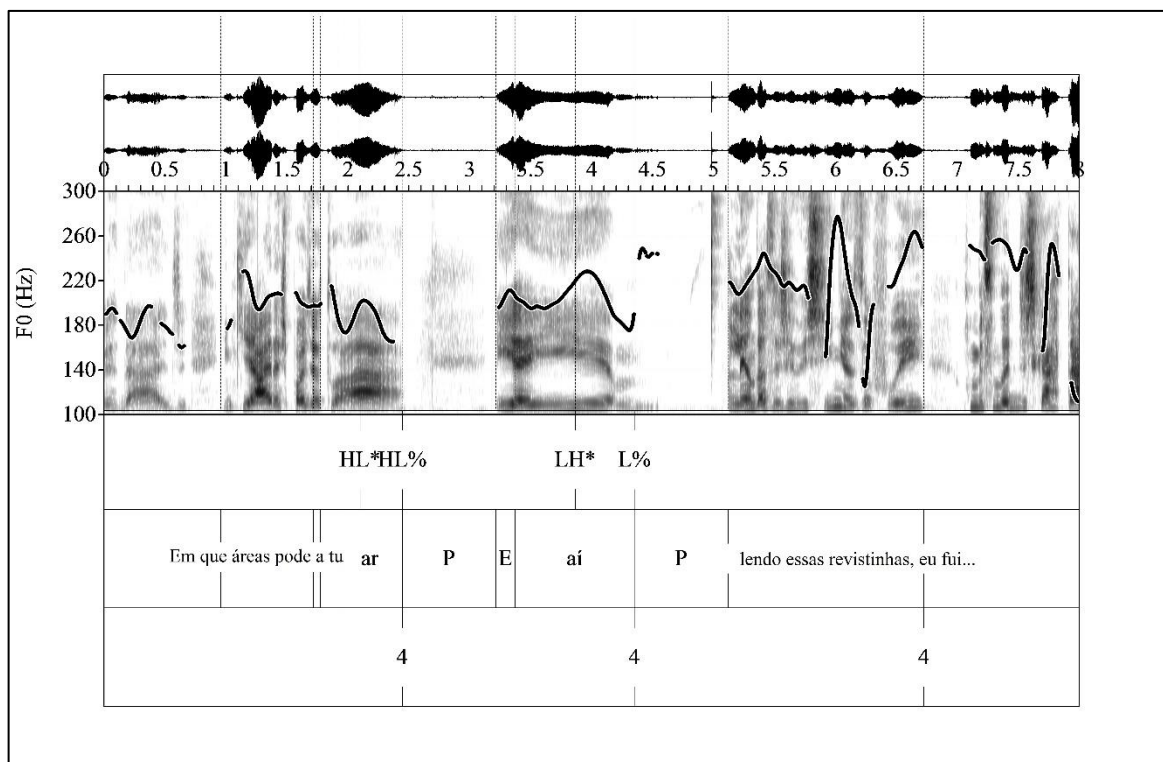


Figura 28: Exemplo de contorno nuclear do tipo /LH* L%/ sobre “aí” (Dado MM28: “Em que áreas pode atuar. E aí... Lendo essas revistinhas, eu fui...”).

5.5. O papel das pausas

A ocorrência de pausa foi muito produtiva tanto antes de “aí”, ou seja, como uma pista de fronteira prosódica do IP anterior a “aí”, quanto depois de “aí”, como uma pista de fronteira prosódica nos dados em que o item constituía um IP independente. Nestes casos, a pausa parece ser uma pista prosódica importante envolvida na prosodização, visto que só não ocorreu em um dos 28 dados.

Ocorrência de pausa		
Posição	Oco/Total	%
Antes de “aí”	230/290	79%
Depois de “aí”	27/28	93%

Tabela 11: Ocorrência de pausa.

A pausa é notavelmente reconhecida como uma pista prosódica importante para o fraseamento prosódico, tanto em relação à produção quanto à percepção. Os trabalhos de Serra

(2009; 2010) deixam isso claro ao mostrar que a ocorrência de pausa é a principal pista de que os ouvintes lançam mão para a percepção de uma fronteira prosódica. A autora mostra que a presença de pausa dá conta sozinha de 87% de todos os seus dados, o que significa dizer que, para a percepção de uma fronteira prosódica, a pausa é a pista prosódica de maior influência no julgamento dos ouvintes sobre a percepção de uma fronteira prosódica. Além disso, a duração da pausa também é um fator que auxilia na percepção de uma ruptura no contínuo de fala. Os trabalhos também apontam que uma fronteira prosódica é mais facilmente percebida nos casos em que as pausas são mais longas.

Na investigação do papel das pausas nesta dissertação, observamos também a ocorrência e duração dessa pista duracional antes de “aí” por falante. Conforme dissemos na seção 5.1., nesta seção, a fim de tentar estabelecer uma relação entre a velocidade de fala das informantes e a produção de “aís” integrados, exploraremos a presença e a duração das pausas antes de “aí”. Em hipótese, postulamos que as falantes que produzem mais “aís” integrados podem fazer menos pausas e/ou pausas mais curtas por conta da maior velocidade de fala. As Tabelas 12 e 13, a seguir, explicitam a ocorrência e duração da pausa antes de “aí” por falante.

Número de ocorrências de pausa antes de “aí” por falante

Falante	Oco/Total (%)
AR	33/38 (86,8%)
IC	23/24 (95,8%)
JP	25/43 (58,1%)
JS	18/19 (94,7%)
LM	20/29 (68,9%)
MF	22/29 (75,8%)
MM	28/30 (93,3%)
PS	16/21 (76,1%)
SC	10/18 (55,5%)
SS	35/39 (89,7%)

Tabela 12: Número de ocorrências de pausa antes de “aí” por falante.

Médias de duração da pausa antes de “aí” por falante

Falante	Média de duração
AR	1,293 s
IC	0,457 s
JP	0,768 s
JS	0,611 s
LM	0,369 s
MF	0,555 s
MM	0,802 s
PS	1,161 s
SC	1,288 s
SS	0,691 s

Tabela 13: Médias de duração da pausa (em segundos) antes de “aí” por falante.

As Tabelas mostram que todas as falantes exploram a realização da pausa no fraseamento prosódico do IP anterior a “aí”. Apesar disso, verifica-se que as falantes JP e SC

fazem um menor uso desse recurso do que as demais falantes. Observe que apenas na fala dessas duas informantes o percentual de ocorrência de pausas é inferior a 60% (58,1%, na fala de JP e, 55,5%, na fala de SC); na fala das outras oito informantes, o percentual da presença de pausas é de no mínimo 68,9% (falante LM). Conforme foi mostrado na seção 5.1., as falantes JP e SC são justamente aquelas em cuja fala se observou uma maior presença de “aís” integrados. Esses resultados parecem então demonstrar que a produção de “aís” integrados está relacionada à velocidade de fala das informantes, de maneira que as falantes que produzem mais “aís” integrados fazem menos pausas. Por outro lado, ao observarmos a Tabela 12 das médias de duração da pausa, notamos que a falante SC produz pausas mais longas. Dessa forma, encerramos esta seção concluindo que a relação entre a velocidade de fala das informantes e a produção de “aís” integrados é mais um tema de investigação a ser melhor explorado em trabalhos futuros.

5.6. Estatística Inferencial²⁰

A análise estatística inferencial desta pesquisa foi realizada no programa R (R CORE TEAM, 2013), a partir de quatro perguntas formuladas com base na observação dos dados e resultados discutidos nas seções precedentes. Para atestar a validade estatística dos resultados encontrados, estabelecemos um valor de $p \leq 0,05$ para todos os testes aplicados.

A primeira questão diz respeito à relação entre o tipo de tom de fronteira do IP antes de “aí” e a ocorrência e duração da pausa antes do item. A hipótese por trás dessa pergunta era a de que, nos dados em que havia um tom de fronteira baixo /L%/ ou descendente /HL%/, a ocorrência e a duração da pausa seriam maiores se comparadas aos dados em que havia um tom de fronteira alto /H%/ ou ascendente /LH%/. Esse raciocínio foi elaborado com base na ideia de que, conforme assinalado na seção 5.2., os contornos continuativos parecem demonstrar que o tipo de evento anterior a “aí” está mais integrado ao evento introduzido pelo item do que os eventos em IPs indicados por contornos com fronteiras baixas ou descendentes. Dessa maneira, formulamos a seguinte pergunta: (i) “Quando o tom de fronteira do IP antes de “aí” é alto /H%/ ou ascendente /LH%/, as pausas são menos frequentes ou mais curtas?” Antes de aplicar

²⁰ Agradecemos imensamente ao Prof. Dr. Albert Rilliard (LIMSI - *Laboratoire d'Informatique pour la Mécanique et les Sciences de l'Ingénieur, Universités Paris 6 e Paris 11*) pelo atencioso auxílio com a análise estatística, sem a qual não teria sido possível responder a muitas das perguntas propostas aqui.

qualquer teste estatístico, decidimos realizar um *boxplot* para observar a distribuição geral das pausas em relação aos tons de fronteira. Vejamos o Gráfico 1, abaixo:

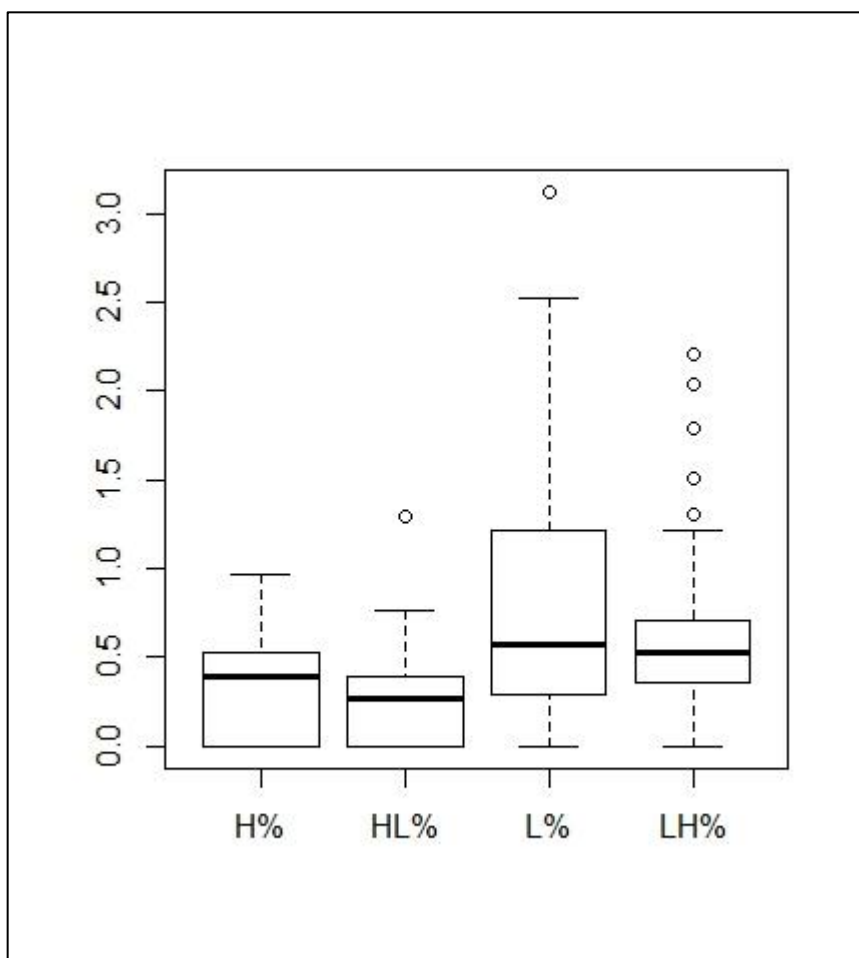


Gráfico 1: *Boxplot* da distribuição geral das pausas em relação aos tons de fronteira.

O gráfico acima apresenta no eixo y as medidas de duração da pausa (em segundos) antes de “aí” e, no eixo x, os tons de fronteira antes do item. Imediatamente, o que chama a atenção é a relação entre as pausas e a fronteira baixa /L%. Conforme podemos observar, o *boxplot* mostra que há uma tendência de que as pausas sejam mais longas quando o tom de fronteira é /L%. Também há uma tendência de que não ocorram pausas e/ou de que elas sejam mais breves quando o tom de fronteira é /H% ou /HL%.

Buscando observar melhor a relação entre as pausas e os tons de fronteira, decidimos agrupar as fronteiras /L% e /HL% em uma categoria, rotulada L, e as fronteiras /H% e /LH% em outra categoria, rotulada H. Observe o *boxplot* a seguir.

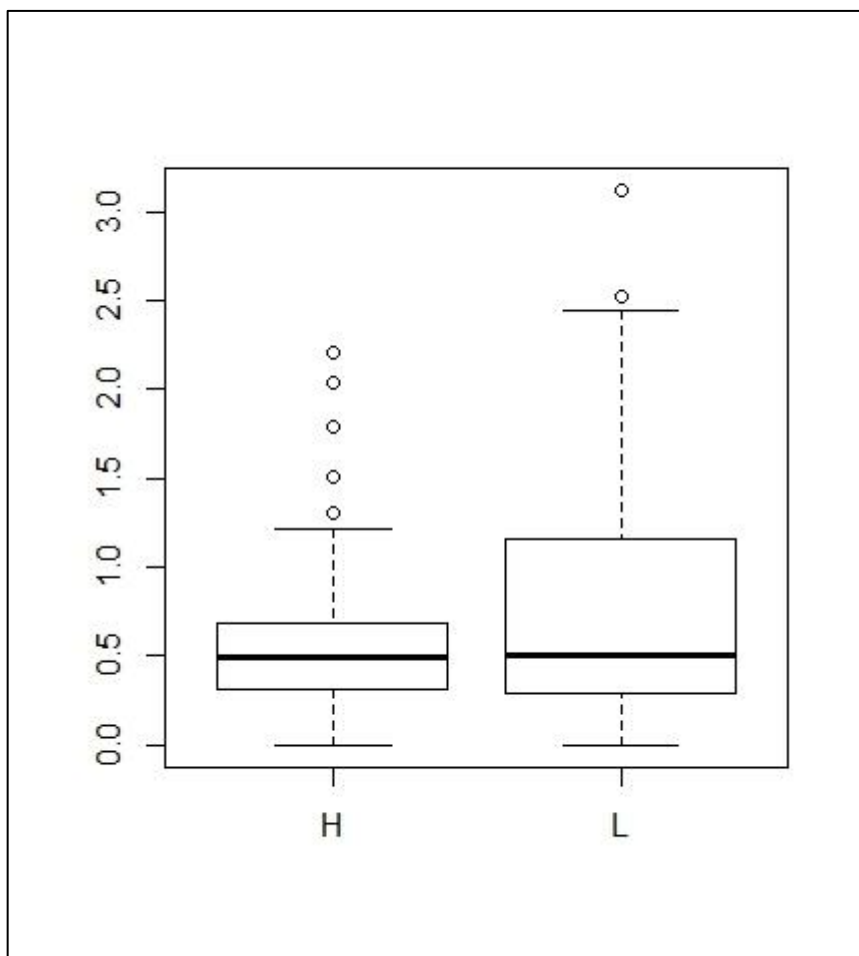


Gráfico 2: *Boxplot* da distribuição geral das pausas em relação às fronteiras alta e baixa.

O Gráfico 2 mostra mais nitidamente que as pausas tendem a ser mais longas em contextos em que há tons de fronteira baixos /L%/ ou descendentes /HL%/. De toda maneira, não podemos afirmar categoricamente que essa observação é realmente confiável. Por essa razão, aplicamos o *student's t-test*, a fim de verificar se a diferença observada era significativa. O resultado do teste mostrou que a relação entre a duração das pausas e os tons de fronteira não é relevante estatisticamente, visto que o valor de p foi igual a 0,06871, acima do limite considerado significativo estatisticamente. A hipótese foi então descartada.

A segunda pergunta formulada busca responder se a ocorrência de acento tonal associado a “aí” estaria relacionada à duração do item. Com base na observação dos dados, acreditamos que haveria maior probabilidade de ocorrência de acento tonal sobre “aí” nos dados em que o item possuísse uma duração maior do que naqueles em que a duração de “aí” fosse mais breve. Formulamos então a seguinte pergunta: (ii) “Haveria alguma relação entre a duração de “aí” e a ocorrência de acento tonal associado ao item?”

Para responder a essa pergunta, primeiramente, realizamos a média de duração do “ái” com acento tonal e a do item sem acento tonal e calculamos quantas vezes um é mais longo que o outro. A média de duração do “ái” com acento tonal, considerando todas as falantes conjuntamente, é de 283 milissegundos, enquanto a do item sem acento tonal é de 137 milissegundos. Isso significa que, nos casos em que há acento tonal associado a “ái”, o item é, em média, 2,06 vezes mais longo do que nos casos em que não se verifica a ocorrência de acento tonal sobre o item. A partir disso, verificamos se esse resultado era relevante estatisticamente. Observe-se o *boxplot* 3 a seguir.

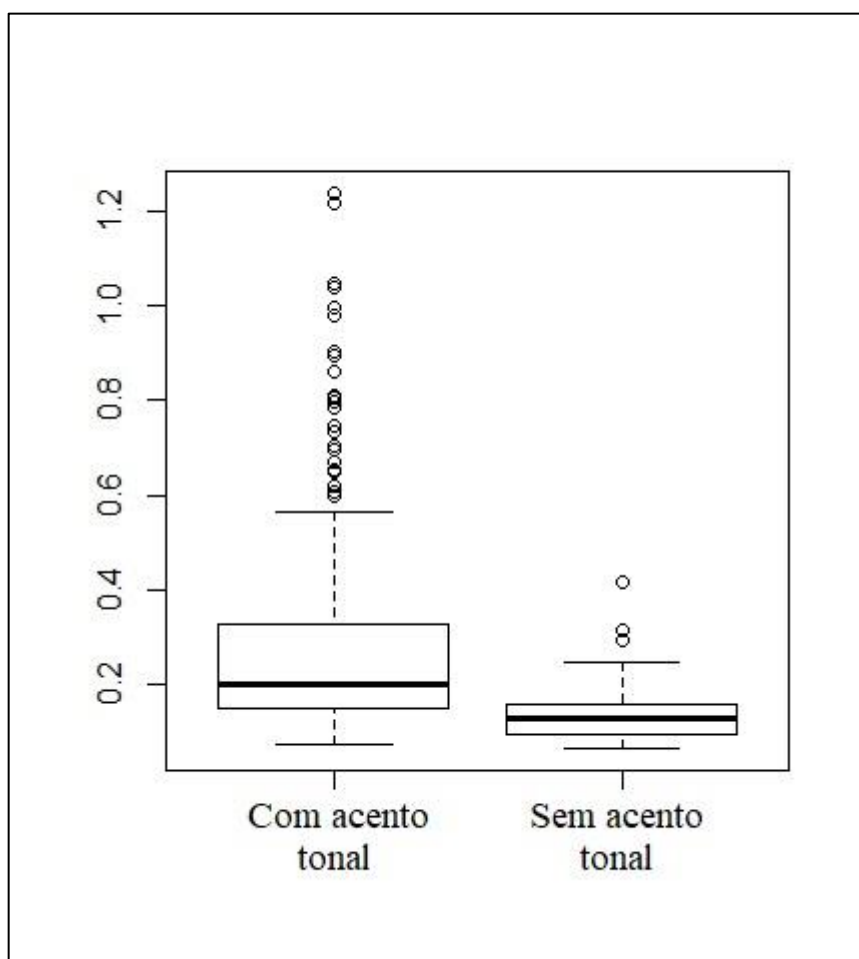


Gráfico 3: *Boxplot* da relação entre a duração de “ái” e a ocorrência de acento tonal associado ao item.

Conforme podemos observar, parece realmente haver uma relação entre a duração de “ái” e a ocorrência de acento tonal sobre o item. O gráfico 3 mostra que, nos casos em que “ái” é mais longo, há uma maior tendência de o item portar acento tonal. Para testar se essa relação é realmente significativa, aplicamos o teste de *Wilcoxon*. O resultado do teste confirmou a hipótese formulada, apresentando um valor de p igual a 1.198e-12.

Com o objetivo de verificar se a duração de “aí” estaria relacionada ao tipo de prosodização do item, formulamos a terceira pergunta: (iii) “Quando “aí” constitui um IP próprio, o item é mais longo do que quando está integrado ao IP seguinte?” Para responder a essa questão, primeiramente, elaboramos o *boxplot* 4 para observar a distribuição geral da duração de “aí” em relação às três possibilidades de prosodização encontradas.

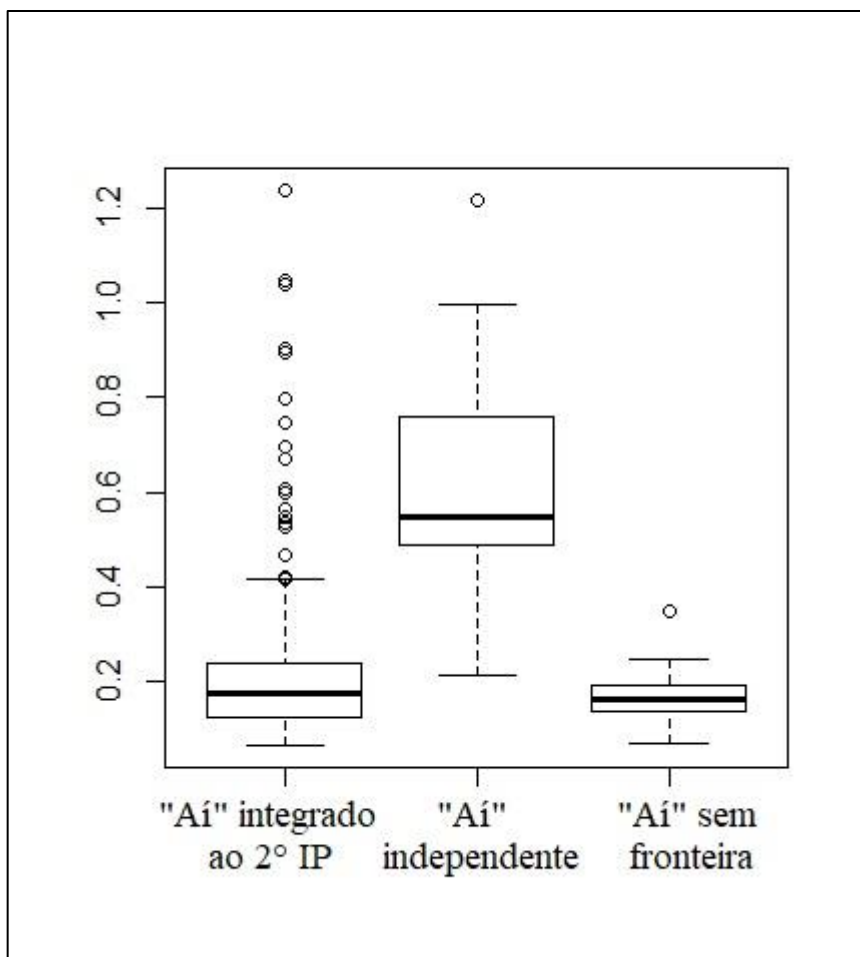


Gráfico 4: *Boxplot* da distribuição geral da duração de “aí” em relação aos três tipos de prosodização.

O Gráfico 4 apresenta no eixo y a duração (em segundos) de “aí” e, no eixo x, os três tipos de prosodização. Como podemos notar, a prosodização de “aí” como um IP independente apresenta um comportamento diferente em relação aos outros tipos. Nos casos em que “aí” forma um IP independente, o item tende a ser mais longo quando comparado aos dados em que o item está integrado ao IP seguinte ou naqueles em que não há fronteira melódica ou pausa antes do item. A fim de testar a condição de igualdade das variâncias, aplicamos o teste de *Flinger*. O resultado do teste se mostrou muito significativo, com o valor de p igual a 0,0003396. Esse resultado constitui mais uma evidência de que, nos dados em que “aí” está

integrado na cadeia melódica, o item se comporta fonologicamente da mesma forma que nos dados em o item está integrado ao IP seguinte.

A última pergunta formulada diz respeito à duração das pausas antes e depois de “aí”. A nossa hipótese era a de que as pausas antes do item tenderiam a ser mais longas do que as que ocorriam depois. Esse raciocínio foi elaborado com base na ideia de que as pausas antes de “aí” estariam relacionadas à fronteira do IP interno, domínio prosódico menos integrado, tanto prosodicamente quanto discursivamente, a “aí”, ao passo que as pausas depois do item estão relacionadas à fronteira do IP formado por “aí”, o qual está mais integrado ao IP seguinte, prosodicamente e discursivamente. Dessa maneira, formulamos a pergunta: (iv) “As pausas antes de “aí” são mais longas do que as que ocorrem depois do item?” O *boxplot* 5 a seguir ilustra a duração das pausas em relação à sua posição na cadeia da fala.

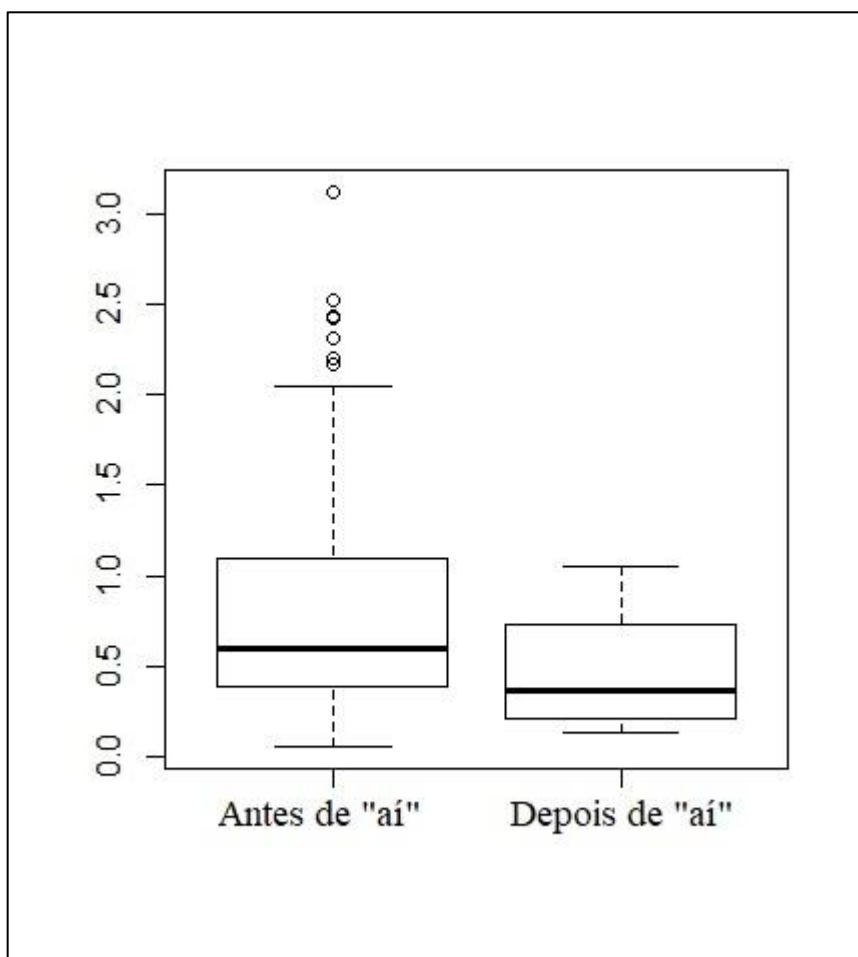


Gráfico 5: *Boxplot* da relação entre a duração das pausas e a sua posição.

Com base no Gráfico acima, podemos observar que as pausas antes de “aí” tendem a ser mais longas do que as que ocorrem depois do item. Para atestar a validade estatística dessa

observação, aplicamos o teste de *Wilcoxon*. O resultado do teste confirmou a hipótese formulada, apresentando um valor de p igual a 0,0004257. Esse resultado corrobora a interpretação de que, prosodicamente, “ái” está mais integrado ao IP seguinte do que ao anterior.

Capítulo 6: Considerações Finais

Esta dissertação teve como seus principais objetivos contribuir para os estudos acerca do fraseamento prosódico do PB e relacionar aspectos já estudados sobre o comportamento sintático e discursivo do sequenciador “aí” com as características prosódicas que singularizam o item. A pesquisa empreendida aqui contribui, em última instância, para a descrição da prosodização de itens localizados à margem das sentenças, tradicionalmente pouco investigados sob o ponto de vista prosódico-entoacional.

Com base nos resultados apresentados, podemos tecer as seguintes considerações acerca de como o item “aí” se comporta sob o ponto de vista prosódico-entoacional: (i) o item é mais frequentemente (84%) prosodizado de forma integrada ao IP seguinte, funcionando como a primeira PW dessa unidade, constituindo sua região pré-nuclear; (ii) o contorno nuclear do IP anterior a “aí” predominantemente (57,7%) apresenta o movimento melódico típico das assertivas neutras no português /HL* L%/; (iii) em contextos em que o falante narra acontecimentos que ocorrem em cadeia, é possível observar a presença de fronteiras altas ou ascendentes /H%/ e /LH%/ no IP anterior a “aí”; (iv) o acento tonal mais frequente (43,9%) sobre “aí” é /LH*/; e (v) nos casos em que “aí” forma um IP independente, o tom de fronteira alto/ascendente /(L)H%/ é mais frequente (89,3%), o qual caracteriza o contorno continuativo no PB. Todos esses resultados parecem estar em consonância com o que se observa sobre o comportamento sintático e discursivo do item: “aí” está relacionado ao conteúdo proposicional da oração seguinte, funcionando como uma marca do evento que ele mesmo introduz. No mesmo sentido, em termos prosódicos, o item encabeça o IP que se lhe segue.

Nos dados em que não foi verificada a presença de fronteira melódica ou pausa antes de “aí”, a análise estatística inferencial corrobora a hipótese de que o item se comporta fonologicamente da mesma forma que nos dados em que “aí” está integrado ao IP seguinte, ao mostrar que a duração do item nesses casos se assemelha àquela observada na maioria dos dados. É somente quando “aí” constitui um IP independente que o item apresenta uma duração mais longa. Nestes casos, interpretamos que a fronteira alta ou ascendente (presente na maioria dos dados) é um fator que indica a relação informacional mais estreita que “aí” possui com o evento introduzido pela oração seguinte. A análise estatística apresentou mais um resultado a favor de nossa hipótese, atestando que as pausas depois do item tendem a ser mais curtas se comparadas às que se localizam na fronteira direita do IP interno.

Esperamos ter alcançado nossos objetivos, respondendo às perguntas formuladas a respeito de como “aí” se comporta sob o ponto de vista prosódico. Contudo, resta ainda responder a algumas perguntas. Deve ser melhor explorada em trabalhos futuros a relação entre a prosodização de “aí” como um IP independente e a possível veiculação de atitudes do falante ao produzir esse tipo de estrutura. Deve-se investigar também a influência da velocidade de fala variada das informantes na produção de “aís” integrados. Acreditamos ter dado um passo à frente em relação ao conhecimento que se tem sobre o comportamento de “aí”, mas sabemos que novas pesquisas devem ser realizadas, a fim de se obter uma compreensão mais integrada da sintaxe, do discurso e da prosódia do item.

Referências bibliográficas:

ABAURRE, M. B. M. Acento frasal e processos fonológicos segmentais. *Letras de Hoje*, v.2, n. 31, p. 41-50, 1996.

AUDACITY TEAM. Audacity(R): Free Audio Editor and Recorder [Computer application]. Versão 2.2.1, disponível em: <https://audacityteam.org/>, 2017.

BARBOSA, P. A. & MADUREIRA, S. *Manual de Fonética Acústica Experimental*. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BECKMAN, M. & PIERREHUMBERT, J. Intonational structure in Japanese and English. *Phonology Yearbook*, n. 3, 1986.

BOERSMA, P. & WEENINK, D. Praat: doing phonetics by computer [Computer program]. Versão 6.0.29, acessado 25/05/2017, disponível em: <https://www.praat.org/>, 2017.

BRAGA, M. L. & PAIVA, M. C. Multifuncionalidade categorial e funcional da proforma AÍ. In: E. R. SOUZA (Org.). *Funcionalismo linguístico. Análise e Descrição*. 1ed. São Paulo: Editora Contexto, v. 2, 2012. p. 53-66.

CALLOU, D. & SERRA, C. Variação do rótico e estrutura prosódica. *Revista do GELNE*, vol. 14, no Especial, 2012. p. 41-58.

CARDOSO, S. *ET AL.* Atlas linguístico do Brasil – Volume 1 – Introdução e Volume 2 – Cartas linguísticas. Londrina: Eduel, 2014.

CASTELO, J. *A entoação dos enunciados declarativos e interrogativos no Português do Brasil: uma análise fonológica em variedades ao longo da Costa Atlântica*. Tese de Doutorado em Linguística. Lisboa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2016.

CHOMSKY, N. & HALLE, M. *The sound pattern of English*. New York: Harper and Row, 1968.

CRUZ, M., & FROTA, S. Prosódia dos tipos frásicos em variedades do Português Europeu: Produção e percepção. In: M. A. COSTA, I. FALÉ & P. BARBOSA (Eds.), *XXVI ENAPL: Textos Selecionados 2010*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2011. p. 208-222.

_____. On the relation between intonational phrasing and pitch accent distribution: Evidence from European Portuguese varieties. Proceedings of the 14th Annual Conference of the International Speech Communication Association (Interspeech 2013), Lyon, France, 2013. p. 300-304.

CUNHA, C. F. & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, C. S. *Entoação regional no português do Brasil*. Tese de doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 2000.

FANT, G. 1960. *Acoustic theory of speech production*. The Hague: Mouton.

FERNANDES, F. R. *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia*. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: IEL/UNICAMP, 2007.

FERNANDES-SVARTMAN, F. A entoação das sentenças clivadas em português brasileiro e a interface sintaxe-fonologia. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 14, 2012. p. 37-56.

FERNANDES-SVARTMAN, F. *ET AL*. Intonational phrasing across varieties of Portuguese. In Marisa Cruz, Pedro Oliveira & Sónia Frota (eds.), *Prosodic variation (with)in languages: Intonation, phrasing and segments*. Equinox Publishing, no prelo.

FONSECA, A. A.. O efeito do peso dos constituintes prosódicos na desambiguação de orações relativas reduzidas. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 8, 2010. p. 242-255.

_____. A prosódia no parsing: evidências experimentais do acesso à informação prosódica no input linguístico. Tese de Doutorado em Linguística. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2012.

FROTA, S. & VIGÁRIO, M. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In: R. V. CASTRO & P. BARBOSA (eds.). *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, v.1. Coimbra: APL, 2000. p. 533-555.

FROTA, S. *ET AL.* The phonetics and phonology of intonational phrasing in Romance. In: PRIETO, Pilar; MASCARÓ, Joan & SOLÉ, Maria-Josep (eds). *Prosodic and segmental issues in (Romance) phonology*. Berlin: John Benjamins, 2007. p.131-153.

FROTA, S. & CRUZ, M. (Coords). *Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese Webplatform* [<http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/>], (2012-2015).

FROTA, S. *ET AL.* Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In: S. FROTA, & P. PRIETO (Eds.), *Intonation in Romance*. Oxford: Oxford University Press, 2015a. p. 235-283.

FROTA, S. *ET AL.* *P-ToBI: Tools for the transcription of Portuguese prosody*. Lisboa: Laboratório de Fonética, CLUL/FLUL, 2015b.

FROTA, S. *Prosody and focus in European Portuguese: Phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing, 2000.

_____. Nuclear falls and rises in European Portuguese: a phonological analysis of declarative and question intonation. *Probus*, n.14 (1) (Special issue on intonation in Romance, edited by José-Ignacio Hualde), 2002, p.113-146.

_____. The phonological status of initial peaks in European Portuguese. *Catalan Journal of Linguistics*, n.2, 2003, p.133-152.

_____ (coord.). *InAPoP – Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese*, projeto financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Portugal (PTDC/CLE-LIN/119787/2010), (2012-2015).

GUSSENHOVEN, C. & JACOBS, H. *Understanding Phonology*. Londres: Hodder Arnold, 2011.

HAYES, B. & LAHIRI, A. Bengali intonational phonology *Natural Language & Linguistic Theory* 9(1), 1991, p. 47-96.

HEINE, B. *ET AL.* *Grammaticalization: A conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

LADD, D. R. *Intonational phonology*. Cambridge: CUP, 2008 [1996].

- MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conservação*. São Paulo: Ed. Ática. 1991 [1986]
- MARTELOTTA, M. E. *Os Circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 1994.
- MICROSOFT EXCEL. Excel [Computer program]. Versão Excel, 2013.
- MORAES, J. A. The pitch accents in Brazilian Portuguese: analysis by synthesis. Proceedings of Speech Prosody. Campinas: Brasil, 2008, p. 389-398.
- MOTTA, A. S. *Comportamento Prosódico e Acústico das Perguntas de Confirmação "né?" no Falar Carioca: Fala Espontânea e Leitura*. Trabalho de conclusão de curso. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 2017.
- NESPOR, M. & VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 2007 [1986].
- PIERREHUMBERT, J. *The phonology and phonetics of English intonation*. PhD Thesis. Massachusetts: M.I.T., 1980.
- PIERREHUMBERT, J. & BECKMAN, M. *Japanese Tone Structure*. Cambridge MA: MIT Press, 1988.
- PITRELLI, J., BECKMAN, M. & HIRSCHBERG, J. Evaluation of prosodic transcription labeling reliability in the ToBI framework. In: Proceedings of ICSLP-94, v. 2, Yokohoma, 1994. p. 123-126.
- R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. Disponível em <<http://www.R-project.org/>>, 2013.
- RATH, R. *Kommunikationspraxis*. Gottingen, Vandenhoeck & Ruprecht. 1979.
- REHBEIN, J. Sprechhandlungsangeme: Zur Organization der Horersteuerung. In: WEYDT, H., ed. *Die Partikeln der deutschen Sprache*. Berlin, Walter de Gruyter, 1979. p. 58-74.
- RISSO, M., SILVA, G. M. O. & URBANO, H. Traços definidores dos Marcadores Discursivos. In: C. C. A. S. JUBRAN & I. G. V. KOCH (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – v.I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 403-425.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

ROSIGNOLI, C. C. *O padrão entoacional das sentenças interrogativas da variedade paulista do português brasileiro*. Dissertação de mestrado em Filologia e Língua Portuguesa. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2017.

SCHIFFRIN, D. *Discourse Markers*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1986.

SELKIRK, E. *Phonology and Syntax: The Relation between Sound and Structure*. Cambridge: The M.I.T. Press, 1984.

SERRA, C. R. & CALLOU, D. A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades. XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Coimbra, APL, 2013. p. 585-594.

SERRA, C. R. *Realização e percepção de fronteiras prosódicas no Português do Brasil*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 2009.

_____. Fraseamento prosódico e percepção no português do Brasil: para o estudo dos estilos de fala. *Sitientibus (UEFS)*, v. X, p. 133-155, 2010.

_____. Marcas de rupturas no Português do Brasil: estrutura prosódica, estrutura entoacional e pistas acústicas. In: Yana Andreeva; Vesela Chergova; Donka Mangatcheva. (Org.). *Ecos da Lusofonia - Quinze Anos de Filologia Portuguesa na Universidade de Sófia Sv. Kliment Ohridski*. Sófia: Editora Universitária Sv. Kliment Ohridski, v. 1, 2012. p. 214-224.

_____. A interface prosódica-sintaxe e o fraseamento prosódico no português do Brasil. *Joss Journal of Speech Science*, v. 5, p. 47-86, 2016.

SILVA, G. M. O. & MACEDO, A. T. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: A. T. MACEDO; C. RONCARATI & M. C. MOLLICA (orgs.) *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

SILVA, J. C. B. *Caracterização prosódica dos falares brasileiros: as orações interrogativas totais*. Dissertação de mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 2011.

SILVESTRE, A. P. S. *"Se eu pudesse e se o meu dinheiro desse...": Desgarramento e prosódia no Português Brasileiro e no Português Europeu*. Tese de doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 2017.

SILVESTRE, A. P. S. *A Entoação Regional dos Enunciados Assertivos nos Falares das Capitais Brasileiras*. Dissertação de mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 2012.

SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge University Press, 1990.

TAVARES, M. A. A gramaticalização do aí como conector: indícios sincrônicos. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis: CPGLg, UFSC, v. 3, 1999. p. 129-141.

TENANI, L. E. *Domínios prosódicos do português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Tese de doutorado em Linguística. Campinas: IEL/UNICAMP, 2002.

_____. A importância da proeminência da frase fonológica no Português Brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, 2004. p. 289-318.

TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization. Volume I: Focus on Theoretical and Methodological Issues*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1991.

VIANA, C. & FROTA, S. (cords.) *Towards a P_ToBI*. 2007. Disponível em: www.fl.ul.pt/dlgr/SonseMelodias/PaPI2007ToBIworkshop.

VIGÁRIO, M. Prosodic structure between the prosodic word and the phonological phrase: Recursive nodes or an independent domain? In: *The Linguistic Review* 27, p. 485-530, 2010.

VINCENT, D. *Les ponctuations de la langue*. Montreal, Université de Montreal. Ph. D. dissertation, 1983.

Anexo único

Corpus de fala espontânea (aí)

AR1: Mas a mãe insiste e tal. Aí o avô chega...

AR2: Fala pro menino que ele vai contar uma história pra ele. Aí ele pega o livro “A Princesa Prometida”.

AR3: Na verdade, ela nem sentia que ela não gostava dele. Aí esse garoto...

AR4: Ela acha que ele morreu. Aí passam cinco anos.

AR5: E eles percebem que eles tão sendo seguidos por um navio pirata. Aí o... tinha um gigante.

AR6: O gigante, ele era tão forte que ele carregava o cara baixinho, o outro e a menina nas costas. Aí ele ia puxando a corda...

AR7: E começa a subir sozinho e vai muito rápido. Aí o baixinho...

AR8: E aí o cara vai subindo, vai puxando a corda... Aí, quando chega lá em cima, o cara que luta esgrima deixou ele descansar pra que...

AR9: O cansaço não tirasse a glória dele da vitória. Aí depois que ele descansa...

AR10: Que esse cara tinha matado o pai dele. Aí eles lutam e acaba que esse pirata...

AR11: O gigante foi ficando sem ar, sem ar e caiu. Aí a próxima etapa seria encarar o cara gigante.

AR12: Cara baixinho. Aí o cara tá esperando na frente de uma mesa com uma taça.

AR13: Mas eu sou muito inteligente, eu duvido você vencer a minha inteligência. Aí o pirata vai...

AR14: Coloca uma taça pro cara e uma pra ele e fala pro cara escolher a taça que queria. Aí o cara começa a discutir, falar um monte de coisa...

AR15: Começa a discutir, falar um monte de coisa... Aí ele fala “Ah, você espera que eu vá beber minha própria taça...”

AR16: Aí então, ele fica nessa discussão. Aí depois o cara decide...

AR19: Então, era aquele carinha que ela era apaixonada. Aí ela se joga e vão os dois rolando na ladeira.

AR20: Aí ela se joga e vão os dois rolando na ladeira. Aí eles conversam e discutem um pouco, né

AR21: Do negócio de fogo, porque ele escutava o barulho. Aí conseguia empurrar.

AR24: E ela voltaria com ele. Aí o rei concorda e leva a menina embora.

AR26: Tipo um curandeiro, né... Aí o cara tinha umas poções lá.

AR27: O outro de volta à vida. Aí o cara falou só se fosse por um motivo que valesse a pena.

AR28: Então, ele odiava o rei. Aí eles começam a inventar histórias de que o cara tinha não sei quantos filhos doentes...

AR31: E aí o cara fala “Amor verdadeiro”. Aí o cara falou “Ah, isso não é um motivo pra... pra salvar a vida de ninguém, não”.

AR32: Aí começa a correr atrás dele, dizendo que era mentira, que ele era horrível. Aí trazem o cara de volta à vida.

AR33: E os caras ficam com medo do homem gigante pegando fogo. Aí eles conseguem entrar no castelo.

AR35: E aí eles amarram o rei na cadeira. Aí depois que o rei percebe que ele tava todo fraquinho e que não ia conseguir fazer mal algum a ele.

AR36: E nisso o cara da esgrima encontra o cara de seis dedos. Aí eles conseguem... Começam a lutar...

AR37: O gigante vai pegando todo mundo e conseguem os cavalos. Aí no final eles pulam da janela...

AR38: Porque na minha cabeça eu ia poder traduzir e dançar ao mesmo tempo. Aí cheguei na faculdade...

AR39: Que me incentivasse, vamos dizer assim, na minha cabeça. Aí quando acabou o primeiro período, eu fui bem na matéria dela...

AR40: Mandeí um e-mail pra ele dizendo que eu aceitava. Aí ele marcou um... Uma reunião comigo.

AR42: Li tudo, consegui rodar o experimento e consegui me preparar pra JIC. Aí tirei 10 na JIC.

AR44: Eu falava “Não vai dar tempo”. Aí eu largava o livro.

AR45: Sempre tava lá pra ajudar. Aí depois...

AR46: Eu acho que era “Como queira”. Aí o cara, ele é levado pra algum lugar.

AR48: Tirava um ano da vida do cara e o cara gritava muito de dor. Aí no castelo, a princesa começa a discutir com o rei.

AR49: Tinha pouco tempo. Aí eu consegui estudar.

IC1: Se tá namorando e tudo mais. Aí ela simples... Ela fala que é mulher e simplesmente pergunta o que que ele fez.

IC2: O que as pessoas perguntam logo de cara. Aí ele conta com detalhes o que ele fez.

IC3: Aquelas coisas de filme. Aí pra me encaminhar pro final...

IC4: Abrir uma janela na parede que não poderia. Aí eles mandam quebrar...

IC5: Aí eles mandam quebrar... Aí constroem a janela...

IC6: Do prédio, com algum anúncio. Aí eles fazem algumas brincadeiras...

IC7: Porque é um anúncio de cueca. Aí fica bem no lugar da cueca.

IC8: Aí fica bem no lugar da cueca. Aí no do Martín, por exemplo, tem uma seta.

IC9: Umas brincadeiras assim. Aí... Eles abrem a janela...

IC10: Desce até de elevador nessa vez. Aí é pra fazer referência...

IC11: E aí ela simplesmente para de frente pra ele e ri. Aí ele tá com a cachorrinha...

IC12: Bem filme desse estilo. Aí o filme acaba simplesmente assim.

IC13: Eles botam a música. Aí os dois tão dublando como se fosse um vídeo do Youtube mesmo.

IC14: Dançando um com outro... Aí você vê que tipo...

IC15: Então, eu decidi ir por Letras: português-espanhol. Aí eu aprovei pra UFRJ no início de 2011...

IC16: E em 2016, eu me formei. Aí antes de ter a colação de fato...

IC17: Participei do processo seletivo do mestrado; passei. Aí comecei antes de me formar...

JP1: Pessoas que trabalham nesse castelo. Aí já passa pra questão do povoado onde a Bela...

JP2: E ela fecha a porta e tal. Aí depois disso, ela sai da casa...

JP3: Tá o Gastão... Vê isso, mas não faz nada. Aí vem a cena também do pai...

JP4: Por favor, me traz uma rosa. Aí ele “Tá bom”.

JP6: Tipo de... de ação. Aí ele olha os utensílios...

JP7: “Nossa! Que bonito!” e tal. Aí ele vai andando pelo castelo, entra no...

JP8: E vê o piano tocando sozinho. Aí meio que acha estranho e tal.

JP9: Mas ele sai (e) tal. Aí fala assim...

JP10: Fica um pouco. Aí depois ele continua andando...

JP11: Assim como se tivessem feito pra ele. Aí ele “Ai, que maravilha!”

JP13: Pega e falou pro cavalo “Vamos embora” e tal. Não sei que. Aí na saída do castelo, ele vê uma roseira, né

JP14: Ele fala “Ah, a rosa da Bela”. Aí ele lembra...

JP15: Ela não entende. “Ele quem? Ele quem?” e tal. Aí ele falou...

JP16: “É, aqui é assim. Por uma rosa, eu tô condenado pra sempre”. Aí o... A Fera fala...

JP17: Primeiro ela pede pra ele vir pra luz pra ela ver a cara dele. Aí ele... Ela... Ele não vem...

JP18: “Vai viver sua vida”. Aí ela “Como eu vou me esquecer de você?”

JP19: “Eu vou escapar”. Aí o... A Fera fala “Tá bom”.

JP20: Ela se assusta, pega o banco e taca em cima dele. Aí ele fala assim...

JP22: Eles vão conversando com ela, explicando e tal. Aí ele fala assim...

JP23: “Onde tá o seu quarto”. Aí o relógio fala...

JP24: Então, tipo não existe ala oeste. Aí ela entendeu que tipo...

JP25: Ela entendeu que tinha alguma coisa ali errado. Aí ela vai pro quarto...

JP26: O armário. Aí o armário começa a falar...

JP27: Começa a cantar e ela leva um susto também. Aí fala “Nossa! Uma mulher!”

JP28: “Eu vou te vestir igual uma princesa”. Aí pega todas as...

JP29: Ela inclusive sai por baixo porque era um... Uma estrutura mesmo. Aí põe aquela peruca de antigamente...

JP31: E fala com a escova. Aí o Horloge, que é o relógio, ri e fala assim...

JP33: “Quem armou isso?” e tal. Aí o Lumière fica “Calma, amo! Calma!”

JP35: Chama ela pra jantar. Aí ele sobe...

JP36: E fala assim “Vai jantar comigo agora!” Aí os utensílios falam assim...

JP37: Pra tentar sair dali. Aí eles falam assim...

JP38: E ela tentando fugir. Nem um pouco assustada, né? Assim... Aí ele bate...

JP39: “Nunca vou jantar com você” e tal. Aí ele fica com raiva...

JP40: E pega uma espadinha assim. Aí o Lumière brinca com ele...

JP41: “Ah, um dia eu ainda vou falar na cara dele” e tal. Aí ele fica...

JP42: E ela fala assim “Já disse que eu não vou atender! Já disse que eu não vou jantar com você!” Aí é o bule e a xícara...

JP43: Ela se diverte (e) tal. Aí ele... Ela...

JP44: “Desce ali, a gente fez... Preparou uma coisinha pra você comer” e tal. Aí ela falou...

JP46: E o Lumière “Não, a gente vai fazer um jantar”. Aí fala assim “Faz um banquete”.

JP47: “Faz um banquete”. Aí eles começam...

JP48: E fala “Ai, foi ótimo!” e tal. E sai. Aí o bule fala pra ela...

JP49: “Vai direto pro seu quarto”. Aí ela “Ah, tá bom. Vou direto pro meu quarto”.

JP50: E vai subindo as escadas. Aí o bule ainda dá ênfase...

LM1: O discurso do rei. Aí já mostra esse personagem...

LM2: Ela não diz quem ele é logo de cara, né... Aí depois ela fala que é o filho do rei...

LM3: E parece que nada vai funcionar, né... Aí depois de um certo tempo...

LM4: Aí depois de um certo tempo... Aí eu não lembro...

LM5: Então, a gente só escuta música clássica o tempo todo. Aí ele fica lendo, lendo, lendo...

LM6: Aí ele fica lendo, lendo, lendo... Aí chega um momento que ele se irrita com aquilo.

LM7: Porque eu faço isso pra todo mundo. Aí ele entregou.

LM9: Ele não ouve nenhum tipo de gagueira, né... Aí a esposa dele também ouviu aquela... A voz dele maravilhosa...

LM10: Ele lendo muito bem sem gaguejar. Aí ela olha pra ele; ele olha pra ela...

LM11: Porque ele não tem consultório como os outros fonoaudiólogos e tudo mais. Aí a amizade entre eles vai crescendo.

LM12: Era uma pessoa que se dizia ser fonoaudióloga. Aí foi um momento de tensão no filme.

LM13: Quando as pessoas voltavam pra casa cheias de sequelas e tal. Problemas na fala. Aí esse cara, ele percebeu que ele tinha essa habilidade...

LM15: Eu não dei muita atenção. Aí recentemente eu vi.

LM16: Eu me saí razoavelmente bem no curso. Aí fui procurar ele no semestre seguinte.

LM17: Era o meu segundo ano na Faculdade de Letras, né? Aí eu falei com ele, né...

LM19: O professor João de Fonologia, Fonética e Fonologia. Aí ele falou...

LM20: Parecia realmente que ele tinha uma admiração pelo João assim fora, fora do comum. Aí eu fiquei curiosa, né...

LM21: Com o professor João Moraes. Aí me inscrevi na matéria.

LM22: E ao mesmo tempo bem sério na hora de ensinar o conteúdo. Aí eu fui gostando...

LM23: Admiração por quem ele era profissionalmente. Aí eu falei com ele no final do terceiro... terceiro período.

LM25: Isso foi final de... Final do terceiro período. Aí ele falou assim...

LM27: Pra mim, virou um compromisso. Aí eu voltei a procurar o João.

LM28: Isso era 2009, mas segundo semestre. Aí ele ficou surpreso de eu ter voltado.

LM29: Eu voltei. Aí ele me convidou pra assistir um curso na Pós-Graduação.

LM30: Ou faz Pós-Graduação ou trabalha com isso. Aí eu fui assistindo o curso de Pós-Graduação.

LM31: Eu achava que ele era um cara que tinha muito o que me ensinar. Aí depois de um certo tempo...

LM32: Ele viu que eu continuei no curso. Aí eu fui acompanhando...

LM33: Aí eu fui acompanhando... Aí ele me perguntava...

LM35: Você aprende... Aí de repente no próximo semestre... Daqui algum tempo, você fala “Ah, esqueci como fazer aquilo”.

MF1: Que é um cara, enfim, pobre... Lá, ferrado da vida. Aí ele ganha uma entrada...

MF4: Meio que querendo... Sei lá... Se jogar... Aí é quando ele salva ela...

MF5: Daí eles vão pra um jantar. Aí o carinho lá...

MF6: E aí já sabem que vão afundar. Aí é aquela loucura no navio.

MF10: A água tá subindo. Aí tem uma parte que eles chegam numa porta...

MF11: Alguém não quer abrir a porta. Aí tem uma porção de gente.

MF12: Aí tem uma porção de gente. Aí a chave cai...

MF15: Enfim, eles saem, chegam lá em cima no navio. Aí o... A Rose até chega a entrar num bote.

MF16: O bote começa (a) descer... Aí ela fica olhando...

MF17: Enfim, desiste de ir embora... Aí volta pra dentro do navio.

MF18: Tinha se perdido dos pais. Aí pega a criança como se fosse filho ou qualquer coisa do tipo dele pra poder...

MF20: Enfim, muito frio... Aí até que aparece uma porta.

MF21: Acho que é uma porta, alguma coisa (a)ssim. Aí a Rose...

MF25: Enfim, tava muito frio. Aí ela empurra ele assim.

MF27: Aí ele vai descendo assim, se afogando. Aí ela começa a tentar pedir socorro.

MF28: Aí ela começa a tentar pedir socorro. Aí ela começa a falar algumas coisas...

MF30: Que eles vão pegando as pessoas no mar. Aí as pessoas tão mortas, congeladas e tem um bebê inclusive.

MF32: Enfim, ela consegue ser resgatada... Aí eles vão em um outro navio que tava passando lá...

MF35: Aparecem assim algumas fotos dela e tudo mais. Aí meio que mostrando, né...

MF36: E aí foi quando eu comecei a pensar em carreiras alternativas. Aí pensei em várias coisas.

MF39: De uma carreira assim que eu tinha ideia, né? De fazer... Aí comecei a atirar pra todos os lados...

MF41: Fazia curso de inglês, fora da escola. Aí um dia assim...

MF44: Acho que tá escolhido, né? Aí fiz o vestibular...

MF45: Aí fiz o vestibular... Aí passei e tal e...

MF47: Porque na UERJ é só inglês. Aí só que todo mundo falou...

MF48: Porque federal vai pesar mais pra você e tudo mais. Aí eu escolhi vir pra UFRJ por isso...

MF49: Nem sei que que é uma oração subordinada direito... Mas enfim... Aí chegou aqui...

MF50: As duas coisas, em algum programa lá de computador. Aí falei “Ah, quero” e tal...

MF51: Aí falei “Ah, quero” e tal... Enfim... Aí comecei fazendo esse trabalho.

MM1: Desde a decolagem até o final. Aí aparece ele falando com a torre.

MM2: Pra poder testar caso ele peça pra fazer alguma coisa. Aí ele pede pra fazer a mesma coisa...

MM3: E aí depois é que ele resolve tentar voltar pra algum lugar. Aí ele pede pra fazerem o mesmo procedimento, né...

MM5: Eu resolvi fazer. Aí gostei da faculdade.

MM6: Tava perfeito pra mim. Aí fiz a segunda prova.

MM7: Ele era a autora da maioria dos textos que se usa nessa matéria e em algumas outras. Aí a gente fica tipo sem graça...

MM9: E vou procurar alguém menos popular, digamos assim, pra fazer. Aí acabou o período...

MM10: Achava que eu podia ser uma boa pesquisadora. Aí assim...

MM11: Agora, eu tenho que passar nas outras, sabe? Aí eu fiz as outras com (o) maior cuidado do mundo.

SS1: Da história. Aí um dia...

SS3: Ser fera pro resto da vida. Aí a Fe... A Bela...

SS4: Que era uma forma que ela teria de estar sempre próxima a ele e lembrar dele. Aí ela vai.

SS5: Literatura nunca foi meu forte. E tá. Aí passa...

SS6: Acadêmica fora de sala de aula. Aí eu gostei...

SS7: E nenhuma das duas coisas me interessava. Aí eu comecei a...

SS8: Era sujeito. Aí ela... Ela mesmo falou...

SS9: Que eu imaginei que ela trabalhasse com isso. Aí ela veio...

SS11: Aí tá. Aí passou um tempo.

SS12: Aí passou um tempo. Aí eu mandei um e-mail pra ela.

SS14: Mas eu fui. Aí cheguei lá e...

SS15: E tá. Aí eu fui, escrevi minha monografia...

JS1: Ficamos lá durante algum tempo. Aí por... Novamente a vida muda.

JS2: Nesse meio tempo, a minha mãe casou novamente. Aí essa pessoa, né...

JS3: Eu tinha, não é? Uma família que me apoiava. Aí chegou a época do vestibular...

JS4: Li. Aí vi “É, realmente isso que eu quero fazer”.

JS6: Fiz, não é? Aí quando eu terminei a graduação, eu já estava no mestrado pro ano seguinte.

JS7: Que eu tinha que dar aula. Aí eu “Meu deus, e agora...”

JS8: Então, eu aprendi. Aí o meu segundo semestre lá foi ótimo, tranquilo...

JS9: Foi realmente a minha (a)prendizagem. Aí no ano seguinte, o meu sonho era dar aula aqui na UFRJ.

JS10: Eu lembrei desse pensamento. Aí eu pensei “Poxa, mas como é que eu poderia imaginar que um dia eu seria professora daqui...”

JS11: Que felizes aqueles que aprendem o que ensinam. Aí eu fiquei “Nossa! Então, realmente eu devo ser muito feliz”.

JS12: Até que esse professor falou “Faz”. Aí eu “Por que que eu não posso fazer...”

JS14: Que foi minha professora. Aí eu “Professora...”

JS15: Não com essas palavras, mas mais ou menos isso. Aí eu fui.

JS16: Trabalhei dez dias. Depois mais uma semana pra voltar. Aí cheguei aqui.

JS17: Foi em maio. Aí eu fiquei mais feliz ainda.

JS18: Eles ficavam dizendo “Cê vai gostar”. Aí eu “Tá”.

JS19: A aluna me mandou pra aquele lugar. Aí eu “Quê?! Desce agora!”

JS20: “Desce agora!” Aí ela desceu.

JS21: Mas aí as contas reapareceram. Aí eu voltei.

PS1: Deitado num afloramento. Aí a gente falou assim “Ok. A gente não vai pra lá”.

PS2: Começou o pânico, né? Aí o professor falou assim “Não”.

PS3: Tem que ter outro jeito. Aí a gente entrou.

PS4: A boiada tinha mais de cinquenta cabeças. Aí eu...

PS6: A gente pegou o caminho errado. Aí a gente se perdeu...

PS7: Não tem poluição, não tem nada. Aí a gente conseguiu olhar o céu e ver o céu bem estrelado, mas...

PS9: Aí a gente andava um pouquinho. Aí eles ficavam parados.

PS10: A gente andava. Aí de repente eles começavam a correr em círculo entre a gente.

PS11: Aí parava. Aí a gente continuava andando.

PS12: E eles correndo em círculo em volta da gente. Aí eles paravam.

PS13: Aí eles paravam. Aí a gente andava, andava, andava...

PS15: Cada matéria tem um professor. Aí o professor tava subindo e explicando a sequência que tinha...

PS16: “Vai ser num dia de sol”. Aí a gente descendo o morro, né...

PS18: Porque tava come... Tava chovendo muito. Aí do nada a gente só começa a sentir as...

PS19: Pancadas, né? Aí que a gente olha, tá chovendo granizo.

PS20: A gente correndo junta. Aí ela me pergunta...

PS21: Aí tava um depois do outro atravessando na pinguela. Aí eu “Não acredito”.

PS22: Quentinho... Aí esse meu amigo pegou...

PS24: Ele foi solidário à nossa dor. Aí ele falou assim...

PS25: E aí todo mundo molhado. Aí o nosso motorista virou e falou assim “Cara, vocês tão muito molhados”.

PS26: Todos os meus casacos estavam dentro da van. Aí eu peguei meu casaco.

SC1: E daí levei ponto e tudo. Aí tem foto.

SC2: E aí depois. Aí eu tenho lembrança.

SC3: Porque a porta bateu. Aí...

SC4: Tinha que levar ponto. Aí eu tenho uma cicatriz aqui, uma cicatriz aqui...

SC6: E resolvi fazer Letras: português-inglês. Aí o fran... Tava terminando o curso básico de francês.

SC7: Queria mesmo. Aí quando chegou na faculdade.

SC8: Foi só uma coisa assim que foi muito diferente do que eu tinha visto. Aí eu comecei a fazer iniciação científica, gostei...

SC9: Aí eu comecei a fazer iniciação científica, gostei... Aí quis fazer pes... Continuar fazendo pesquisa...

SC10: Daí um dia ela falou “Olha, não me chama de senhora, não”. Aí eu “Tá bom, professora”.

SC11: “Queria conversar com você”. Aí um dia já...

SC12: Foi no primeiro ano. Aí um dia ela virou pra mim e falou...

SC13: “Tá bom, professora”. Aí ela riu e tudo.

SC14: Ainda mais Campinas que era bem diferente do Rio de Janeiro. Aí depois eu fui morar nos Estados Unidos.

SC15: “O que que a gente pode fazer. Aí todo mundo foi respondendo e eu não.

SC16: “Você tem que ter uma opinião”. Aí eu...

SC17: “Se todo mundo achar que é a segunda, pra mim tá bom também”. Aí ele falou “Não, você tem que tomar...”

SC18: “Então, você toma uma posição pra gente poder andar o curso”. Aí eu tomei uma posição, a posição da maioria.

SC19: “[...] você não consegue dizer que fulano tá errado”. Aí eu me lembro que na qualificação eu falava assim...

Corpus de fala espontânea (e aí)

IC19: Que você tem que encontrar o bonequinho. E aí ela... Ao longo do filme, ela fala que ela sempre amou aquele livro.

IC20: Ela usa tudo e não encontra. E aí no final...

IC21: Ela desce de elevador e perde esse medo. E aí ela simplesmente para de frente pra ele e ri.

IC22: Então, eu resolvi aceitar. E aí comecei o mestrado...

IC23: Passei no processo seletivo. E aí desde...

IC24: Em alguma coisa. E aí eu já tava com a Linguística Gerativa pro espanhol.

IC25: E aí eu já tava com a Linguística Gerativa pro espanhol. E aí foi o que me encaminhou pro mestrado.

MM12: Entram várias aves na turbina. E aí quebram tipo todas as turbinas.

MM13: Mas ele infelizmente não consegue. E aí ele acaba fazendo uma manobra...

MM14: A opinião pública não deixa que eles sejam absolvidos assim tão fácil. E aí eles vão até o final do filme...

MM15: Quando o avião decola, tem alguém controlando, né? E aí as pessoas envolvidas na torre de comando, os responsáveis pela investigação e tudo mais.

MM16: Enfim, todas quebrando. E aí... Tentando voltar pra um dos aeroportos perto.

MM17: Parecendo super errado. E aí ele pede pra ouvir a caixa preta.

MM18: No avião, que mostra todos os procedimentos que cê deve fazer caso aconteça isso ou aquilo. E aí o copiloto lendo e ele fazendo cada uma das coisas.

MM22: Como se tivesse tentando outras coisas. E aí depois voltar.

MM23: Percebe que ele tinha feito tudo de certo mesmo. E aí até eles falam que nunca tinham visto nada parecido e que realmente...

MM24: Nunca tinham visto nada parecido, que ele realmente tinha sido um herói. E aí ele acaba o filme sendo super aclamado.

MM25: Fica tudo bem. E aí no final até aparece o próprio Sully, né...

MM26: Porque quem faz no filme é o Tom Hanks. E aí aparece o próprio Sully de verdade...

MM27: Eu quis fazer tipo todo tipo de atividade possível. E aí chegando mais pro final do ano, assim...

MM28: Em que áreas pode atuar. E aí... Lendo essas revistinhas, eu fui...

MM33: Ela era tipo a pessoa mais didática que eu já tinha conhecido na faculdade, sabe? E aí... Fiz a primeira prova e...

MM34: Mas eu via algumas pessoas fazendo pesquisa. E aí eu falei “Cara, eu tinha que pesquisar com ela”.

MM35: Depois desse período que eu fiz Sintaxe com ela. E aí nas férias, eu recebi um e-mail da Maria Eugênia.

MM37: Porque eu nunca tinha falado nada disso. E aí no e-mail...

MM39: É, o anteprojeto do mestrado. E aí... Me inscrevi...

MM40: Enfim, passei. E aí quando eu passei na primeira...

MM41: Tipo, eu perguntei estratégias pras pessoas que já tinham feito. E aí só fiquei com elas na cabeça e, na hora da prova, tentei usar todas elas.

SS16: E houve uma tempestade muito grande na floresta, quando ele estava voltando. E aí ele encontrou lobos.

SS17: Ele e o cavalo. E aí... No meio do caminho...

SS18: Ela virou uma fera. E aí ele encontrou...

SS19: Um utensílio, né? E aí... Quando ele... Encontrou eles e tudo mais...

SS20: Nunca mais sairia dali. E aí ele ficou muito desesperado, quis ver a filha dele.

SS21: E virou presidiária. E aí começa toda a história de amor que...

SS22: Com tanta rispidez. E aí... Ele apresenta a biblioteca pra ela.

SS23: O mundo através daquele espelho, o que ele quer. E aí... Quando a Bela pede pra ver o pai dela...

SS24: De uma fera. E aí o Gaston...

SS25: Ele não vai casar com a filha dele. E aí ele prende o...

SS26: Numa floresta. Tomando chuva, enfim. E aí a Bela consegue...

SS27: Ficar a par da situação. E aí... Quando ela vê, ela fica muito triste, chateada, desesperada...

SS28: Procura o pai e tudo mais. E aí na aldeia, quando ela chega...

SS29: Que ambos precisam ser internados num hospício, né? E aí... Eles prendem os dois numa...

SS31: Mas quando ele tá lá embaixo, ele pega uma arma e atira na Fera. E aí a Fera, né...

SS32: Porque ela, né? Retoma o feitiço. E aí a Bela beija a Fera.

SS33: O feitiço acaba. E aí tem um baile.

SS34: Ganham a oportunidade de voltar a viver. E aí tem um baile.

SS35: A amizade de ninguém. E aí ele passa pro lado do bem.

SS38: E foi passando. E aí eu precisava...

SS39: Que desse sintaxe, que eu soubesse que trabalhasse com sintaxe. E aí eu... Eu tinha feito um trabalho...

SS40: O sujeito. E aí eu fui falar com ela.

SS41: Duas coisas ao mesmo tempo não daria certo. E aí eu começava com ela.

SS42: Eu vi com toda a turma. E aí eu gostei.

SS43: E já tinha me desvinculado. E aí... Chegou o...

SS44: Então, eu já tava totalmente com a Mônica. E aí eu tentei, né...

SS45: E estudei bastante e passei. E aí... Já tinha acabado a minha...